

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROPOSTA PROJECTO FINAL DE MESTRADO

PROJECTAR COM LUZ, COR E MATÉRIA COMO MODELAÇÃO ESPACIAL:
UNIDADE DE TERAPIA OCUPACIONAL DA FREGUESIA DE SANTIAGO, LISBOA



Inês Maria Ferreira de Bragança

Projecto para a obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura
com Especialização em Arquitectura de Interiores

Orientador Científico: Professor Doutor João Pernão

Lisboa, FA UL, Janeiro 2014

AGRADECIMENTOS

Em Setembro de 2007 iniciei uma nova viagem como estudante ao entrar na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. O percurso não foi linear mas entre curvas e contra curvas cheguei à recta final.

Agora dedico breves linhas a todos aqueles que fizeram parte deste meu percurso, académico e humano, que tantas vezes me pareceu interminável.

Começo por agradecer ao meu orientador Professor João Nuno Pernão pela sua dedicação absoluta ao longo de todo este trabalho, mas sobretudo pela sua sensibilidade humana e inteligência emocional.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram para no meu crescimento enquanto aluna universitária mas também a todos aqueles que me conduziram até este patamar – um especial agradecimento à Dra. Maria Luísa Albuquerque. Agradeço ainda a todas as pessoas que tornaram este projecto exequível e sustentado, à Arquitecta Fátima Basílio e ao Fotografo José Leonardo da empresa Teixeira Duarte - Engenharia e Construções, S.A., à Dra. Vânia Prates e Dra. Joana Pinto responsáveis pela Associação Portuguesa Terapeutas Ocupacionais e ainda à empresa CIN. Agradeço ainda à Dra. Sílvia Pedralva pelo apoio, confiança e dedicação.

Não posso deixar de agradecer a amizade, camaradagem e laços de cumplicidade criados com alguns colegas ao longo de todo o curso, mas também a todos aqueles que embora não entendessem as minhas frustrações, alegrias e alucinações arquitectónicas estiveram sempre lá – um enorme obrigada à grande amiga Sofia Pereira

Agradeço ao Diogo que tornou a minha viagem muito mais feliz. Finalmente agradeço a toda a família de sangue e de coração, mas em especial aos meus pais, ao meu irmão Ivo e companheira Mimi que ao longo desta caminhada foram “rede” que amparou as minhas quedas e as tornou menos dolorosas. Juntos acreditámos que seria possível.

RESUMO

Título: Projectar com luz, cor e matéria como modelação espacial: Unidade de Terapia Ocupacional da Freguesia de Santiago, Lisboa

Candidata: Inês Maria F. de Bragança

Orientador Científico: Professor Doutor João Pernão

Data: Janeiro, 2014

Esta investigação tem como objectivo definir e aplicar em projecto, parâmetros para a criação de espaços de conforto que permitam, de forma íntima, relacionar o utilizador e as atmosferas que o rodeiam. Procura-se compreender como é que através da modelação dos espaços pela luz, cor e matéria, conseguimos ajudar a reconquistar a proximidade com a arquitectura. Este trabalho enfatiza também, como os espaços e as suas características, são capazes de influenciar a nossa vivência e interacção com os mesmos.

Sendo o Antigo Palácio dos Condes de Tentúgal, o objecto de trabalho, pretende-se que ao intervir no construído, consigamos adequá-lo a um novo uso e destacar as qualidades espaciais do lugar, através da modelação pela luz, cor e matéria. Assim, propõe-se a reconversão do antigo Palácio num espaço de para a comunidade da freguesia de Santiago, numa Unidade de Terapia Ocupacional

Este programa decorre da reflexão sobre um problema social - a solidão e a perda de competências diárias de uma população idosa - e propõe soluções formalizadas através do projecto. Foram ainda retirar algumas ilações sobre a forma como o enquadramento teórico e a reflexão efectuada se materializaram em projecto de forma a constituir uma experiência documentada para futuros trabalhos sobre este tema.

PALAVRAS-CHAVE

Reabilitação Arquitectónica, Luz, Cor, Matéria, Espaço e Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Title: Projecting with Light, Colour and Matter as Spacial Modelation: Occupational Therapy Unit, of Santiago, Lisbon

Candidate: Inês Maria F. de Bragança

Dissertation Advisor: Professor João Pernão

Date: January, 2014

This dissertation proposes a reflection to apply in project parameters to create spaces with comfort and relate the user atmospheres surrounding it. It the perception of the space is done by modeling light, color and matter, to could be proximity to the architecture . This work also emphasizes as the spaces and their characteristics, are able to influence our experience and interaction with them.

Being the Old Palace of the Counts of Tentúgal , the subject of work, it is intended that by intervening in the built , able fits it to a new use and highlight the spatial qualities of the place. So, it is proposed to convert the former palace into a space for the community of the Santiago, a Unit of Occupational Therapy.

This program follows from reflection on a social problem - loneliness and loss of everyday skills of an aging population - and formalized through the project proposes solutions . Were still draw some conclusions about how the theoretical framework and reflection made materialized in the design to be documented for future work on this topic experience.

KEY-WORDS, Architectural Rehabilitation, Light, Color, Matter, Space, Occupational Therapy

AGRADECIMENTOS	ii		
RESUMO	iii		
ABSTRACT	iv		
1. INTRODUÇÃO	1		
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	1		
1.2 OBJECTIVOS	1		
1.3 METODOLOGIA	1		
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	2		
2. ESTADO DOS CONHECIMENTOS	3		
2.1 PROJECTAR PELA PERCEPÇÃO DA ARQUITECTURA	3		
2.1.1 SISTEMA SENSORIAL	3		
2.1.2 MEMÓRIA DO LUGAR	4		
2.1.3 O TEMPO DO ESPAÇO	5		
2.2 REABILITAÇÃO EM PRÉ-EXISTÊNCIAS	6		
2.2.1 IDENTIDADE DO EDIFÍCIO/FUNÇÃO	6		
2.2.2 NOVOS USOS	7		
2.3 TERAPIA OCUPACIONAL (T.O.)	8		
2.3.1 TERAPEUTICA	8		
2.3.2 REFERÊNCIA HISTÓRICA	9		
2.3.3 ENVELHECIMENTO ACTIVO	9		
3. DESENVOLVIMENTO	11		
3.1 ARQUITECTURA COM A MEMÓRIA DOS SENTIDOS	11		
3.1.1 CRIAÇÃO DE ATMOSFERAS ARQUITECTÓNICAS	11		
		3.2 PROJECTAR COM LUZ COR E MATÉRIA	12
		3.2.1 LUZ	12
		3.2.2 COR	15
		3.2.3 MATÉRIA	16
		4. PROJECTO PARA A UNIDADE DE TERAPIA OCUPACIONAL DO ANTIGO PALÁCIO DOS CONDES DE TENTÚGAL	17
		4.1 APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO	17
		4.1.1 ENQUADRAMENTO COM A ENVOLVENTE	17
		4.2 ANÁLISE FÍSICA E SENSORIAL	19
		5. PROPOSTA	21
		5.1 PROGRAMA E PROPOSTA DA INTERVENÇÃO NO ANTIGO PALÁCIO DOS CONDES DE TENTÚGAL	21
		5.1.1 ABORDAR O PALÁCIO	21
		5.1.2 PROGRAMA	22
		5.1.3 PROPOSTA	22
		5.2 DESCRIÇÃO SENSORIAL DO PROJECTO NA PERSPECTIVA DO UTILIZADOR	24
		6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
		BIBLIOGRAFIA	31
		ANEXO	35
		a) Neste anexo encontram-se imagens, fotografias, mapas, plantas e uma entrevista que podem revelar-se essenciais para uma melhor compreensão ou complemento da informação desenvolvida ao longo desta dissertação.	33
		b) Neste anexo encontra-se o levantamento como base do projecto Planta do edifício principal do Palácio (1876) Arquivo Municipal de Lisboa	39
		c) Neste anexo encontram-se esboços e modelos tridimensionais essenciais no desenvolvimento do processo de trabalho.	43
		d) Projecto de arquitectura: Peças finais desenhadas:	48

ÍNDICE DE FIGURAS

Ilustração 1: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Lisboa)	4	Ilustração 31 Elementos de estrutura urbana e arquitectónica - Casas apalaçadas (período anterior a 1755)	19
Ilustração 2: Sala dos fornos- Museu do Chiado Lisboa	4	Ilustração 32: Fachada principal do Palácio. (Fotografia feita pelo autor)	19
Ilustração 3: Abertura quadrangular na laje- Museu do Chiado, Lisboa	4	Ilustração 33: Portal com o brasão esculpido em pedra	19
Ilustração 4: Livraria Ler Devagar no Lx Factory, Aurora Arquitectos.	5	Ilustração 34 Pátio posterior. Fotografia aérea 30m do solo. Fotografia feita por José Leonardo da construtora Teixeira Duarte	19
Ilustração 5: Lx Factory, Exposição de Arquitectura Peter Zumthor	5	Ilustração 35: Varanda do antigo palácio Tentúgal na Rua do Limoeiro	20
Ilustração 6: Palácio dos Coruchéus (Lisboa)	6	Ilustração 36: Implantação do dois volumes e pátio	20
Ilustração 7: Mercado 1º de Maio (Évora)	6	Ilustração 37: Fachada posterior do Palácio (Fotografia do Arquivo intermédio de Lisboa)	20
Ilustração 8: Edifício "esventrado" Av. da República (Lisboa)	7	Ilustração 38: Edifícios A e B pertencentes ao Palácio	21
Ilustração 9: Edifício de escritórios na Rua António Maria Cardoso (Lisboa)	7	Ilustração 39: Amostra do reboco pintado fachada principal	22
Ilustração 10: Organograma das áreas de estudo da Terapia Ocupacional.....	8	Ilustração 40: Amostra da caixilharia em madeira dos vão do alçado principal.....	22
Ilustração 11: Castelo de São Jorge (Lisboa)- Registo arqueológico.	9	Ilustração 41: Pedra calcária da calçada e pedra basalto de pavimento da estrada.....	22
Ilustração 12: Sede Banco de Portugal, Lisboa	9	Ilustração 42: Amostra de corrimão em madeira dos varandins da fachada	22
Ilustração 13: Lar de idosos Alcácer do Sal. Arq. Aires Mateus	9	Ilustração 43: Folha de origem vegetal das árvores de pequeno porte da Rua de Santiago	23
Ilustração 14: Lar de idosos Alcácer do Sal. Arq. Aires Mateus	9	Ilustração 44: Fachada de pedra em que a luz atravessa entre frestas.	24
Ilustração 15: Passadiço em madeira. São Martinho do Porto em direcção a Salir.	11	Ilustração 45: Balcão de atendimento - recepção	24
Ilustração 16 Hospital do Mar com o novo corpo acrescentado	13	Ilustração 46: Cone de luz zenital	24
Ilustração 17: Edifício C6 Faculdade de Ciências (Lisboa)	13	Ilustração 47: Sala de expressão corporal - Caixas de luz.	24
Ilustração 18: Entrada de luz Museu do Cairo (Egipto).....	14	Ilustração 48: Escadaria principal - Bloco A	24
Ilustração 19: Luz zenital artificial. Hotel Baleeira (Sagres).....	14	Ilustração 49: Sala de espera ambiente.	25
Ilustração 20: Rasgo de luz que se espalha pelas paredes Gallarus-Castle (Irlanda)	14	Ilustração 50: Sala de espera duplo pé direito- mezanine	25
Ilustração 21: Fachada de um corpo de edifícios antigos. Havana (Cuba)	15	Ilustração 51: Escadas interiores - acesso à mezanine.	25
Ilustração 22: Plano de cores Hospital de Gelre	15	Ilustração 52: Comunicação do passadiço com a sala de espera	25
Ilustração 23 Escadas interiores do edifício Turun Sanomat, Arq. Alvar Aalto	16	Ilustração 53: Caixas de jardinagem.	25
Ilustração 24: Edifício revestido a azulejo na Praça do Martim Moniz	16	Ilustração 54: Passadiço metálico revestido a madeira.	26
Ilustração 25: Parede texturada com relevo - Siena (Itália)	16	Ilustração 55: Bloco B - corpo 1 e 2.	26
Ilustração 26: Edifício recuperado no Martin Moniz (Lisboa) revestido a azulejo	16	Ilustração 56: Zona de massoterapia e zona de treino no solo.....	26
Ilustração 27 Colina de São Jorge, Castelo de São Jorge. Foto tirada pelo autor	17	Ilustração 57: Equipamento de treino de equilíbrio.	26
Ilustração 28 Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa, Primeiro Tomo. Junta Distrital de Lisboa 1993	18	Ilustração 58: Espaço de hidroterapia.	26
Ilustração 29 Planta das antigas freguesias de Santiago, S. Bartolomeu e S. Martinho actualmente compreendidos na freguesia de Santiago. Nº 3 actual palácio. Andrade, F. (1948-1949)	18	Ilustração 59: Acesso ao passadiço pela Rua do Limoeiro.....	26
Ilustração 30: Santana, Francisco. Lisboa na segunda metade do século XVII. CML s/data	18	Ilustração 60: Comunicação visual entre compartimentos.	27
		Ilustração 61: Sala de Terapia cognitiva individual.	27
		Ilustração 62: Cadeiras de Terapia de Grupo.	28

Ilustração 63: Cafeteria- bloco B28

Ilustração 64: Escadas interiores piso 1 e piso 2.28

Ilustração 65: Utilização do mesmo material em diferentes pontos.28

1. INTRODUÇÃO

Tendo como referência os textos de Fernando Pessoa (Livro do desassossego 1913) e de Simone de Beauvoir (A força da idade 1929) podemos dizer que os anos passam os edifícios transformam-se e os homens envelhecem. Uns ganham novos usos os outros ganham novas experiências. Uns têm anomalias outros rugas. Ambos sentem o peso de uma vida apenas porque não criaram novos usos ou novos hábitos.

O presente texto agrega uma reflexão teórica indissociável de uma componente prática. Esta corresponde ao projecto de reabilitação do Antigo Palácio dos Condes de Tentúgal na Colina do Castelo, decorrente do exercício proposto pelos Professores Maria Dulce Loução e Fernando Salvador - *“Espaço interior na cidade – Lisboa das sete colinas: três intervenções”*. O projecto foi inicialmente desenvolvido no primeiro semestre do 5º ano no âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI e serviu como base para o Projecto Final de Mestrado.

Na decurso deste exercício, na Colina de São Jorge, foram identificados locais que revelaram potencialidades de intervenção para a requalificação do património e do tecido urbano. Dessa selecção escolheu-se o antigo Palácio dos Condes de Tentúgal implantado na zona Sudoeste de Alfama, pela suas características formais e estruturais bem como pelo seu diálogo com o lugar a sua envolvente. Posteriormente à sua utilização inicial como edifício de habitação, este local foi um laboratório de Biologia e Quimioterapia (desde 1940) e numa outra fase (até 2008) a sede de uma organização de apoio humanitário – Oikos. Actualmente encontra-se sem utilização.

Pensámos devolvê-lo ao uso e estima por parte dos habitantes locais. Na situação actual em que o envelhecimento da população Europeia representa um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas do século XXI, deverá haver uma alteração e adopção de diferentes estilos de vida e outras ofertas para a população. Portugal atinge valores históricos, em que um em cada cinco elementos da população tem 65 ou mais anos¹ tornando-se necessário prever espaços que acompanhem o

¹ Dados analisados pelo autor dos Censos 2011- Resultados Provisórios do INE (Instituto Nacional de Estatística). Acedidos a 29.10.2012 em <http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011>

“novo” contexto social. Pretende-se reabilitar o Palácio dos Condes de Tentúgal através de uma programa de Unidade de Terapia Ocupacional vocacionada para esse grupo demográfico, para que assim possa enquadrar-se numa nova ocupação em vez de se isolar da sociedade.

É também objectivo desta investigação estudar a luz, a cor e a matéria utilizando-os para potenciar ambientes de conforto e bem-estar proporcionando diferentes experiências sensoriais.

É também um objectivo, sendo este um projecto de reabilitação, reflectir sobre o diálogo entre a identidade histórica da pré-existência e as alterações a efectuar decorrentes do novo programa de utilização proposto.

Pretende-se ainda retirar algumas ilações sobre a forma como o enquadramento teórico e a reflexão efectuada foram materializadas em projecto de forma a constituir uma experiência documentada para futuros trabalhos sobre este tema.

A metodologia utilizada iniciou-se com levantamento do local de intervenção – Freguesia de Santiago, Antigo Palácio dos Condes de Tentúgal. Foi analisada a história do edifício e a sua envolvente (memória do lugar) através de uma pesquisa bibliográfica. Fizeram-se registos fotográficos e desenhos do local e recolheram-se ainda amostras de cores e materialidades existentes no local e na sua envolvente, como base para a parte prática do projecto.

Estruturou-se uma bibliografia especializada abrangendo os temas considerados relevantes, nomeadamente: luz, cor, matéria, Terapia Ocupacional. Procurou-se ainda eleger exemplos de casos de referência que apresentassem ligação com os temas em análise.

Numa fase posterior aplicou-se ao projecto prático, conceitos teóricos e conclusões retiradas da análise bibliográfica, através do desenho, representação digital e modelação tridimensional.

No desenvolvimento da representação foram feitos desenhos assistidos por computador e executados modelos. Numa fase final fez-se a avaliação crítica dos resultados obtidos e procedeu-se à formulação de considerações finais.

O enquadramento teórico deste trabalho divide-se em capítulos. No primeiro, capítulo da *Introdução* contextualiza-se a realização do projecto, do local e o tema que se pretende abordar. Neste capítulo expõe-se ainda a delineação dos objectivos que pretendemos alcançar, bem como a metodologia de trabalho e a organização da dissertação.

No segundo capítulo, *Estado dos conhecimentos*, fez-se um levantamento generalizado dos temas em análise, percorrendo vários autores que fazem reflexões sobre os temas de interesse. Este capítulo é dividido em três subtemas: a Criação de atmosfera, Reabilitação de edifícios em Pré-existências e Terapia Ocupacional.

No capítulo três, *Desenvolvimento*, é feita a aplicação de conteúdos estudados no capítulo anterior ao projecto, tendo como ponto de partida uma análise do objecto de estudo de modo a apoiar de forma sustentável as opções de projecto a criação de atmosferas de conforto.

No quarto capítulo, *Projecto para uma Unidade de Terapia Ocupacional no Palácio dos Antigos Condes de Tentúgal*, é apresentado o objecto de estudo em dois subcapítulos: análise histórica, enquadramento da envolvente, abordagem ao lugar, e análise física e sensorial.

No último capítulo, *V- Programa e proposta da intervenção no antigo Palácio dos condes de Tentúgal*, faz-se a explanação da intervenção no antigo Palácio dos Condes de Tentúgal apresentando primeiramente as estratégias e propostas seguida de uma descrição sensorial do projecto a nível do utilizador. No final da dissertação são apresentadas as, *Considerações Finais*, que descrevem os resultados obtidos e o caminho seguido, como resposta aos objectivos enunciados.

2. ESTADO DOS CONHECIMENTOS

Neste capítulo será feita uma análise e reflexão sobre alguns temas substanciais para o entendimento deste trabalho, através da síntese de diversos autores e projectos realizados. São abordados três principais temas, fundamentais para a execução deste estudo:

-Projectar pela percepção da arquitectura

- Reabilitação em pré existências

- Terapia Ocupacional.

PROJECTAR PELA PERCEPÇÃO DA ARQUITECTURA

A criação de atmosferas é indiscutivelmente um tema basilar em arquitectura, abordando diversas disciplinas. Diferentes autores procuraram criar uma definição para o tema, sabendo de antemão que não seria uma tarefa fácil. Pallasma (2005) definiu-a como *uma arquitectura multi-sensorial, directamente relacionada com o sistema sensorial dos seres humanos na experiência dos espaços edificados*. Entendendo-se atmosfera arquitectónica como uma experiência sensorial entre a envolvente construída e o ser humano, a sua interacção depende de diferentes factores tanto de carácter físico como psicológico. O espaço sofre mutações em que algumas podem ser controladas pelo projectista, prevendo assim as reacções do utilizador, embora existam outras, como o tempo, em que esse controlo não é possível. Poderemos dizer que nesta equação temos uma incógnita, a atmosfera que queremos criar, e dois valores, o espaço e o individuo. Ao contrário de um sistema matemático que apresenta um valor exacto, neste sistema o arquitecto terá de chegar a um resultado, através do estudo das várias condicionantes e características do espaço que podem ser controladas, conseguindo assim dar uma resposta ponderada.

Não poderemos pensar no objecto como dissociável do sítio onde está inserido, ele deve ser o resultado do desejo que os espaços se caracterizem por atmosferas com qualidades espaciais diferentes.

Zumthor (2009) questionava se um dado espaço poderia conter em si a capacidade de emocionar, ou se tudo dependeria do utilizador, da sua disposição. Acabou por concluir

que o arquitecto podia contribuir para a criação de atmosferas arquitectónicas, sublinhando a importância de diversos elementos para as concretizar. Para o autor ao criar atmosferas estamos inevitavelmente a interpretar valores pessoais, religiosos, culturais, educacionais entre outros. Quando criamos atmosferas arquitectónicas pensamos em escalas, massas, membranas, materiais, sons, temperaturas que dependerão de uma percepção que será sempre resultado da sensibilidade pessoal de cada um.

Todo o conhecimento inicia-se com sentimentos

Leonardo Da Vinci

Como nos diz Pallasma (2005) é essencial conseguir, através da arquitectura, reforçar a experiência existencial, a sensação de pertencer ao mundo para reforçar a nossa identidade pessoal. O autor lembra-nos que, para além da mera deferência dos clássicos cinco sentidos, a arquitectura envolve diversas esferas da experiência sensorial que se interagem e se interligam entre si. Inevitavelmente o arquitecto trabalha com todo o seu corpo e identidade pessoal que o torna envolvido com a sua experiência existencial. Muitas vezes vemos diferentes formas e materiais mas raramente nos apercebemos do quanto podemos vivê-las.

Recebemos informações sobre espaços para o qual olhamos mas a maioria do tempo não temos consciência dos sentidos que activamos nessa experiência. Rasmussen (2007) alerta-nos para o facto de não ser suficiente ver a arquitectura e que devemos também vivê-la, senti-la.

Qualquer um que tenha visto um lugar pela primeira vez numa foto e depois o tenha visitado sabe como a realidade é bem diferente. Sente-se a atmosfera à volta e já não se está dependente do ângulo do qual a fotografia foi tirada. Respira-se o ar do lugar ouvem-se os sons nota-se como eles são ecoados pelas casa que não vemos atrás de nós.

Rasmussen (2007)

As experiências boas ou más afectam a forma com vemos o mundo. Pernão (2012) lembra-nos que os cinco sentidos são, erradamente, considerados os únicos sentidos

que o homem tem, anulando sentidos que tantas vezes utilizamos numa relação directa ou indirecta com o mundo. São exemplo desses sentidos o sentido de equilíbrio, orientação, crítico, estético, justiça, que são comuns no nosso quotidiano, que “são obviamente outros sentidos não formalmente assumidos pela generalidade das pessoas” – Pernão (2012).

Na sociedade contemporânea a visão surge como o sentido mais importante, limitando e/ou incapacitando a possibilidade de entender o mundo para além das suas imagens. Embora a visão seja indiscutivelmente um sentido de muita importância, e até um prolongamento ou uma antevisão daquilo que o nosso tacto alcança, ela é um sentido de distância. A visão é fiável de conhecimento e suportado pela capacidade mental do ser humano, mas que não se anula em si mesma, existindo uma comunicação entre todos os sentidos, levando a um enriquecimento mutuo na utilização da diversidade de sentidos – sinestesia.

O modo como cada indivíduo experiêcia os espaços é uma relação única e pessoal. O corpo, as experiências e memórias, bem como a sua capacidade imaginativa estão intimamente ligadas com a maneira como cada ambiente é sentido. Nessa relação entre o Ser Humano e o Espaço, entre a vivência e a experimentação, tem de existir um intercâmbio de informação. Através das sensações que temos dependentes das características do espaço, formulam-se lembranças ao mesmo tempo que as nossas memórias participam na forma como nos sentimos nesse espaço.

O lugar tem a capacidade de se tornar “nosso”, ser parte da nossa identidade, resultante da nossa própria experiência. Relata-se agora uma experienciada pessoal que pretende relevar a mais valia da utilização das nossas memórias pessoais na prática de projecto.

Em 2005, ainda no liceu, numa visita de Estudo à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves em Lisboa (prémio Valmor em 1905) (Ilustração 1), com o propósito de ver a exposição temporária da colecção de Malhoa, fomos alertados, pelo guia, sobre a maneira como a luz se apropriava da sala que fomos o atelier. Anos mais tarde, já na Faculdade Arquitectura, essa memória tornou-se “peça chave” no trabalho da disciplina de projecto. A forma como se pretendia que a luz fosse introduzida naquele espaço levou-me a recuar uns anos e analisar, ainda que apenas de recordações, aquilo que senti, física e psicologicamente, quando estive naquela sala.

O edifício, projectado pelo arquitecto Norte Júnior descrito apresenta uma fachada construída por três corpos bem distintos, em que o elemento de maior destaque, o grande vão central, que corresponde exactamente à zona que o relato nos fala, o atelier do pintor. A forma constante como a luz (Norte) entra na sala torna-se particularmente significativa visto a preferência pelos pintores naturalistas pela luz constante e não difusa, maioritariamente representada na colecção de pintura do Dr. Anastácio Gonçalves.

Falamos de identidade mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, mas significando individualidade ou particularidade.

Lynch, (2011)

O arquitecto projecta na obra as suas memórias, a sua identidade mas é necessário entender e identificar a identidade própria do construído. No projecto de reabilitação do Museu do Chiado (Museu Nacional de Arte contemporânea em Lisboa), o Arquitecto Jean-Michel Witmotte elegeu alguns elementos de valor identitário desta ala do Convento de São Francisco que nos fazem recuar a outros tempos e usos deste lugar e através deles consegui integrá-los nas memórias do presente. Ao manter por exemplo os fornos de 1830-1840 (Ilustração 2), ou assumindo a abertura quadrangular (Ilustração 3) na laje do piso superior comunicante com o piso da entrada (que se crê ter servido para levar a farinha para o andar superior) trouxe ao museu uma identidade singular, fruto das memórias do lugar.

Actualmente encontramos diversos locais que são prova que manter e assumir as memórias do lugar oferece ao utilizador uma imagem honesta e transparente que ele tantas vezes procura. De facto o aspecto fictício e cenográfico levou a que o utilizador cada vez menos procure um espaço em que “parece que” e se identifique com um espaço que “é”. Presumivelmente essa é a resposta para o florescimento massivo de espaços com programas públicos que dão resposta a diferentes exigências, costumes, hábitos e necessidades dos utilizadores. Na cidade de Lisboa assiste-se actualmente a esse florescimento em que são apresentados inúmeros projectos que intervêm respeitando a memória e identidade do lugar. Na zona de Alcântara em Lisboa existe um espaço que no passado foi ocupado pela Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, do século XIX, que se converteu numa “ilha criativa na cidade”. É um espaço com empresas e lojas. (Ilustração 4 Ilustração 5).



Ilustração 1: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Lisboa)



Ilustração 2: Sala dos fornos- Museu do Chiado Lisboa

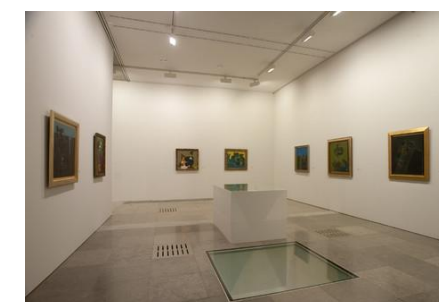


Ilustração 3: Abertura quadrangular na laje- Museu do Chiado, Lisboa

Existe um programa transversal a diferentes vertentes artísticas. Este espaço revela a importância das lembranças na prática de projecto que a nossa memória regista transportando-nos a um mundo de trabalho fabril.

O Arquitecto Sérgio Nunes, um dos autores do projecto da livraria Ler Devagar no espaço da Lx Factory em Lisboa, apelida, ironicamente, estas intervenções como “um conceito novo, criado pelos media, com um nome sonante e elegante: ‘intervir assumindo’”. Esta para justificar uma decisão aparentemente quimérica defendida pelos arquitectos – memória e identidade do lugar

Como consequência da interdependência entre o espaço e o tempo, a dialéctica do espaço externo e interno, do físico e do espiritual, do material e do mental, das propriedades inconscientes em termos de sentidos e das suas funções e interacções relativas tem um papel essencial na natureza das artes e da arquitectura.

Pallasma (2011)

A cidade torna-se um documento temporal contendo em si mesma a materialização das diferentes alterações, reinterpretações e funções que são essenciais e “vitais” a cada geração que por ali passa. A verdade é que as alterações constantes sofridas pelos edifícios enfatizam a escala temporal. Existem estímulos que os espaços proporcionam, através da utilização da cor, luz/sombra e matéria dentro de um campo de acção o tempo, que nos despertam diferentes sensações. Essas sensações dependem muitas vezes da maneira como os estímulos são percebidos. A visão e o movimento são duas características interligadas da percepção visual, que são utilizadas para localizar o nosso corpo na envolvente sentindo o espaço e, ao percorrê-lo, fixá-lo no tempo.

Aqui é o Homem que movendo-se no edifício, estudando-o de pontos de vista sucessivos, cria, por assim dizer, a quarta dimensão, dá ao espaço a sua realidade (humana) integral.

Zevi, (1977)

Zevi (1977) descreve assim aquilo que para ele é a quarta dimensão da arquitectura: o Tempo. O tempo pode ser entendido como um entendimento das coisas e/ou como uma relação com a experiência passada associada à consciência, como nos diz Pernão (2012). O autor relembra que a noção de tempo pode ser transmitida pela luz natural

mesmo estando num espaço interior. Um observador imóvel numa sala de quatro paredes com vãos e tecto pintados todos da mesma cor, irá ter uma noção da passagem do tempo transmitida pela variação da luz natural. O espaço muda durante as diferentes horas do dia, transmitindo variações na percepção do espaço, levando a que o indivíduo altere o seu estádio de repouso ou de alerta durante esses diferentes períodos temporais. É aqui que intervém o arquitecto com um papel de mediador que poder controlar e moldar as características do espaço, prevendo as reacções e sensações que irá despertar no utilizador. Se estivermos numa atmosfera cromática que ajude a criar um ambiente relaxante, podemos passar bastante tempo sem que nos apercebamos e pelo contrário se tivermos um espaço com uma atmosfera cromática de cores excitantes iremos ficar menos tempo. Rasmussen (2007) diz-nos que é possível fixar dimensões de sólidos e cavidades, que podemos estabelecer a orientação do edifício, especificar materiais e o modo como eles são tratados mas não podemos controlar a luz do dia. O factor tempo também está presente na forma como o espaço é apropriado pela luz ao longo de 24 horas, sendo que é um importante indício dessa passagem, podendo o Arquitecto tirar partido delas, enaltecendo-as ou anulando-as dependendo da função para que é destinada. As nossas referências são diferentes de dia e de noite as cores fortes como vermelho, nos telhados, ou fachadas, o verde das árvores e da vegetação durante a noite desaparecem. Pelo contrário somos capazes de reconhecer algumas referências iluminadas que pontuam a noite, como os monumentos que têm um papel de elevada importância para o reconhecimento do espaço, como nos fala Pernão (2012). O brilho e as texturas têm na obscuridade um papel muito importante na percepção espacial.

O melhor que pode acontecer a um edifício é manter-se em actividade mas isso leva também a que sobre ele recaiam vontades de mudança e alterações.

Cassiano (1991)

A percepção é um processo cognitivo de adequação da realidade que é armazenada (memória). A percepção baseada apenas nos sentidos pode ser falseada, “parecer” é muitas vezes uma ilusão. Nos animais o que sensorialmente é assimilado de forma directa para nós seres humanos, existe um processo de análise a observação feita do mundo. No entanto é pelos sentidos que avaliamos o espaço que nos envolve, e através dessa avaliação nos sentimos em conforto ou desconfortáveis, gostamos ou não desse espaço.



Ilustração 5: Lx Factory, Exposição de Arquitectura
Peter Zumthor

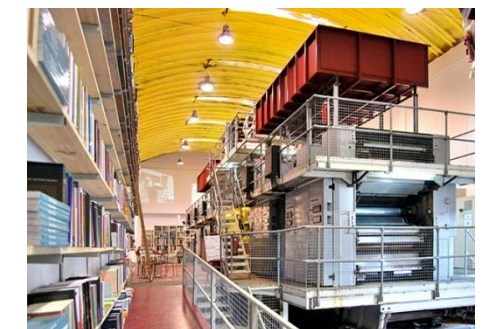


Ilustração 4: Livraria Ler Devagar no Lx Factory,
Aurora Arquitectos.

REABILITAÇÃO EM PRÉ-EXISTÊNCIAS

Os edifícios têm marcas do tempo, da história, memórias diversas, condicionantes a que o homem deve estar atento.

Dias, (2004)

Num trabalho de validação do património é feito, numa primeira fase, um levantamento e análise que são fundamentais na compreensão do edifício, devendo ser identificadas patologias estruturais ou formais, escolhendo elementos que melhor definam a identidade do edifício. Deve também ser feito um registo gráfico, fotográfico, etc, que recolha o máximo de informação, tanto a nível estrutural como formal, para haver um entendimento global da pré-existência. Estas estratégias levam a que o arquitecto encontre, com maior facilidade, respostas para a execução do projecto.

Aguiar (2010) lembra que preservar uma obra implica, ao contrário do restauro de uma pintura ou de mobiliário, actuar sobre um conjunto muito vasto de aspectos que podem abranger valores estéticos, históricos, documentais, funcionais, económicos, de segurança dos utilizadores, etc. Quando se intervém numa pré-existência pode ser criada uma lógica de continuidade, repetindo modelos existentes ou tratando o novo em contraste com o pré-existente. Existe por vezes a tendência errada de provocar a supressão total da sua memória ou por oposição reconstruir como anteriormente era. O autor alerta-nos para a necessidade de manter uma identidade urbana para que não exista um desequilíbrio no processo histórico devido a uma excessiva rapidez das transformações do sítio.

Loução (1993) alerta-nos para o facto de em arquitectura a intenção ser um dado inerente no acto de projectar tanto aplicada ao objecto como ao urbanismo, construindo-se assim como um acto de compreensão.

Sabemos hoje que apenas preservar o físico (matéria edificada) não é suficiente e que é necessária uma abordagem do lugar e do ambiente (por exemplo práticas culturais, funções e actividades históricas, etc.)

Gosto da arquitectura capaz de acompanhar as alterações de programa e de época, esta arquitectura sempre viva, sempre actual. O que eu pretendo é conservar essa qualidade do edifício. Não farei uma reconstituição arqueológica, mas sim devo seguir a sua vocação para evoluir.

Siza (2009)

Neste capítulo serão explanados alguns edifícios (projectados e construídos) de diferentes autores, que em diferentes temas apresentam afinidade com as opções que foram tomadas em projecto neste trabalho. Iniciamos a nossa reflexão sobre a complexidade da intervenção em pré-existências como mais valia para o utilizador não somente como uma mais valia na preservação do património.

Tal como nos diz Aguiar (2005) deve prevalecer o bom senso e quando justificada fazer uma intervenção de restauro em monumentos classificados, procedendo a recuperação e preservação do existente mas também equacionar soluções para todos os equipamentos e meios necessários para viabilização de visitas por parte dos utilizadores.

O Palácio dos Coruchéus (pertencente ao século XVIII) (Ilustração 6), localizado no Bairro de Alvalade em Lisboa é um bom exemplo da atribuição de um novo uso que serve uma população bastante heterogénea. O programa serve a população do bairro que desde 2009 sentia necessidade de voltar a ter um espaço cultural de serviço público, uma vez que fora encerrada a biblioteca Municipal. Actualmente o palácio dos Coruchéus alberga um conjunto de serviços que dão resposta às necessidades dos utilizadores, que para além dos espaços social, cultural, de aprendizagem, de tecnologia oferece um novo conceito de serviço – aluguer de salas de reuniões/ apresentações. Esta forma de tornar o espaço independente financeiramente e com viabilidade económica a médio prazo, reflecte a valência da arquitectura na intervenção programática, que acompanha as alterações que Siza (2009) nos fala.

Existem diferentes abordagens dentro da prática da reabilitação, que estão inevitavelmente conectadas com questões de valor e classificação da pré-existência e à relação que o arquitecto estabelece com ela, através da sua proposta. A intervenção ao nível do património é sempre uma questão sensível fazendo-nos questionar até onde é que devemos considerar intocável a herança construída que chega aos nossos dias.



Ilustração 6: Palácio dos Coruchéus (Lisboa)



Ilustração 7: Mercado 1º de Maio (Évora)

No caso do Mercado Municipal 1º de Maio, em Évora, reabilitado pelo Arquitecto Nuno Lopes em 2007, este decrépito edifício tornou-se num equipamento moderno e de qualidade, onde foi criada uma galeria de arte na cave em que podemos encontrar algumas ruínas arqueológicas. A forma como foi concebido permitiu o aparecimento de diversas esplanadas e com potencialidades para se construir num polo dinamizador na ampla praça e do Centro Histórico. Este edifício novo, bem integrado com a sua envolvente, oferece um programa abrangente a várias necessidades da população, a nível comercial mas também cultural. Pela sua proximidade à Praça do Giraldo este edifício permitiu que o largo fosse espaço de continuidade do centro histórico da cidade sendo uma mais valia para o turismo da região.

A reabilitação do mercado trouxe um conjunto de funções dependentes e independentes a si e que lhe acrescentou um novo valor, deixando de ser um mero objecto edificado com valor mas funcionalmente limitado, albergando actualmente mais valias para os seus utilizadores mas também abrindo a possibilidade de receber outros.

Não poderíamos deixar de abordar intervenções de reabilitação que levantam muita polémica mas que são tantas vezes aplicadas embora de forma não reflectida. Vejamos exemplo do uso da “fachadismo”(Ilustração 8), uma prática bastante comum nos nossos dias, que consiste em “esventrar” o edifício, retirando o interior, preservando apenas a sua fachada. Estas intervenções tornam-se “perigosas” na medida em que esta prática retira a essência das pré-existências descaracterizando-as e atribuindo-lhes um carácter cenográfico. Quando formalizadas novas edificações num pré-existência surgem questões no sentido de se perceber como se consegue encontrar a forma mais apropriada essa nova construção, que relação geométrica, estética, material deve ter com o existente. Neste caso todas estas questões serão omitidas.

Tal como nos diz Távora (1982), na arquitectura as camadas vão-se sobrepondo ao longo do tempo e o passado serve de base e de ponto de partida para o que é agora presente e que no futuro será também parte do passado.

Poderão também levantar-se questões éticas, sobre a forma como deve ser estudada a memória e identidade do lugar. O edifício da Rua António Maria Cardoso (Ilustração 9), os antigos calaboços da PIDE que, actualmente são morada de um conjunto de lojas e escritórios, levanta-nos uma questão sobre a preservação ou anulação completa da memória do lugar. Até que ponto deveremos suprimir a memória de um lugar que historicamente foi marcante para a geração que viveu num período de ditadura? Será

que pelo contrário venerá-lo, “musificando-o” fazendo culto de um espaço no coração da cidade seria mais ético? Para estas questões, senão para todas, resta-nos confiar no bom senso de que Aguiar (2005) nos fala. Os projectos de reabilitação devem ser trabalhados num contexto singular e não generalizado, intervindo o arquitecto de modo cirúrgico. Em parte projectar é uma forma de compreender e ordenar como nos diz Lynch (1960).

Zumthor (2009a) assegura que para a nova construção se adequar ao local tem de ter a capacidade de nos estimular a olhar para o antigo de uma nova forma. Diz ainda que deve existir uma relação de tensão entre ambas.

É essencial estudar e compreender a pré-existência no seu todo e retirar os elementos supérfluos, adicionando-lhes algo que atribua um novo significado à existência. Nem sempre existe “respeito” pela memória e identidade que formulam o edifício, quando se pretende aniquilar e/ou desconfigurar a forma como arquitectura foi interpretada no seu tempo. Por outro lado a “cultura do conservar” omitindo a passagem do tempo, não elogia a civilização e muitas vezes fica à quem das necessidades do utilizador.

Não é possível destruir o passado para reconstruir o presente, mas é possível reconstruir o presente para reescrever o passado.

Cury, (2005)

Existem exemplos de sucesso que são resultado de uma interpretação na procura da valorização do património. No projecto de Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge (Ilustração 11) , em Lisboa, do arquitecto João Luís Carrilho da Graça, distinguido com o Prémio Internacional Piranesi Prix de Rome 2010, procurou-se recuperar o material da zona arqueológica como material de construção em benefício da sua exposição no museu.

Para além de elogiar a civilização que durante décadas ocupou Lisboa, este projecto oferece de forma exemplar, um registo arqueológico organizado e com um percurso definido embora não imposto. Esta situação está intimamente ligada com a preocupação actual de assumir o contributo arquitectónico com a adição de novas camadas de



Ilustração 8: Edifício "esventrado" Av. da República (Lisboa)



Ilustração 9: Edifício de escritórios na Rua António Maria Cardoso (Lisboa)

tempos, ritmos e estruturas da actualidade. Embora exista uma continuidade, ela exprime realidades diferentes, não definindo se uma época é mais importante que outra.

Mostra-se agora outro exemplo em que é vincada a marca do valor do pré-existente sobrepondo épocas históricas e materiais que as moldam, com o cuidado em manter com valores temporais diferentes. O projecto da actual sede do Banco de Portugal (Ilustração 12), do Arquitecto Falcão de Campos, procurou contribuir para o “reforço da centralidade política, institucional, representativa e cultural da cidade de Lisboa, na Baixa Pombalina, no respeito pelo património, memória e identidade, como estímulos à transformação, criatividade e inovação.” como sublinha o Arquitecto. Esta forma de interpretar o espaço, respeitando os seus diferentes valores temporais, deu a esta intervenção uma contemporaneidade madura.

Muitas vezes a qualidade da atmosfera de um espaço não tem uma relação directa com o valor inerente do objecto, embora exista um conjunto de outras partes que atribuam esse valor e vontade de o preservar. Em sùmula poder-se-á dizer que a decisão da intervenção no pré existente pode ser feita pelo seu valor inerente ou exterior, resultando de uma qualidade evidente aos olhos de quem o observa. Parece ser indiscutível impugnar que essa avaliação é subjectiva, e que está intimamente interligada às questões do gosto e decorrentemente da cultura dado que derivam das memórias de cada um.

TERAPIA OCUPACIONAL (T.O.)

A Terapia Ocupacional (T.O.) é uma área da saúde que alia simultaneamente a terapia física e cognitiva para a prevenção e/ou reabilitação do individuo.² Esta ciência previne e/ou trata de indivíduos com alterações cognitivas, afectivas, perceptivas e/ ou motoras através da sistematização de actividades como base no desenvolvimento terapêutico

² Área de saúde que assenta no reconhecimento da relação entre actividades e ocupações que as pessoas fazem no seu a dia a dia e sua saúde e bem-estar. [Acedido em www.ap-to.pt Associação Portuguesa de Terapias em Novembro de 2012]

adequados a cada individuo. A Terapia Ocupacional tem como objectivo dotar o doente de conhecimentos e técnicas, tornando-o auto-suficiente, útil a si mesmo e à sociedade, contribuindo assim para o seu envelhecimento activo³. Na terapia os utentes são avaliados nas suas capacidades mentais, emocionais e sociais mas principalmente nas actividades de vida diária (AVD), pois são essas os principais indicadores de autonomia do individuo (Ilustração 10).

O termo Terapia Ocupacional (T:O.) é muitas vezes apropriado de forma indevida, sobretudo por espaços geriátricos, em que são feitas actividades “ocupacionais” mas não com um carácter terapêutico. É comum pensar-se que a T.O. é um conjunto de actividades que distraem os idosos mas recorda-se que é uma área de saúde, regulamentada a nível superior e reconhecida como ciência, na Europa, desde 1951.⁴

É curioso constatar que o grande impulsionador deste tema, que procurou desenvolvê-lo e consolidá-lo, foi George Burton, arquitecto que projectou a primeira unidade de Terapia ocupacional. Em Portugal a T.O. foi praticamente nula até aos finais do século XIX mas actualmente o Serviço Nacional de Saúde oferece aos seus doentes terapias nas três principais áreas da reabilitação (física, mental e psicológica) tendo como objectivo recuperar a autonomia pessoal do individuo e reintegrá-lo no seu meio sociofamiliar e coordenando a implementação nas suas actividades diárias.

Existem contudo referências da utilização de actividades com fins benéficos para a saúde, física e cognitiva, em povos antigos como os Romanos, Gregos, Egípcios e Chineses em que recorriam à utilização de actividades físicas, música, cânticos e jogos como actividades com carácter terapêutico. A Terapia Ocupacional só é tratada como ciência interdisciplinar na segunda metade do século XVIII, altura que o médico psiquiatra francês, Philippe Pine, aplicou esta terapia no Hospício de Bicêtre em França. Paul Bru relata como psiquiatra Francês ocupou os doentes, que anteriormente viviam

³ “A terapia ocupacional faz uma avaliação, tratamento e habilitação de indivíduos com disfunção física, mental, de desenvolvimento, social e outras, utilizando técnicas terapêuticas integradas em actividades seleccionadas consoante o objectivo pretendido e enquadradas na relação terapeuta/utente” (Decreto – Lei n.º 564/99, de 21 de Dezembro- art. 5º)

⁴ European Network of Occupational Therapy in Higher Education [Acedido em www.enothe.eu/ em Novembro de 2012]

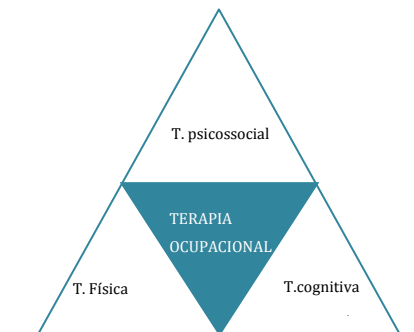


Ilustração 10: Organograma das áreas de estudo da Terapia Ocupacional

presos em celas, acorrentados e como camisas-de-forças, com várias tarefas dentro do hospital, com trabalhos de jardinagem, de cozinha e de recuperação de alguns espaços. Paul Bru (1890)⁵. Os resultados deste estudo psiquiátrico foram reconhecidos internacionalmente e aplicados noutros países, sendo no século XVIII e no princípio do século XIX, que a Terapia Ocupacional encontra as suas raízes filosóficas, procurando aplicar um tratamento a pessoas de todos os sexos, idades, habilitações ou condições económicas.

Com a revolução industrial, no final do séc. XIX, surgiram os acidentes industriais e com eles o número de pessoas incapacitadas fisicamente aumentou. Era forçoso que aparecesse uma nova forma de tratamento, físico mas também psicológico, que conseguisse abrir novas portas para estas pessoas.

A Terapia Ocupacional apoia-se em três principais grandes objectivos:

- a) interacção a pessoa em idade avançada da sua comunidade promovendo relações interpessoais;
- b) Contribuir para o ajustamento psíquico, emocional e social;
- c) Reabilitar as incapacidades físicas e/ou mentais.

No sentido de integrar os idosos na sua comunidade a Organização Mundial da Saúde e a Comissão da União Europeia consideram de grande importância todas as medidas, políticas e práticas, que contribuam para o seu envelhecimento activo aprendizagem ao longo da vida.⁶ Com este objectivo, vários aspectos são valorizados: a autonomia é uma vertente central do envelhecimento saudável. Promover a autonomia das pessoas idosas, o direito à sua autodeterminação, a aprendizagem ao longo da vida é um aspecto que muito contribui para se envelhecer saudavelmente. A aplicação destes objectivos é

⁵ Livro consultado on-line – acedido em Março 2013

www.archive.org/stream/histoiredebict00brupuoft#page/n5/mode/2up

hoje posto em prática em diversas comunidades, ainda que não de forma proporcional às necessidades da sociedade.

Embora em Portugal conheçamos espaços para idosos em que são realizadas terapias de reabilitação não existem espaços (em serviço ambulatorio) que alberguem um programa com cariz preventivo para o envelhecimento activo. Para além da questão social e humana que resulta da aplicação desta ciência, a terapia ocupacional tem também impacto económico e financeiro no sentido de poupar recursos hospitalares ou habitacionais, uma vez que se promove a que os idosos continuem a viver nas suas próprias casas e que sejam independentes mas integradas na sociedade.

Embora não sejam conhecidos espaços dedicados exclusivamente à aplicação da Terapia Ocupacional existem, ainda assim alguns espaços que promovem terapêuticas de integração. O projecto do lar de idosos dos arquitectos Manuel e Francisco Aires Mateus, finalista do prémio Mies van der Rohe (Ilustração 14) em 2013 é um edifício exemplo disso. Localizado em Alcácer do Sal oferece um programa que varia entre o hospitalar e o hoteleiro, garantindo aos seus hóspedes um acompanhamento médico durante 24 horas. Este lar foi desenhado no sentido de promover uma relação constante entre o espaço interior e exterior surgindo uma experiência emocional, sensível e variável, criada pelo caminho que se eleva naturalmente da topografia. Este percurso controlado, ladeado de um lado pelo edifício e do outro por um plano ajardinado, permite ao utilizador conhecer o espaço exterior mantendo sempre uma ligação visual com o interior, garantindo sensação de segurança e acompanhamento. O processo de envelhecimento pode interferir na qualidade de vida do idoso, embora a mudança nos hábitos e o acompanhamento especializado permitam reduzir problemas, no contexto da arquitectura devem ser garantidos alguns mecanismos que promovam a esta sensação de segurança e acompanhamento mas também de independência. A clareza no discurso da relação entre o interior e o exterior é um deles, o indivíduo que percorre um espaço exterior deve sentir-se seguro ao andar sozinho. Em Amesterdão, Osdorp (Ilustração) existe um edifício com cerca de 100 apartamentos exclusivos para indivíduos com mais de 55 anos, que promove também esta relação interior/exterior entre o utilizador e o objecto arquitectónico. Neste projecto com cerca de 7500m2 concebido pelo atelier MVRDV privilegiou-se a luz natural e a relação com o exterior, oferecendo espaços ajardinados com mobiliário ergonómico e percursos sem obstáculos que, inconscientemente, trazem tranquilidade ao utilizador.



Ilustração 11: Castelo de São Jorge (Lisboa)- Registo arqueológico.

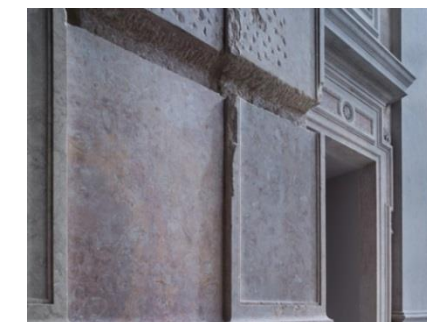


Ilustração 12: Sede Banco de Portugal, Lisboa



Ilustração 13: Lar de idosos Alcácer do Sal. Arq. Aires Mateus



Ilustração 14: Wozoco Amesterdão, Osdorp

Lisboa Ó Cidade da Luz! Perpétua fonte

De tão nítida e virgem claridade,

Que parece ilusão, sendo verdade,

Que o sol aqui feneça e não desponte...

Embandeira-se em chamas o horizonte:

Um fulgor áureo e róseo tudo invade:

São mil os panoramas da Cidade,

Surge um novo mirante em cada monte.

Ó Luz ocidental, mais que a do Oriente

Leve, esmaltada, pura e transparente,

Claro azulejo, madrugada infinda!

E és, ao sol que te exalta e te coroa,

— Loira, morena, multicolor Lisboa! —

Tão pagã, tão cristã, tão moira ainda...

Alberto de oliveira (Porto1873-1940)

3. DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo pretendem-se reunir contributos para a interpretação de uma arquitectura de múltiplas sensações, pensada sob o ponto de vista do utilizador.

ARQUITECTURA COM A MEMÓRIA DOS SENTIDOS

Estudamos a forma como homem pode perceber os espaços e como ele os compreende, mas só poderemos saber se aquilo que definimos em projecto é real quando ela se traduz em construção.

Rui Cardim (1980) alerta-nos para a problemática da determinação das necessidades, culturais e psicofisiológicas para o controlo físico na procura de respostas para as necessidades humanas. Sabemos que a tendência estrutural/ construtiva está intimamente ligada com a evolução de conceitos históricos e/ou culturais que são desenvolvidos ao longo dos tempos mas, ainda assim, há sempre relação entre os sentidos e os diferentes elementos da arquitectura, como nos diz G. Dias (2004). Pode-se dizer que existem dois principais tipos de ambientes, o físico – que permite ser mensurável aos níveis humanos (acústica, térmica, iluminação...) - e os ambientes psicoculturais que assentam num princípio do surgimento de sensações no entendimento ou na imaginação do utilizador/es. Ambientes físico e psicológicos são na sua essência matérias e propriedades.

Percepcionar atmosferas sensoriais é mais do que um entrelaçado de estruturas, massas, volumes, vãos ou cores, ela é o resultado de uma vivencia experienciada pelo utilizador que constrói mentalmente o seu espaço através de informações, detalhes, cheiros e/ou recordações que estão intimamente guardadas na memória de casa um. A imagem mental que o utilizador cria sobre um lugar resulta da combinação da informação captada através dos sentidos que funciona em paralelo com o instinto e com as memórias pessoais. Tal como nos diz Aguiar “Olhar não é fácil. Só vemos o que conhecemos, o que adjetivamos. Os espaços são “conhecidos” em movimento, isto é, não são apreendidos do ponto de vista estático, o corpo percorre o lugar e relaciona se com ele.”

As atmosferas arquitectónicas são resultado da experiência física do utilizador que ao percorrer o espaço sente-o e constrói uma imagem condicionada pelas suas vivências e memórias. O poder da atmosfera de um espaço é algo que dificilmente se descreve mas que com espontaneidade nos apercebemos dela, no momento em que o percorremos. Procurou-se descrever o poder da atmosfera percebida (condicionada pelas vivências pessoais) que resultam da experiência ao percorrer o passadiço que liga São Martinho do Porto a Salir do Porto (Ilustração 15).

A luz que percorre o passadiço de madeira revela a cor e textura do material, releva a paisagem e o silêncio ensurdecido com o barulho com as ondas do mar. O cheiro do mar mistura-se com o cheiro das ervas secas que há ao longo de todo o passadiço. Há uma sensação de paz e de bem-estar que percorre connosco centenas de metros e que culmina numa sensação de profunda segurança no meio daquela tranquilidade quase paradisíaca. A memória gravada permite que este passadiço seja a materialização duma atmosfera única e profundamente bela.

A cor tem um papel de destaque no momento de criar experiências sensoriais no utilizador. Para Loução (1993) a cor possui uma “entidade” presente na percepção e podemos afirmar que a cor é consequente da relação entre a luz e a matéria, e componente determinante na percepção do espaço. A manipulação da luz, da cor e da matéria, fazem despertar os sentidos do ser humano conformando atmosferas.

A imagem mental de um edifício pode ser viva, envolver a sua forma, cor e pormenor, ou bastante abstracta, sendo a estrutura identificada como ‘o restaurante’ ou ‘o terceiro edifício a partir da esquina.

Rossi, .(2001)

Enquanto utilizadores recordamos lugares que de alguma forma nos marcaram tanto de forma positiva como negativa. Para Siza (2010) na qualidade da arquitectura há qualquer coisa que não pode ser descrita, algo que provoca uma sensação de totalidade de conforto, mesmo não sabendo o porquê daquele espaço ser sinónimo de bem-estar e tranquilidade. O apelo aos nossos sentidos é constante, não só dos cinco sentidos mas também de todos os outros que também possuímos (sentido de equilíbrio, de orientação, etc.). As decisões de projecto como a definição de materialidades e acabamentos,



Ilustração 15: Passadiço em madeira. São Martinho do Porto em direcção a Salir.

iluminação, entre outros) são condicionadas e afectadas pelas vivências e experiências pessoais do arquitecto, embora a prioridade da arquitectura deve ser o desenho de espaços sob o ponto de vista do observador, que desencadeiem experiências sensoriais promovendo a qualidade de vida.

Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*, p.292, fala sobre como as propriedades sensoriais que constituem o espaço que, em conjunto são uma só coisa, assim como o olhar, o tacto ou os outros sentidos que em conjunto são as competências do mesmo corpo e integradas numa só acção.

A relação com a nossa própria memória é algo que é muito forte e de que não nos conseguimos distanciar, recorrendo sempre a ela quando projectamos atmosferas. Tal como nos diz Zumthor (2006) no seu livro *Atmosferas* a arquitectura nasce da consonância dos materiais (das suas diferentes temperaturas, texturas e sons), da luz e da cor. A conjugação e o domínio destes pontos resulta em momentos e espaços únicos que transmitem sensações no utilizador.

PROJECTAR COM LUZ, COR E MATÉRIA

Quero pensar sobre a luz artificial nos meus edifícios, nas nossas cidades e paisagens e dou comigo a voltar sempre, como um apaixonado, para o objecto da minha adoração: a luz que de longe atinge a Terra, o interminável número de corpos, estruturas, materiais, líquidos, superfícies, cores e formas que cintilam à luz. A luz que vem de fora da Terra torna o ar visível.

Zumthor (2005)

A luz é propósito de preocupação, estudo e reflexão dos arquitectos. Ela é essencial ao espaço, sendo que a sua torna possível direccionar percursos ou moldar espaços. Tal como diz Pernão (2012) "Para qualquer acção física é necessário energia e no campo da percepção visual essa energia é aquilo a que chamamos luz."

Cabe ao arquitecto criar volumes ou rasgar vãos controlando os efeitos, da luz nos espaços que constrói, mas também recorrendo à sombra para, por exemplo, intensificar

as zonas mais iluminadas. No momento de projectar um espaço a luz é um dos aspectos fundamentais para a sua caracterização. A iluminação pode servir para a definição das diferentes funções e tempos de ocupação do utilizador em determinados espaços. A luz fria e branca (início do dia) faz despertar os corpos e aumentar a sua actividade enquanto uma luz quente (fim do dia) leva a uma tranquilidade que se reflecte na permanência do utilizador em determinado espaço. Pontuar com luz de forma mais intensa em espaços de circulação poderá ser uma forma de chamamento para se desvendar determinado espaço. De outra forma, de noite a luz artificial pode ser utilizada como uma ferramenta na criação da continuidade de sensação de luz natural vinda do exterior, ou na criação de novas atmosferas.

A luz num espaço de permanência, de transição ou de reflexão é tratada, entendida e apropriada de diferentes maneiras, permitindo conformar lugares que despoletam diferentes percepções no seu utilizador, mas sempre de acordo com objecto funcional desse espaço.

Os espaços de transição são lugares que devem transmitir uma clareza no grafismo/iluminação e na materialização, sem obstáculos ou ambiguidades, uma vez que mobilidade dos utentes é, previsivelmente mais reduzida. Projectar espaços que permitam ao utilizador liberdade e independência, sentindo-se mais ainda seguro dentro e fora do edifício, é essencial em qualquer espaço e mais ainda em programas com terapêutica aplicada. A escolha dos materiais pode ser condicionante na forma como a luz se apropria do espaço, uma vez que dependendo do material, cor ou textura em que incide poderá difundir-se, ser absorvida ou até modificada (ganhando, por exemplo, tonalidade colorida)

Vemos luz porque ela é reflectida, dispersa e espalhada. A cor constitui uma experiência eterna e efémera mas sempre única no tempo e no espaço.

Loução1992)

Conhecem-se diferentes formas como a luz é apropriada, ganhando significação e interpretações distintas, que variam com o local em que é aplicada. No pátio do edifício C6 da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Ilustração 17) projectado pelo Arquitecto José Neves percebemos a dimensão que a luz ganha quando se apropria das galerias. A luz espalha-se por este espaço exterior (coberto), apresentando diferentes

formas a diferentes horas do dia. A este espaço de passagem e de distribuição acresce uma nova dimensão com a permanência da luz, conferindo-lhe uma dimensão quase cénica ou mesmo pictórica. “ (aquele pátio) recortado de luz que recua e marca a matéria vibrante que são as rigorosas fitas, desenhadas para conter, segurar e disciplinar a totalidade das janelas” Dias, G. (2004). A luz é tratada de forma exemplar no contexto exterior embora no interior, do lado Sul, a sua reflexão se torne desconfortável, parecendo invadir excessivamente.

A manipulação indevida da luz, cor e/ou matéria pode ser originadora de perturbações e frustrações ao utilizador. A forma como o nosso corpo se relaciona com o espaço tem influência em experiências passadas.

“Can anybody tell me, tell me exactly where I am

I've lost all sense of direction

Watching the darkness closing around me

Feeling the cold all through my body”⁷

Ao ouvirmos a música dos Genesis⁸ “Calling All Station” reconhecemos a sensação de estar num lugar às escuras. Na escuridão a experiência torna-se mais intensa e o estado de alerta é maior porque a visão não alcança a distância o que pode fazer-nos sentir vulneráveis, deixar-nos sem saber onde estamos ou para onde vamos.

A mudança da intensidade da luz tem um papel fundamental vida do ser humano, essa alteração entre dia e noite reflecte-se com a forma como interagimos com o mundo, que

⁷ Letra da música “Calling All Station”, Genesis (1997): *Alguém me pode dizer exactamente onde estou? Perdi o sentido de orientação. Vendo a escuridão a fechar-se a meu redor sinto o frio por todo o meu corpo* - Tradução livre do autor

⁸ Genesis é uma banda de rock Inglesa que se formou em 1967. Tony Banks (no teclado) e Mike Rutherford (no baixo e na guitarra) e Phil Collins (na voz e na bateria) foram os seus membros fundadores.

condiciona o nosso estado de repouso e de vigília. É a luz que traz o conhecimento do real e a percepção do mundo das cores e materiais que o compõem.

Para mim, pensar de onde e como a luz chega é a mesma coisa que pensar na relação entre um espaço e outro.

Siza.(2010)

Na arquitectura o papel da luz é um dos aspectos fundamentais na caracterização do espaço, em que a sombra é também fundamental na criação da densidade atmosférica. No Hospital do Mar, da autoria do gabinete Pine Arq (2006), ao antigo edifício da Estação Agronómica Nacional (Ilustração 16), foi anexada uma construção em vidro aberta para a paisagem envolvente. A luz que invade este corpo transparente é controlada através de uma pala que avança sobre a fachada. Neste espaço hospitalar dedicado à reabilitação física foi desenvolvido um estudo para a adequação cromática/lumínica ajustado para indivíduos em convalescença ou em reabilitação. O espaço foi desenhado com base nas limitações físicas e psíquicas dos seus utentes uma vez que ambientes demasiado excitantes, pouco claros na sua forma ou com informação cromática confusa podem levar a que sejam desencadeados medos, paranóias e a limite até patologias psíquicas, como nos refere Kristen Day autora da publicação *The therapeutic design of environments for people with dementia* .

Uma das principais razões para o desencadeamento de reacções de vulnerabilidade tem a ver com os problemas visuais, próprios do processo normal de envelhecimento, que trazem uma diminuição da capacidade de adaptação nas mudanças dos níveis de luminosidade. Problemas visuais que podem passar por uma extrema sensibilidade à claridade, redução ao nível da acuidade visual, diminuição do campo de visão e da percepção de profundidade, bem como a redução da sensibilidade de contraste e do reconhecimento de algumas cores. Naturalmente estes são processos que crescem exponencialmente com o envelhecimento do indivíduo, tornando-se limitadores na prática comum como movimentar-se sozinho de um espaço para outro.

O controlo da luz não está só relacionada com o controlo da sua intensidade sendo importante o controlo formal da sua incidência. No Museu do Cairo (Ilustração 18) a luz natural é trazida para o interior do espaço por apenas um recorte na fachada a mais de 10 metros da cota do chão, permitindo que a luz se espalhe pela grande sala de exposições mas não danifique os objectos arqueológicos, com a sua incidência directa. A



Ilustração 16 Hospital do Mar com o novo corpo acrescentado



Ilustração 17: Edifício C6 Faculdade de Ciências (Lisboa)

luz que entra pela sala de exposições do Museu é aparentemente uma luz zenital que desce e pousa sobre o edifício e “espalha-se”. Muitas vezes é utilizada esta imagem celestial para criar atmosferas de conforto e calma que trazem, ou sugerem, ao utilizador a tranquilidade que procura. Essa imagem pode ser executada através de um rasgo zenital que ilumina (com luz artificial) o espaço. O que muitas vezes vemos é que essa manipulação é feita apenas com efeito cenográfico, pois observamos esse rasgo e encontramos uma parafernália técnica do sistema de iluminação. Exemplo dessa situação é a piscina interior do Baleeira SPA Hotel em Sagres do Arquitecto Samuel Torres de Carvalho (Ilustração 19).

O poder e beleza da luz natural torna difícil ser competida pelo manuseamento da luz artificial. A forma como a luz natural se apropria do espaço e o glorifica é de tal forma “perfeita” que compromete a sua permutação por iluminação artificial, como nos lembra Zumtor (2006).

Pernão (2012) alerta-nos para a atribuição de posições espaciais nas superfícies tendo em conta os seus valores de luminosidade, para a interpretação da envolvente e para a interacção do espaço com os objectos que nos rodeiam. Aplicação de uma tinta de elevado brilho no plano do tecto e no pavimento despertam diferentes reacções. Enquanto que no tecto o espaço parece “aumentar” a volumetria do espaço, no pavimento a sensação é de que o piso é escorregadio (molhado), podendo causar a sensação de insegurança. Procura-se com este exemplo demonstrar que a aplicação do mesmo material em posições espaciais diferentes origina interpretações e reacções quase antagónicas. Importa relevar que a percepção da cor e a reacção psicológica associada depende de múltiplos factores, desde as condições de percepção e de iluminação até ao próprio estado emocional de quem a observa.

No interior do Gallarus-Castle (Ilustração 20) na Irlanda vemos como a luz pode apropriar-se do interior de um espaço quase em penumbra. Mais importante que a dimensão da abertura numa fachada para trazer luz para o interior do espaço, é a forma como é tratada. A luz apropria-se do interior através de uma pequena fresta vertical, que se espalha pela parede em pedra e é reflectida pela a cor branca com que é pintado o nicho.

A luz é acção, a cor é reacção e a matéria é o meio em que se produz esta troca de energia.

Loução, (1993)

Sem luz não teríamos cor e sem cor não veríamos a matéria. Ela resulta da reflexão da luz que incide na matéria podendo ser geradora de discurso e conformadora de espaços uma vez que as superfícies são formadas por cor. À semelhança do que nos rodeia, a cor também tem três dimensões: Matiz, Valor e Saturação. Considera-se como matiz (*Hue*) a variável que nos informa a que classe pertencem as cores diferenciando-se no círculo cromático. O valor (*Blackness*) da cor tem a ver com aquilo que normalmente chamamos de claro/ escuro (higher value and lower value) e a sua saturação (*Chromaticness*), também chamada de *Chroma*, está directamente relacionada com a quantidade de pigmento, quanto mais saturada mais pigmento teve a mistura.

Sabemos que a cor não é uma propriedade fixa dos materiais dependendo do seu estado físico, em que superfícies materiais ou texturas é apresentada, bem como as características da iluminação.

A cor na arquitectura pode ainda servir como um conformador de espaços como base modeladora. Billger (2004) diz-nos que a cor é parte importante do edifício influenciando a sua atmosfera interior de forma significativa. As cores são construtoras de uma realidade visível conformando espaço e um sentido físico, sendo percebida em formas, volumes e texturas que torna possível a interpretação do espaço. Tal como a luz, a cor pode ser utilizada como modelador servindo até como orientador, conector entre interior e exterior ou como elemento estético. Muitas vezes é utilizada como um instrumento capaz de transformar e de influenciar a percepção e a experiência do espaço relacionando-se, intimamente com uma valorização estética, social e económica. Historicamente a cor serviu muitas vezes como conector do valor simbólico e funcional capaz de adquirir um valor emblemático e de gerar significados sociais, como se o visual garrido fosse a condição fundadora de novas sociabilidades e de sentimentos identitários, como nos diz Peixoto, Providência e Aguiar (2009).



Ilustração 18: Entrada de luz Museu do Cairo (Egipto)

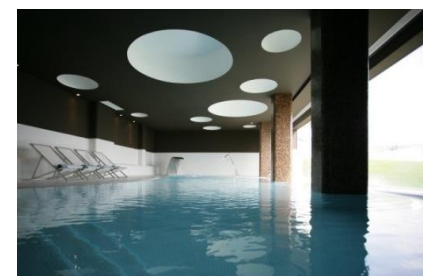


Ilustração 19: Luz zenital artificial. Hotel Baleeira (Sagres)



Ilustração 20: Rasgo de luz que se espalha pelas paredes Gallarus-Castle (Irlanda)

A fachada azul do velho edifício do interior da cidade de Havana (Ilustração 21), serve como um símbolo de poder económico do proprietário. Ao longo da rua ladeada por dezenas de edifícios cinzentos marcados pelo tempo é a cor faz que anunciar a singularidade daquele edifício em tudo diferente dos outros, num primeiro olhar.

A organização das cores faz-nos entender o espaço. Pernão (2012) enumera 9 variáveis que influenciam a percepção da cor:

- 1) Cor e o seu contexto - O ambiente cromático da envolvente;
- 2) Cor e matéria- A cor de todas as superfícies que constituem o objecto edificado;
- 3) Cor e luz - O modo como a luz influencia tudo o que vemos – cor;
- 4) Cor e textura - A alteração das cores percebidas em função da textura das superfícies;
- 5) Cor e dimensão - A alteração da nossa percepção do espaço em função da dimensão das superfícies coloridas;
- 6) Cor e brilho - A importância dos acabamentos dos materiais na transformação de um espaço;
- 7) Cor e distância - A perspectiva das cores, mais notória em projectos urbanos;
- 8) Cor e posição no espaço - As percepções diferentes que a mesma cor pode proporcionar consoante o local onde é aplicada no espaço;
- 9) Cor e tempo - A possibilidade de alterar a percepção que temos das distancias /tempo dos espaços através da cor.

Estes serão conceitos tratados no desenvolvimento deste projecto.

Como nos diz Duarte (2007) a cor introduz uma dimensão sensível e emotiva na encenação das atmosferas e na representação da arquitectura. A sua aplicação deve conter, ainda, uma adequação psicológica uma vez que a cor tem diferentes interpretações que resultam de diversos factores desde condições de percepção e de iluminação até ao estado emocional de quem o observa. A sua escolha dependerá da avaliação psicológica, fisiológica ou da conjugação das duas tal como nos alerta Aguiar

(2005). A interpretação física e psicológica tem a ver com a forma como o cérebro percebe a cor e a luz, directamente relacionada com a interpretação da matiz, croma e valor daquela cor. Para Aguiar (2005) o principal objectivo da especificação das cores é comunicar e registar a sua especificidade de forma precisa e com coerência.

Como fora anteriormente referido, a modelação com o uso da cor pode ajudar a acentuar ou a atenuar determinadas características do espaço, sendo que a sua utilização em diferentes posições especiais (pavimento, parede, tecto, entre outros) pode causar reacções emocionais diversas. Mahnke (1996) diz-nos que a cor é em si uma ferramenta para criar ambientes, escolher a cor é como usar o alfabeto, com este alfabeto formam-se palavras mas as palavras devem ser adequadas⁹. Diremos então que qualquer material, cor ou iluminação é válida desde que aplicada em conformidade com o espaço, programa, entre outras.

Existe uma adequação de significado morfológico, tipológico, histórico e cultural: que deve ser motivo de preocupação, tal como diz Zevi (1977). Procurou-se estabelecer uma linguagem comum na especificação das cores, tendo sido desenvolvido um sistema de codificação, na Escandinávia, o NCS (*Natural Colour System*). Com base na percepção humana das cores este sistema estrutura-se em seis cores: duas acromáticas, branco (W) e preto (S) e quatro cromáticas, Amarelo (Y), Vermelho (R), Azul (B) e verde (G) que através de um modelo geométrico ilustra a codificação da cor. No desenvolvimento do trabalho foi utilizada linguagem de codificação com o sistema NCS.

Cada espaço tem linguagem própria, uma identidade singular que se pode, destacar de outro adjacente ou relacionar-se, constituindo uma unidade maior. A cor pode servir como ferramenta no reconhecimento das “ligações” com a envolvente, da escala do objecto à escala da cidade sendo determinante para o conforto.

Por outro lado um espaço sem cor, acromático, com iluminação constante pode produzir falta de estímulo que prejudicará a concentração, da mesma forma que um espaço demasiado perturbador, com excesso de estímulo visual, poderá causar um aumento do ritmo cardíaco, da pulsação e do ritmo respiratório, Pernão (2012). Como nos diz o autor

⁹. “Color in itself is a tool for the ambience we wish to choose color is the alphabet; with this alphabet we form the words; but the words, the statement, must be appropriate” Mahnke. (1996)



Ilustração 21: Fachada de um corpo de edifícios antigos. Havana (Cuba)



Ilustração 22: Plano de cores Hospital de Gelre

anteriormente referido, tanto a sub-estimulação como a sobre-estimulação da envolvente cromática são desaconselhados em ambientes de longa permanência, mas podemos utilizá-los para definir ambientes de curta permanência, ou seja espaços de passagem, continuidade ou de estadia breve.

No Hospital de Gelre, Zutphen na Holanda (Ilustração 22) (um dos Projectos de Investigação da FAUTL e da APCor¹⁰) podemos observar uma demonstração em que se constata que aplicada a mesma cor em diferentes circunstâncias, (em sombra, com incidência directa do Sol ou num espaço interior) a cor aparenta ser outra. Existe necessidade do arquitecto em estudar o comportamento da cor conseguindo controlá-la através da iluminação e o uso da matéria, criando atmosferas de conforto. Neste projecto o interior e o exterior apresentam uma coerência cromática que se divide em dois elementos espaciais, o “Hotfloor” para as funções técnicas de tratamento e o “Kam” para a ala com áreas mais residenciais. Este plano de cor caracteriza-se por uma hierarquização e organização dos espaços pelas suas funções que tornam lógica e intuitiva a sua utilização. Ao longo do tempo têm sido feitos inúmeros testes sobre a relação entre a cor aplicada e a sensação que ela transmite, sabendo à partida que as condições espaciais, a iluminação ou as circunstâncias de observação, influenciam o resultado dessas reacções e sensações. Espaços como circulações e átrios, que são espaços de movimento, logo, de curta permanência, em que pode ser utilizada uma diversidade cromática.

Como foi anteriormente dito, a percepção da cor é feita pela luz que incide na matéria, parte física da arquitectura. Manipular a matéria, permite diferentes interpretações que podem variar entre materiais polidos, vidrados, claros ou escuros, etc., os materiais permitem apresentar resultados que podem ser controlados e manipulados pelo arquitecto na procura do enaltecimento ou anulamento de determinado espaço

O edifício Turun Sanomat (Ilustração 23) jornal finlandês, do Arquitecto Alvar Aalto, é um exemplo de sucesso da exploração do brilho na superfície da parede. O arquitecto conferiu dinamismo e escala ao corpo de acessos verticais ao utilizar a cor negra com um elevado grau de brilho conseguindo duplicar este espaço de transição, com um “jogo”

de reflexos. Embora saibamos que estes “jogos” cromáticos possam conferir uma sensação de desconforto em alguns ambientes, a sua aplicação em espaços de circulação podem ser motivo de estímulo actuante no utilizador.

Um material “transforma-se” quando aplicado em diferentes espaços, e também sofre transformações temporalmente. Vejamos uma parede onde foram aplicados azulejos com relevo (Ilustração 26) ; embora o material seja o mesmo, diferentes ângulos de observação, levam a leituras completamente distintas pela forma como a luz lhe incide. A forma como a luz incide no painel de azulejos da fachada, cria a ilusão de uma terceira dimensão que, quando vista ao pormenor, compreende-se que não existe. De outra forma a utilização do mesmo material (Ilustração 25) em diferentes planos cria a ilusão que existem “peças” mais escuras que outras havendo uma variação na cor percebida.¹¹

Pelas diferentes sensações que um material provoca, deve-se avaliar as suas propriedades definindo se são mais favoráveis para, por exemplo, espaços de permanência ou se passagem. Em suma, utilizando e manipulando os materiais poderemos adquirir diferentes ambientes com variadas propriedades visuais, de tempo e sonoras.

A percepção visual que temos da cor de um espaço interior ou exterior pode ser um importante factor para a sua identidade e qualificação. Ao manipularmos a cor nesta relação (interior/exterior) podemos reforçar ou diluir intenções arquitectónicas, como nos diz Pernão (2012). No exterior o uso controlado da cor permitirá criar uma hierarquização, estabelecendo relações de harmonia de inclusão ou de contraste com os edifícios envolventes. Na execução deste trabalho foram recolhidos elementos pertencentes ao edifício, diferentes cores e materiais que permitiu criar uma paleta cromática que foi utilizada como referência para a conexão e/ou antagonia entre o interior/exterior, publico/privado, adicionado /pertencente ao edifício.



Ilustração 23: Escadas interiores do edifício Turun Sanomat, Arq. Alvar Aalto



Ilustração 24: Edifício revestido a azulejo na Praça do Martim Moniz



Ilustração 25: Parede texturada com relevo - Siena (Itália)

¹¹ Cor percebida pode ser descrita como a forma como o observador recebe a cor que vê, que depende de três principais factores: Fonte de iluminação, reflectância do objecto e a sensibilidade do observador

¹⁰ APCor – Associação Portuguesa da Cor.

4. PROJECTO PARA A UNIDADE DE TERAPIA OCUPACIONAL DO ANTIGO PALÁCIO DOS CONDES DE TENTÚGAL

APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

Em Lisboa com S. Jorge o amarelo bate-se em castelo.

Nuno Júdice (2010)

Ao longo da história, a Colina de São Jorge foi local de permanência de diferentes povos e culturas. Nos nossos dias a colina vive uma dicotomia entre edifícios requalificados, com maior predominância na Freguesia do Castelo, e edifícios degradados/ abandonados nos Bairros da Mouraria e de Alfama.

Não é Lisboa das sete colinas, como se qualificou a cidade à margem 'mãe' Roma, mas Lisboa das múltiplas elevações, donde é possível ver sempre o outro lado, num percurso de reencontros.

Basto (2011)

Lisboa surge em inúmeros registos como a cidade das sete colinas embora esta afirmação não seja muito correcta tal como nos diz Basto (2011). Esta ideia terá advindo, provavelmente, da estrutura geográfica da capital ser semelhante à da capital do Império Romano, fundada em 753 a.C. sobre sete colinas (Capitólio, Quirinale, Viminale, Esquilino, Célio, Aventino e Palatino) justificando o empenho dos portugueses em arranjar um paralelo com a cidade Romana. A citação referente às sete colinas de Lisboa aparece pela primeira vez no Livro das Grandezas de Lisboa, de Frei Nicolau de Oliveira no século XVII: «as sete colinas sobre as quais estava assente Lisboa: Castelo, São Vicente, São Roque, Santo André, Santa Catarina, Chagas e Sant'Ana». A colina de São

Jorge, muitas vezes também chamada de Castelo, é uma das colinas mais altas das sete, onde apareceu o primeiro povoado que deu origem a Olissipo, actual Lisboa.

A malha urbana da cidade altera-se de uma época para a outra com o domínio muçulmano em Lisboa (*Luxbuna*) a partir do ano de 719. Desse período chegaram-nos vestígios da *Alcáçova* árabe, da Mesquita Aljama, da Cerca Moura e das portas da *Medina islâmica*¹², espaço de defesa da urbe muçulmana.

No topo da colina, a aristocrática cidade alta era definida pela muralha da Alcáçova, contígua a Medina estendia-se ao longo da encosta sul circundada por outra muralha, a cerca moura.

Correia (1994).

O crescimento da cidade do outro lado da colina do Castelo levou à necessidade de definir um novo perímetro urbano com a Cerca Fernandina (ANEXO a)). Esta nova muralha servia para proteger Lisboa das invasões dos castelhanos naquele período de crise política. Em 1373, D. Fernando recupera o projecto de dotar a cidade de uma nova cintura de muralhas com uma extensão de aproximadamente 5,3 km. Pelos registos sabe-se que a Cerca Fernandina era rasgada por 35 portas, uma delas, a porta do Sol é actualmente um espaço de lazer e de convívio, junto do local de implantação do edifício estudado (Largo das Portas do Sol).

A área geográfica da colina abrange actualmente os bairros da Mouraria, do Castelo e o sudeste de Alfama. Santiago pertence a Alfama desde 1160, ocupando metade da encosta da colina de São Jorge. À sua freguesia correspondiam as paróquias de São Martinho, São Bartolomeu, São Jacob e, extra muros, São Tomé (Correia 1994). Segundo Rijo e Moreira (2008) o espaço actual da freguesia de Santiago é indiscutivelmente, no espectro da cidade de Lisboa, daqueles onde a ocupação humana

¹² A *Medina* situava-se na actual zona do Castelo de São Jorge, no interior da Cerca Moura, na *Medina* estava localizada a *Alcáçova*. Alcáçova é a zona em cota mais elevada e mais protegida dentro de um castelo com funções de defesa, onde normalmente residiam as autoridades civis ou eclesiásticas dessa povoação. In: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=1390> 5 Fevereiro 2013



Ilustração 27 Colina de São Jorge, Castelo de São Jorge. Foto tirada pelo autor

é mais antiga. Existem ainda hoje vestígios de diversos povos que passaram por ali sendo talvez o mais marcante os vestígios do Teatro Romano (Ilustração 28).

O Terramoto de 1755 destruiu parte da cidade e conseqüentemente da freguesia, levando a um abandono acentuado da população que durou até ao princípio do século XX.

A Rua de Santiago uma das mais curiosas de Lisboa onde se prova que todo o lado sul da artéria resistiu ao terramoto: dois palácios se erguiam em toda a via pública a dos condes de Tentúgal e dos Condes Basto

Andrade, (1948-49)

Muitos dos edifícios reconstruídos pós terramoto aproveitaram as fundações das casas em ruína reproduzindo-os como anteriormente, com estruturas e fachadas mais sólidas, introduzindo a técnica da “gaiola pombalina”. Segundo Andrade (1948-1949) a nível dos elementos arquitectónicos, a janela de sacada pode considerar-se dos elementos mais caracterizadores da freguesia e do período social-histórico. Estas janelas evidenciavam uma nova forma de habitar mais interligada com o exterior (Ilustração 30).

Correia (1994) relata a forma como a freguesia manteve a sua tradicional ambiência conseguindo preservar a sua imagem em termos culturais e urbanos mas ajustando-se à vida da nova cidade, durante o século XX. Nos anos sessenta o Arquitecto Veloso Reis Camelo elabora um plano, o Primeiro Plano de Saneamento. Nesta altura a degradação física dos edifícios, a carência de equipamentos e infra-estruturas na freguesia eram temas em debate.

Enquanto paróquia, Santiago data de 1299, segundo Andrade (1948-1949). A Freguesia assume um papel de relevo na dinâmica da cidade pela sua centralidade no tecido urbano (Ilustração 29). A sua localização geográfica e topográfica conferiu-lhe uma privacidade relativamente a outras freguesias mais ligadas ao rio. O modelo urbanístico de tradição muçulmana acentuou estas características numa vivência simultânea de aristocratas e populares. Revela-se até aos nossos dias uma imagem histórica de raiz medieval, entre palácios nobres, igrejas e monumentos que coexistem com habitações tradicionais que se abrem para pátios intramuros, largos e terreiros com uma ambiente rural. Desta estrutura eminentemente orgânica perduram pequenos largos - espaços abertos resultantes de confluências de estreitas ruas- pequenos logradouros, quintas,

pátios e terraços que limitam e em simultâneo interligam conjuntos de edificações. As ruas são constituídas por uma grande variedade de pormenores, pertencentes a composições diferentes, resultantes das sedimentações de uma longa história e correspondente a uma tipologia estilística da arquitectura “doméstica”.

Tal como nos diz Correia (1994) esta intervenção secular atendeu à correcção dos declives construídos em conjunto de edificados, muros de suporte, terraços, rampas ou escadarias. O terreno acidentado e o desenvolvimento em plataformas, largos e miradouros criam pontos de vista panorâmicos, de grande qualidade urbanística, para o Tejo, como é o caso do miradouro de Santa Luzia, das Portas do Sol, miradouro do Castelo de São Jorge, entre outros. Santiago tem áreas de declives moderados e grandes em que a execução de plataformas é obrigatória. Situada a meio da encosta, a freguesia beneficia de uma boa exposição solar – Sul, Sudeste.

Desde sempre Santiago se caracterizou com a sua ocupação social que lhe conferiu uma cultura, com características muito próprias manifestando-se numa convivência marcada entre classes nobres, clero e populares. Local apetezido por todos, veja-se os inúmeros conventos e igrejas, palácios e casas senhoriais e mais tarde o grande número de prédios destacando-se o Palácio Belmonte, a Casa Nobre no Pátio D. Fradique, o Palácio Oitocentista dos Condes de Azurara, o Palácio Castelo-Novo, o Palácio dos condes de Tentúgal, o Palácio do Perry de Linde, o Palácio dos Bastos ou a Casa de Atalaia e Toucos).

Após o terramoto de 1755 a reconstrução de Santiago acompanhada por arquitectos e técnicos da Casa do Risco das obras públicas, foi feita de forma pontual. A maioria dos palácios foram reconstruídos pelos proprietários, enquanto alguns foram modernizados e adaptados com decorações no interior, outros como o Palácio dos Condes de Tentúgal, foram parcialmente desmembrados e vendidos parcelarmente. A cidade é um espaço com diferentes marcas históricas que convivem justapostas ou misturadas umas com as outras.

D. Maria Catarina da Silva Vieira herdou a casa nº3 da planta que vivia na altura do terramoto. Tinha então a propriedade nº3 que ficou habitável, visto ter sobressperado ao terrível abalo, 156 palmos e meio (34,43m) de frente e 27 palmos (5,90m) de fundo

Andrade (1948-1949)

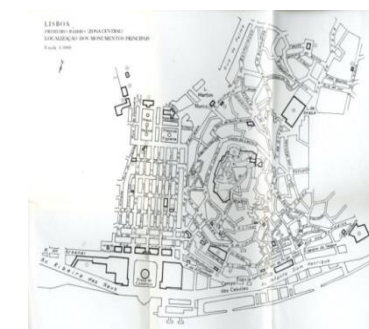


Ilustração 28 Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa, Primeiro Tomo. Junta Distrital de Lisboa 1993

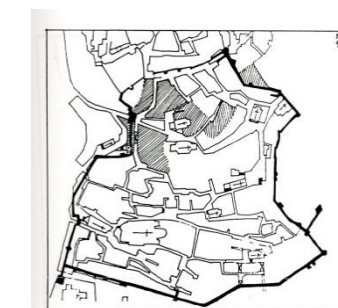


Ilustração 29 Planta das antigas freguesias de Santiago, S. Bartolomeu e S. Martinho actualmente compreendidos na freguesia de Santiago. Nº 3 actual palácio. Andrade, F. (1948-1949)



Ilustração 30: Santana, Francisco. Lisboa na segunda metade do século XVII. CML s/data

Focando a nossa atenção na Rua de Santiago nº 7 e 9, podemos ver o Palácio dos Antigos Condes de Tentúgal (Ilustração 32), que conserva o esquema da fachada original, com um único piso de janelões de sacada e um portal coroadado por uma pedra esculpida. Na porta existe uma alusão directa aos brasões ostentados pelos palácios mas que, em vez de ter o brasão dos condes de Tentúgal apresenta as iniciais do Laboratório de Biologia e Quimioterapia aí instalado nos anos quarenta do século XX Lourenço (1993) (Ilustração 33). Este palácio foi herdado pelo conde de Tentúgal no primeiro quartel do século XVI, em 1504, mas crê-se ter sido fundado no século anterior, segundo nos relata Andrade (1948-1949). O Palácio estaria na posse do desembargador Lourenço da Gama Pereira que o alugou a Dona Brites, viúva de D. Constantino de Bragança. Há registo de que a família Gama residiu neste edifício em 1606, provado por um assento paroquial nesse ano, referente ao baptismo, acediado na sé, da filha de Vasco da Gama e de D. Branja da Gama.

A propriedade dos Tentúgal estendia-se na Rua de Santiago e pela outra artéria, Rua do Limoeiro, que ainda hoje existem alguns elementos que comprovam a sua existência. Andrade (1948-1949) diz-nos que na Rua de Santiago se erguiam de 3 edifícios, e existiriam ainda, mais 5 construções, todas elas assentes sobre terreno que outrora fora chão do Palácio de Tentúgal. Até aos meados do século XVII o quartel dos Lóios, fazia parte integrante da propriedade dos condes de Tentúgal.

De maneira geral os palácios eram um marco geográfico dentro da cidade, constituindo como ponto de orientação no complexo de ruas de Lisboa. A localização de um espaço comercial, hospitalar, entre outros, era dada como referência à proximidade do palácio de um titular e não pelo nome da rua onde se situava. A partir desta constatação concluiu-se que a localização dos palácios servia como um referente geográfico na cidade, como nos relata Miguel (2012). Em muitos documentos surge o uso, aparentemente indiferenciado, de vários termos como “palácio”, “palacete”, “ casa nobre”, “aposentos” referindo-se ao lugar de habitação de nobreza titulado. Crê-se que a terminologia modificava de acordo com a evolução arquitectónica da residência de um titular.

Actualmente o Palácio é composto por dois volumes, o corpo principal com dois pisos e águas furtadas, que está virado para a Rua de Santiago e outro corpo em L, localizado no pátio posterior do edifício comunicante com a Rua do Limoeiro. O segundo corpo é uma construção dos anos 20 do século XX que servia como Câmara de Secagem do

Laboratório de Biologia e Quimioterapia aí instalado. Do Palácio sabe-se ainda que o seu método construtivo é de pedra e alvenaria e que actualmente ainda existem elementos construtivos originais à época de (re)construção. (Ilustração 34)

Embora com algumas alterações, tanto na compreensão da compartimentação interior como na sua morfologia exterior, o Palácio apresenta diferentes materialidades como cantarias, soleiras, e molduras em pedra, guardas e gradeamentos em ferro fundido, características do século XVIII, caixilharias e portas em madeira e reboco pintado (Ilustração 35). Na fachada do corpo principal existe uma adulteração no ritmo pouco convencional, que salta à vista do observador, prendendo-se a leitura do objecto, ao abrirem uma segunda porta, ao lado da porta principal. Esta intervenção crê-se ter sido executada com o intuito de criar um acesso directo a um barracão situado no pátio, servindo como acesso de cargas e descargas, do antigo Laboratório ali instalado.

O pátio a céu aberto faz a comunicação entre o Palácio e o outro volume (Ilustração 36), tendo uma área aproximada de 500m², disfrutando de uma privilegiada exposição solar e uma vista para o rio Tejo. O pátio está revestido de uma massa arbórea que ocupa cerca de ¾ da sua área total que contrasta com a fachada posterior do Palácio, degradada e descaracterizada.(Ilustração 37). Este alçado contrasta negativamente com a fachada principal que à primeira vista parece ser outro edifício sem ligação física ou estética com o Palácio. Pallasma (2011) diz que a falta de humanismo na arquitectura e nas cidades contemporâneas pode ser entendida como consequência da negligência com o corpo e com os sentidos, um desequilíbrio do nosso sistema sensorial.

O palácio era o lugar onde se desenrolava a vida das famílias titulares. Aí se jantava, aí se ceava, aí se dormia também. (...) Pensar no palácio como o lugar onde habitava uma família, é desde logo, neste período (séc. XVIII), pensar em casa cheias de vida, de histórias e de memórias, e em lugares de conflitos, de frustrações ou de alegrias.

Miguel, (2012)

Para além da realidade física do palácio existia um valor que estava ligado a uma imagem da casa titular. O palácio era local de vida onde os seus habitantes nasceram, cresceram, viveram, casaram e morreram. Agora pode constituir um lugar perpetuador da memória, mas também aberto à cultura e à inovação dos nossos dias.



Ilustração 31 Elementos de estrutura urbana e arquitectónica - Casas apalaçadas (período anterior a 1755)



Ilustração 32: Fachada principal do Palácio. (Fotografia feita pelo autor)



Ilustração 33: Portal com o brasão esculpido em pedra



Ilustração 34 Pátio posterior. Fotografia aérea 30m do solo. Fotografia feita por José Leonardo da construtora Teixeira Duarte

Ao palácio pertencia um importante painel de azulejos em faiança azul e branca (Anexo a)) que se desenvolvia em cerca de 23 metros de comprimento, (Henriques 2004). O painel apresenta a vista panorâmica de Lisboa entre os anos de 1700 e 1725 e actualmente encontra-se no Museu Nacional do Azulejo (MNA). Desconhece-se a localização exacta e a forma de aplicação deste grande painel no palácio, contudo especula-se que possa ter sido incluída como decoração interior, provavelmente de uma sala principal quer de aparato quer de lazer.

Trazer e devolver a identidade ao Palácio é um dos objectivos deste trabalho. Nesse sentido, e sabendo que *à priori* o painel de azulejos (original) não poderá voltar ao palácio devido a questões legais ligadas à posse privada de património publico, considera-se que é uma mais valia criar uma réplica que possa ser aplicada na reabilitação do edifício. Estudado o palácio enquanto construção inserida na cidade, importa agora reflectir sobre alguns aspectos da sua realidade simbólica, humana, social e cultural que se fará a partir da sistematização da informação que obtivemos nas fontes que se estudaram.

Mas os titulares devem também poder ver, ver mesmo o que os outros não vêem. No caso de Lisboa, o desejo é para muitos ver o rio, estar perto do rio Tejo.

Miguel, (2012)

Sabe-se que historicamente os palácios não eram lugares fechados sobre si mesmos e em que em ocasiões especiais o palácio se abria ao exterior. Miguel (2012) relata-nos que na história há registo de que alguns palácios eram abertos ao povo em dias importantes, casamentos, baptizados ou banquetes para que a família titular pudesse mostrar os seus bens à comunidade. Pretende-se que o palácio seja agora também um espaço “aberto” à população, onde a população poderá usufruir de espaço com identidade mas sobretudo de um programa necessário à população.



Ilustração 35: Varanda do antigo palácio Tentúgal na Rua do Limoeiro

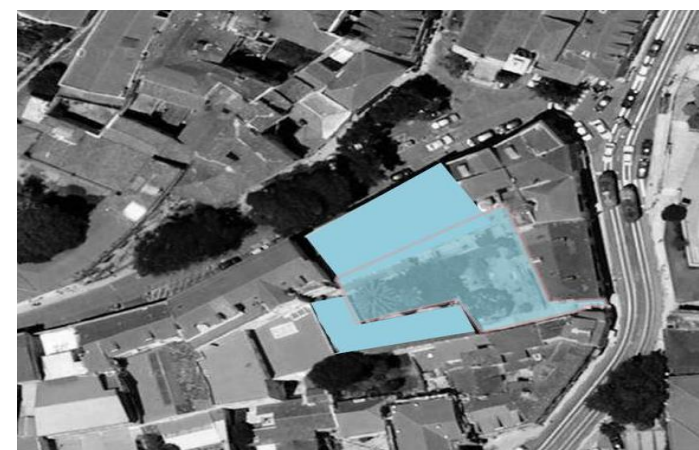


Ilustração 36: Implantação do dois volumes e pátio



Ilustração 37: Fachada posterior do Palácio (Fotografia do Arquivo intermédio de Lisboa)

5. PROPOSTA

PROGRAMA E PROPOSTA DA INTERVENÇÃO NO ANTIGO PALÁCIO DOS CONDES DE TENTÚGAL

Santiago é uma freguesia actualmente caracterizada pela população envelhecida, um retrato da sociedade Europeia, mas com uma enorme potencialidade devido às suas características geográficas, históricas e socioculturais. Pretende-se dinamizar a freguesia tendo em vista a sua reabilitação, dotando-a de actividades e redes de serviço que se adequam a grupos sociais que a habitam ou frequentam as imediações.

Sobre o Palácio dos Antigos Condes de Tentúgal conclui-se, através do estudo teórico e dos registos gráficos, que durante décadas as alterações, de soma e subtracção, fizeram desvirtuar a lógica e até a identidade do Palácio dos. Foi essencial encontrar um programa arquitectónico que se adequasse ao lugar, propondo um equipamento de uso público que servisse e valorizasse a zona, relacionando-se com as questões da actualidade e características da população.

A recolha de testemunhos locais, sustentados pela estatística, fez relevar as necessidades da população em desenvolver um espaço de serviço ambulatorio dedicado à população idosa, promovendo actividades de cariz terapêutico que permitisse contribuir para o seu envelhecimento activo.

A Unidade de Terapia Ocupacional foi o programa pensado para este projecto tendo como objectivo oferecer um conjunto de diferentes terapias para a prevenção ou reabilitação de indivíduos com limitações motoras, cognitivas e/ou sensoriais próprias das pessoas com idade avançada, promovendo assim a garantia de uma vida autónoma e activa em sociedade.

Devolver à comunidade o Palácio dos Antigos Condes de Tentúgal valorizando as suas mais-valias, foi desde o início deste trabalho um objectivo definido, procurando-se restituir ao Palácio a sua lógica formal, libertando-o de adições descontextualizadas feitas ao longo de várias décadas. Privilegiou-se o uso de materiais característicos na envolvente, como a pedra calcária, as guardas em ferro ou as caixilharias em madeira, estabelecendo uma continuidade visual com a vizinhança.

Para que se manter um edifício antigo activo e útil para a sociedade é necessário adaptá-lo aos novos ritmos e usos da vida contemporânea, procedendo a adaptações que passam por, conservar, modificar, substituir, demolir ou construir. Neste antigo Palácio o pré-existente foi sujeito a algumas subtracções e adições, de forma a responder ao programa e objectivos da proposta mas sobretudo devolver-lhe a sua identidade.

O fácil acesso pedonal e rodoviário, sendo que no largo de Santiago situa-se o ponto de chegada e partida dos autocarros da Carris, e a proximidade de todos os serviços existentes na zona, assim como de áreas de lazer é uma mais valia do local de implantação deste edifício, não tendo sido necessária a intervenção nos locais de acesso.

Começamos pela fachada original do Palácio, imagem do edifício para a Rua de Santiago, responde-se com o mínimo de intervenção, recuperando a lógica inicial e a autenticidade do edifício. Encerraram-se vãos, abertos durante os anos 20 para o acesso de cargas e descargas, onde se propõe o revestimento a pedra calcária (igual à existente) aplicada com um espaçamento que permite deixar passar a luz natural para o interior do edifício. Após a análise aos edifícios e ruas da envolvente, percebemos que a cor rosa do Palácio é uma cor recorrente, razão pela qual optámos por mantê-la nas fachadas da pré-existência.

Na fachada posterior, descaracterizada actualmente, procurou-se intervir assumindo uma contemporaneidade que faz a ligação entre o novo corpo do passadiço e os edifícios pré-existent, através da aplicação de painéis modulares e móveis em madeira, no último piso.

Tal como fora referido anteriormente, as alterações levadas a cabo pelos anteriores proprietários do Palácio alterou de forma significativa a organização espacial no seu interior, alterações que passaram desde o entaipamento de várias paredes até à construção de novas divisórias. No entanto, hoje, ainda se reconhece no piso térreo a antiga escadaria, o corredor de distribuição em arcos e a sala principal com uma escada de acesso directo ao exterior. Existem também elementos arquitectónicos de maior valor, originais do Palácio como os tectos abobadados, as colunas, arcadas, paramentos e garnições de vãos. A maior parte do pavimento é revestida em blocos de pedra calcária nos pisos 0 e 1 embora no piso 2 seja todo revestido a soalho de madeira.

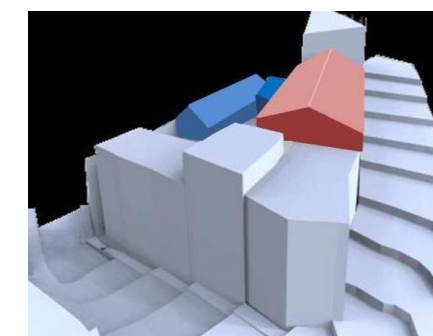


Ilustração 38: Edifícios A e B pertencentes ao Palácio



Ilustração 39: Escada de acesso pela Rua do Limoeiro.



Ilustração 40: Janelas sacadas-fachada principal do bloco A.

A antiga atmosfera do Palácio é ainda perceptível sendo a escadaria um dos espaços de maior impacto emocional. Rodeado de zonas com um pé-direito relativamente baixo, o seu duplo pé-direito causa um enorme impacto. Actualmente, após as alterações sofridas nos anos 20 este espaço é iluminado, unicamente, por um pequeno vão situado rente ao chão na parede virada a Norte. A escadaria tem uma estrutura constituída por três arcos que possibilitam uma relação visual com os dois pisos. A atmosfera nestes pisos é sombria, a iluminação natural é quase inexistente, resultado do emparedamento de salas visualmente comunicantes com a escadaria. Para alterar essa situação foi feito um vão zenital que canaliza a luz natural para dentro deste espaço, garantindo um iluminação confortável que nos desvenda aquele lugar. Outros dos espaços que nos revela a organização do antigo palácio é o corredor de distribuição, adjacente ao corpo da escadaria, corpo de distribuição horizontal, um espaço com três arcos revestidos a pedra, que é interrompido por vãos interiores entre nichos, que permitem uma comunicação visual entre os diferentes compartimentos e até uma iluminação ténue.

O compartimento por cima do corredor de distribuição no piso zero, é o vestíbulo no primeiro piso. Semelhante ao vestíbulo do piso zero, este espaço é constituído por três arcos perpendiculares à escadaria principal em que predomina a cor e textura da pedra nas guarnições dos vãos e no revestimento das paredes em que são rasgados vãos interiores, mais uma vez comunicantes com as salas adjacentes. Por último destaca-se a sala principal com o pavimento calcário de geometria definida e uma mezanine (à cota do piso 1 +3,18) que é acedida através de um corpo de escadas em madeira.

O edifício localizado a Sudoeste do terreno está ligado ao edifício principal através do pátio, denominado de Câmara de Secagem e da época do Laboratório. A sua configuração é simples, com dois corpos rectangulares que formam um L. A cobertura do corpo maior é em duas águas e o corpo mais pequeno (perpendicular ao palácio) de uma. No interior existem seis paredes que dividem este espaço, mas não o encerram, funcionando como um espaço único de grandes dimensões.

O terreno encontra-se murado e a Sudoeste, junto corpo maior do edifício em L, uma entrada pela Rua do Limoeiro que pertence ao mesmo lote, embora esteja actualmente murado. Existe uma apropriação desta parcela com ajardinamento e reservatórios de água, pela vizinhança.

No decorrer do trabalho, realizamos uma análise cromática de vários elementos presentes nos edifícios da pré-existência assim como da envolvente.

O programa procura responde às necessidades da freguesia, regenerando o Palácio e contribuindo para a promoção da qualidade de vida dos seus habitantes. A definição do programa resulta da análise da recolha de testemunhos *in loco* da população desta área. O Palácio é constituído por dois volumes de épocas diferentes:

-O edifício A, volume original do Palácio implantado na Rua de Santiago, que acolhe espaços de prevenção física e de reabilitação cognitiva e sensorial. Acolhe espaços com programas de apoio que inclui espaços de lazer, gabinetes administrativos, um anfiteatro, um espaço de leitura e ainda equipamento técnico. Importa ainda mostrar que ao edifício do Palácio.

- O edifício B, a antiga câmara de secagem, implantado no pátio e comunicante com a Rua do Limoeiro é o volume inteiramente dedicado à reabilitação física e no piso superior um programa de cariz mais público, uma cafetaria com uma íntima relação visual com o rio.

A estes dois corpos foi anexado um terceiro, um passadiço metálico situado no pátio, que faz a comunicação física entre os dois volumes, a céu aberto no piso superior e encerrada, controlada termicamente, ao nível do piso térreo. O edifício funciona como um todo mas assume uma dinâmica de partes pelos seus diferentes corpos. No pátio espaço de comunicação entre os três corpos existe um palco de exibição, para música e dança, que correspondem a uma zona pública do Palácio a estratégia de intervenção divide-se em dois momentos, nomeadamente na operação sobre a pré-existência (Espaço dedicado à reabilitação sociocognitiva no edifício do Palácio e o no edifício B um espaço dedicado à reabilitação física) e na concepção de um terceiro corpo que faz a comunicação física entre eles.

O novo corpo que garante a ligação entre o volume A e B deve conviver com naturalidade com os edifícios existentes. Pretende-se criar um espírito de continuidade com o passado, apresentando, no entanto, uma imagem contemporânea, que se diferencie claramente da pré-existência.

A intervenção prevê a demolição de parte do edifício B, o corpo que se encontra perpendicular ao palácio, construído na época do Laboratório, por considera-lo

PROGRAMA



Ilustração 41: Amostra do reboco pintado fachada principal



Ilustração 42: Amostra da caixilharia em madeira dos vão do alçado principal

PROPOSTA



Ilustração 44: Amostra de corrimão em madeira dos varandins da fachada



Ilustração 43: Pedra calcária da calçada e pedra basalto de pavimento da estrada

inadequado e em estado de degradação, preservando deste modo somente o edifício maior da antiga Câmara de secagem. O desenho do novo volume nasce da vontade de manter uma comunicação com o rio tal como acontece com o edifício A. Através da análise da documentação e da história do edifício, percebemos que essa ligação ao rio era um dos factores mais importantes para qualidade de vida dos moradores do Palácio.

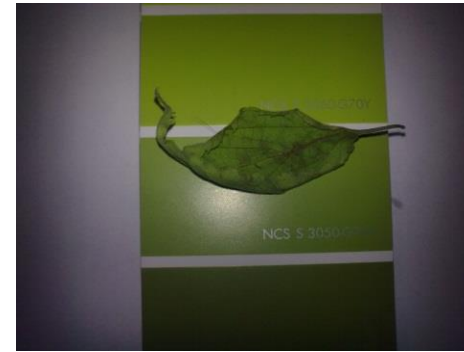


Ilustração 45: Folha de origem vegetal das árvores de pequeno porte da Rua de Santiago

DESCRIÇÃO SENSORIAL DO PROJECTO NA PERSPECTIVA DO UTILIZADOR

Segue-se a descrição do Projecto que se inicia com a apresentação do volume em que existem áreas específicas dedicadas à reabilitação e estimulação cognitiva local onde são desenvolvidos programas terapêuticos. Procurou-se manter corredores amplos e desimpedidos, alas com ambiente familiar e condições de segurança que permitem ao utilizador movimentar-se a vontade sentindo-se confortável. Lembra-se que os doentes com alterações na percepção da realidade (nomeadamente não ouvem ou vêem bem) sentem um enorme desconforto em ambientes não adaptados causando medos e perturbações, sendo portanto uma das premissas levadas em conta ao longo de todo o projecto.

O corpo original do Palácio que se desenvolve em três pisos é acedido pela Rua de Santiago, na fachada Noroeste. Um volume cromático (rosa) que é marcado por blocos de pedra calcária que formalizam a lógica e o ritmo desta fachada e que deixa inundar o interior pela luz que atravessa pelas pequenas frestas que separam os blocos em calcário. (Ilustração 46) Através do portal brasonado, que interrompe o ritmo das janelas sacadas, de menor dimensão, é-nos anunciada a entrada principal através de um vão em madeira com grandes dimensões.

O percurso que nos conduziu até ao Palácio leva-nos agora ao seu interior, anunciando, lateralmente, uma escadaria em pedra com triplo pé-direito, que nos remonta a memórias passadas. (Ilustração 50) A imponente escadaria desvenda-nos dois pisos superiores que se vislumbram por entre três arcadas uma estrutura que suporta a cobertura em telha lusa e que é rasgada por um vão zenital. O pavimento calcário

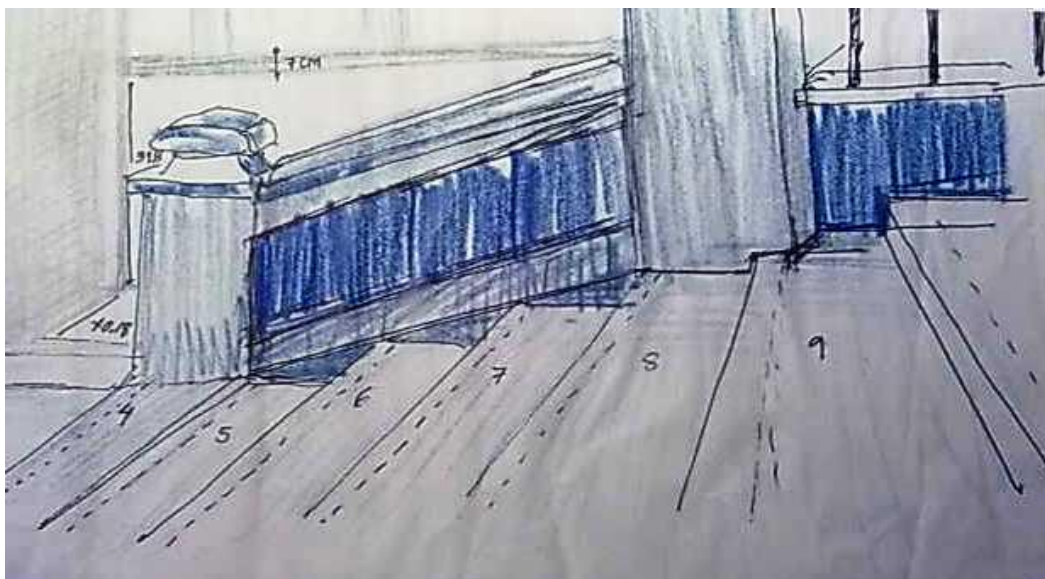


Ilustração 50: Escadaria principal - Bloco A

prolonga-se pelo interior do piso térreo e primeiro piso, nos espaços distribuição.

Passando o vestíbulo percebemos ao fundo um espaço mais iluminado que nos dá a conhecer, envergonhadamente, a zona do pátio, visão interrompida pelo volume do balcão de atendimento que aparenta ocupar toda a área da recepção. (Ilustração 47) Mobiliário desenhado para dar resposta às limitações físicas dos utilizadores da Unidade de Terapia Ocupacional, este balcão apresenta duas zonas de atendimento com alturas diferentes, que permite ser utilizado por indivíduos em cadeiras de rodas. Este mobiliário tem ainda a função de dividir fisicamente o espaço da recepção e o acesso às salas de dançaterapia e expressão corporal. O balcão em U parece dar origem ao corrimão das escadas de acesso a estas salas, permitindo ilumina-las através de uma sanca que faz o remate da parede e do corrimão. O pavimento e parte das paredes da sala de recepção são em pedra calcária, e o tecto em estuque pintado de cor suave. A iluminação pontual é garantida pelo caixa de luz suspensa sobre o balcão que permite trazer uma iluminação indirecta ao espaço de trabalho.

Ainda antes de chegarmos a recepção encontramos um corredor à direita, com um pé direito mais pequeno que termina com o aparecimento de um cone de luz zenital que se espalha pelo pavimento enquanto esperamos pelo elevador. (Ilustração 48) Este corredor de distribuição, de pé direito mais baixo é também conformador de pequenos nichos, comunicantes visualmente para as outras salas, através de vãos interiores, são também lugar de exposição sobre as memórias do antigo Palácio.

Atrás do balcão da recepção encontramos as escadas iluminadas pelo limite do balcão, descritas anteriormente, que nos levam as salas de dançaterapia e expressão corporal. O pavimento vinílico em pvc antiderrapante, lavável e de fácil manutenção foi rematado na parede com um lambril de madeira de 1,2m de altura, que cria uma estereotomia do chão, coincidente com as juntas de união do pvc, na parede. A primeira sala, sala de expressão corporal, a parede Este é revestida com espelho e tem um duplo pé direito tornando esta sala volumetricamente maior. A sala é iluminada naturalmente por dois vãos rasgados na fachada posterior (Sul) trazendo a luz natural para o interior da sala a 4,18m do solo.

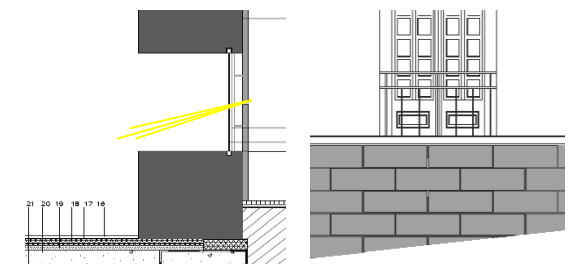


Ilustração 46: Fachada de pedra em que a luz atravessa entre frestas.



Ilustração 47: Balcão de atendimento - recepção

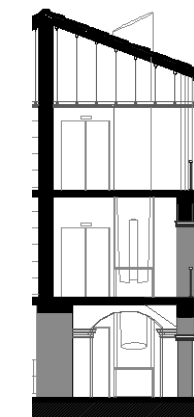


Ilustração 48: Cone de luz zenital

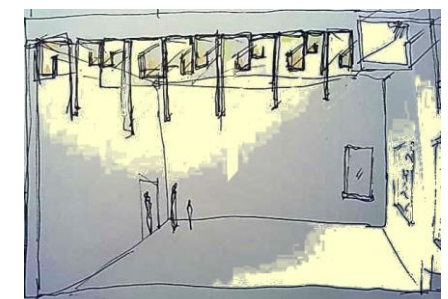


Ilustração 49: Sala de expressão corporal - Caixas de luz.

A sala de dançaterapia(**Ilustração 49**) é uma sala de área maior em que se promovem actividades terapêuticas ligadas à modalidade da dança. No fundo da sala existem dois vãos, pertencentes à fachada principal do Palácio, que permite a entrada de uma luz contestante (norte) por entre os blocos de pedra. Ainda assim foi necessário garantir uma iluminação eficaz nas diferentes horas do dia que foi resolvido com a utilização da luz artificial. Foram desenhadas umas “caixas” em gesso cartonado suspensas no tecto, com uma configuração que permite não só criar uma composição dinâmica, como direccionar a luz e trazendo-a para o espaço de forma eficaz e controlada, sem que o utilizador se aperceba dela. A vontade de manter todo o sistema técnico oculto teve a ver com o facto de existir a possibilidade dos utilizadores estarem deitados no chão, no momento da actividade física, e verem todo o equipamento de iluminação directamente.

Uma das salas, descritas nos documentos históricos como uma das principais é agora o local destinado á permanência dos utilizadores enquanto não são encaminhados para as terapias que se lhes destinam. Podemos aceder à sala de espera através da recepção, por um grande vão em vidro que nos desvenda a ampla sala dividida por uma mezanine, ou aceder pelo corredor de distribuição. (**Ilustração 52**) Esta segunda hipótese tem uma leitura completamente diferente da primeira, uma vez que o utilizador passa dum espaço mais contido voltométrica e luminicamente (corredor) para uma sala com duplo pé direito, com mais de seis metros de altura.(**Ilustração 51**)

Esta sala o pavimento é todo revestido a pedra cálcaria, que é colocada em duas direcções, perpendiculares entre si, que conformam visualmente espaços de passagem e de espera. Ao fundo existe uma porta que nos liga ao passadiço exterior, que é dissimulado pelo ripado de madeira que desce do plano da mezanine para o piso térreo, criando uma divisão física entre o espaço de passagem e de espera.

Paralelo ao plano de ripado mas um pouco mais recuado existe um corpo de escadas revestido a madeira de carvalho, junto de uma parede de estuque pintado com elevado grau de brilho, que uma vez iluminada reflecte, “espelha” e amplifica o espaço. este corpo de escadas faz a comunicação com o segundo piso pela galeria da mezanine. (**Ilustração 54**)

É pela sala de espera que se acede aos balneários (masculino e feminino) e que se inicia o percurso da Terapia Física, localizado no bloco B, espaço com diferentes



Ilustração 53: Escadas interiores - acesso à mezanine.

terapêuticas como hidroterapia, cinesioterapia (terapia do movimento) e massoterapia onde são desenvolvidos exercícios adaptados a cada idoso.

Para aceder ao bloco B interiormente, atravessamos o passadiço metálico revestido a madeira e interrompido por vãos que desvendam o espaço do pátio, que garante a iluminação e a ventilação natural, e é conformado por dois espaços- um mais privado e outro de carácter mais público. (**Ilustração 54**)

Do lado direito do passadiço, na zona do exterior, local mais privado, encontram-se três pequenos volumes em madeira, desenhados para proporcionar actividades de acção preventiva (Terapia de jardinagem ou Terapia da horticultura) uma vez que as bancadas estão ao nível dos braços a execução destas actividades pode ser feita na postura correcta. (**Ilustração 55**) Estes objectos ergonómicos têm também zonas para sentar e disfrutar do espaço exterior. Atrás destes volumes em madeira vislumbra-se um corpo em vidro que avança sobre o terreno, onde decorrem as actividades de hidroterapia. Este espaço revestido a pedra com cor de areia é iluminado por esse grande plano

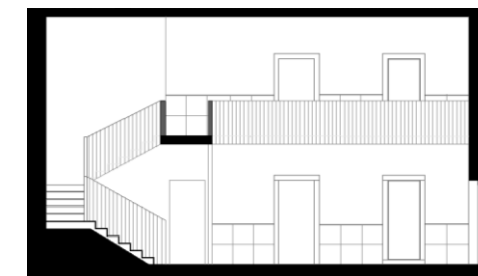


Ilustração 52: Sala de espera duplo pé direito- mezanine



Ilustração 51: Sala de espera ambiente.

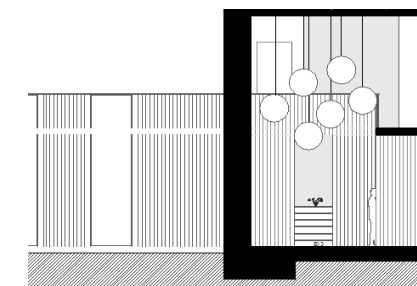


Ilustração 54: Comunicação do passadiço com a sala de espera

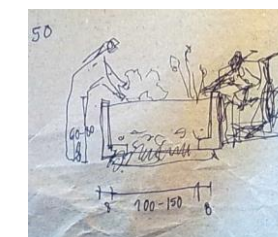


Ilustração 55: Caixas de jardinagem.

transparente que torna a prática desta actividade mais descontraída pelo contacto constante com a massa vegetal do exterior.

Como fora anteriormente referido o bloco B do palácio é um edifício em L contido por dois corpos comunicantes mas com características diferentes. O corpo maior em altura é também o mais pequeno em comprimento. Corpos com características volumétricas distintas que são ligadas ao bloco A do palácio pelo passadiço que é o elemento arquitectónico que permite a comunicação de ambos (Ilustração 56).

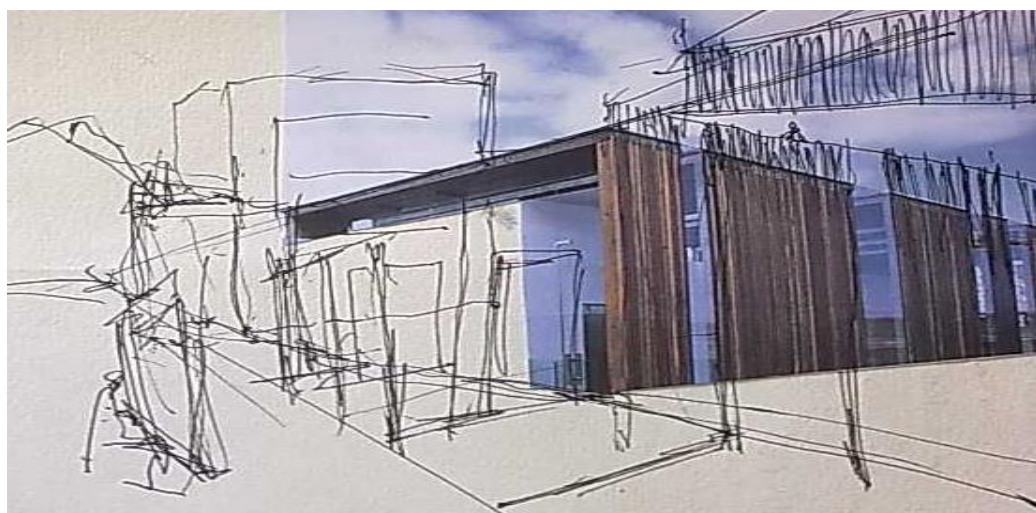


Ilustração 56: Passadiço metálico revestido a madeira.

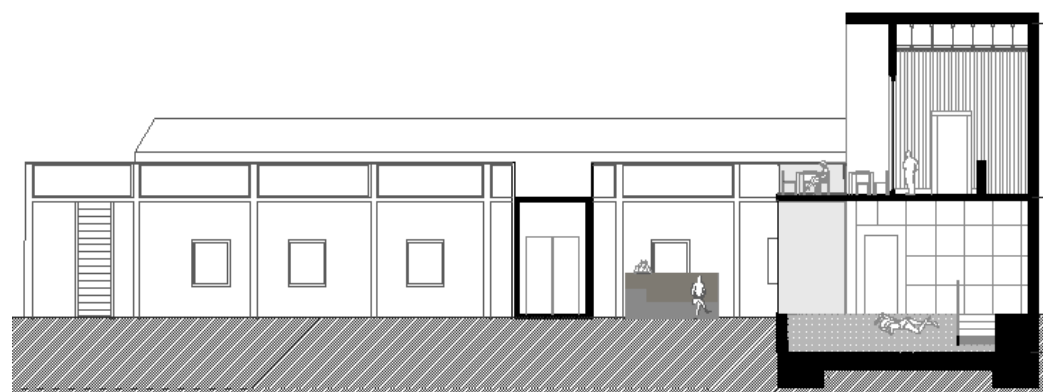


Ilustração 58: Bloco B - corpo 1 e 2.

Ao fundo do passadiço existe uma porta que nos conduz para o interior do bloco B, que é ladeada por duas portas comunicantes com o exterior. Este corpo do bloco B é dedicado exclusivamente à prática de terapêuticas físicas: massoterapia, cinesioterapia, treino de força e treino de equilíbrio que ocupam as zonas 1, 2, 3 e 4, respectivamente.

(Ilustração 57)

Zona 1: Nesta zona são feitas massagens terapêuticas que permitem a reabilitação física do indivíduo. É dividida pelo mobiliário fixo, três planos verticais que “descem” das asnas da estrutura do telhado e que permitem a arrumação de materiais necessários, que criam uma maior privacidade quando deitados nas macas de massagem. (Ilustração 58)

Zona 2: A segunda zona é um espaço de treino no solo que, seguindo a mesma linguagem do mobiliário fixo anteriormente referido, é dividido por um grande plano vertical que “desce” da estrutura do telhado mas que iluminar os espaços adjacentes. O pavimento desta zona resiliente garantindo uma maior segurança a execução dos exercícios no solo. (Ilustração 58)

Zona 3: Esta é a zona dedicada ao treino de força. Este espaço com um banco fixo e um armário para arrumação dos materiais que resulta da aplicação de um plano vertical que “esconde”, numa primeira fase, o espaço interior. Este equipamento foi desenhado no sentido de permitir o treino de força muscular dos membros superiores e inferiores.

Zona 4: A última zona é dedicada ao treino de equilíbrio. Foi desenhado um equipamento que permite a execução de exercícios de equilíbrio com possibilidade das duas variantes (escadas e rampa). Ao executar este exercício existe uma ascensão física que permanece numa continuidade visual através da curva que continua a subir. (Ilustração 59)

Ao fundo do espaço existe ainda um balcão de apoio antecedente ao espaço de hidroterapia anteriormente descrito. Embora todas estas zonas se destinem para a execução de diferentes treinos os compartimentos não são encerrados permanecendo uma lógica funcional mas também de continuidade visual. (Ilustração 60) A necessidade de reforçar as paredes interiores do bloco B, procurando trazer um maior conforto acústico e térmico, possibilitou o desenho de nichos marcados pelos vãos e pelo pavimento em madeira.

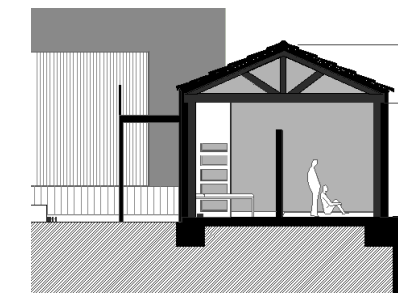


Ilustração 57: Zona de massoterapia e zona de treino no solo.



Ilustração 59: Equipamento de treino de equilíbrio.



Ilustração 60: Espaço de hidroterapia.

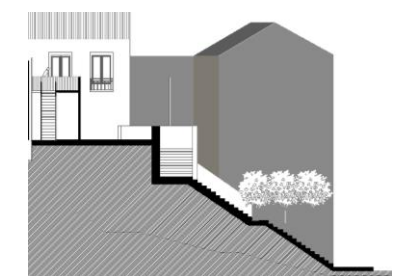


Ilustração 61: Acesso ao passadiço pela Rua do Limoeiro.

O passadiço que nos conduziu interiormente ao bloco B faz a comunicação também a comunicação entre o primeiro piso do palácio e a cafeteria no primeiro piso do bloco B. Este passadiço que convida os utilizadores, através da Rua do Limoeiro a conhecerem o Palácio, funciona como uma “rótula” do projecto que pretende criar uma linguagem comum entre as diferentes partes que constituem a Unidade de Terapia Ocupacional, não perdendo, cada um, a sua identidade individual. (Ilustração 61)

Também através do espaço exterior acedemos ao piso 1. É neste piso que se desenvolve o restante percurso terapêutico da Unidade, agora dedicado às terapias cognitivas, individuais ou em grupo. Existem três salas para o desenvolvimento das terapias individuais e 2 para as terapias em grupo. As salas de terapia individual podem ser utilizadas autonomamente das restantes uma vez que são acedidas por uma pequena sala de espera com balcão de atendimento, permitindo ao utente esperar pela sua consulta já no piso superior.

Em duas destas salas a iluminação é feita naturalmente pelos vãos da fachada principal garantindo uma iluminação constante (Norte) no interior destes compartimentos. (Ilustração 63)

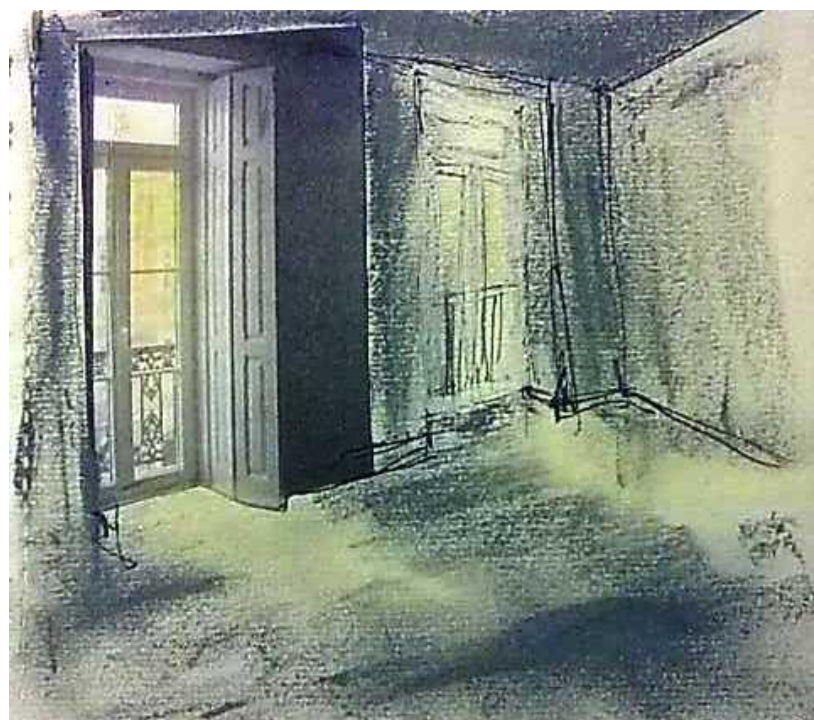


Ilustração 62: Sala de Terapia cognitiva individual.

A terceira sala, um espaço interior, a iluminação é assegurada por uma caixa de luz suspensa, que traz zenitalmente a iluminação para este compartimento. Nestas divisões existe ainda mobiliário fixo que garantem a arrumação dos materiais necessários para as actividades previstas. No caso da sala de espera deste piso a iluminação é feita pelo vão interior que foi aberto numa das salas de Terapia, mantendo a mesma lógica de comunicação visual entre espaços, existente em todo o desenho do palácio. Todas as salas as paredes são estucadas e pintadas em tons claros e o pavimento revestido a madeira com acabamento a óleo, garantindo um conforto necessário e também uma adequação psicológica. (Ilustração 62)



Ilustração 63: Comunicação visual entre compartimentos.

Dirigindo a nossa atenção para as salas de terapia em grupo, comunicantes entre si onde existe um mobiliário fixo, desenhado para o desenvolvimento de actividades em grupo. Este espaço desenhado para promover o conforto e o bem estar dos utilizadores é acedido por um pequeno vestíbulo onde podem ser guardados os objectos pessoais, bem como permanecer sentado num momento de espera, é possível, mais uma vez, estabelecer uma comunicação visual entre os diferentes espaços do palácio. O vão rasgado para o corpo de escadas permite ao utilizador ver os três piso bem como ver os compartimentos adjacentes. Esta decisão de manter a existência dos vãos interiores tem não só a ver com a vontade de manter a identidade deste palácio mas também permitir

que exista, por parte do utilizador, um reconhecimento na localização dos diferentes espaços que o constituem.

As duas salas de terapia de grupo têm características distintas uma vez que se destinam para actividades diferentes. O compartimento com a fachada virada a Sul, é uma sala com características de sala de estudo, em que existe uma mesa e cadeiras permitindo a execução de actividades ligadas com o treino da motricidade fina e lógica. Podemos aceder a esta sala através da galeria da mezanine ou pela sala comunicante. Esta segunda foi desenhada com um mobiliário fixo que garante a execução das actividades propostas. Foram desenhados sofás individuais que no seu todo formam uma roda, uma premissa necessária para partilha de experiencias em grupo. O objectivo principal no desenho deste mobiliário foi primeiramente garantir o conforto e bem-estar neste local de longa permanência mas tendo em conta a necessidade de manter o contacto visual entre todos no momento da aplicação da Terapêutica. (Ilustração 64)

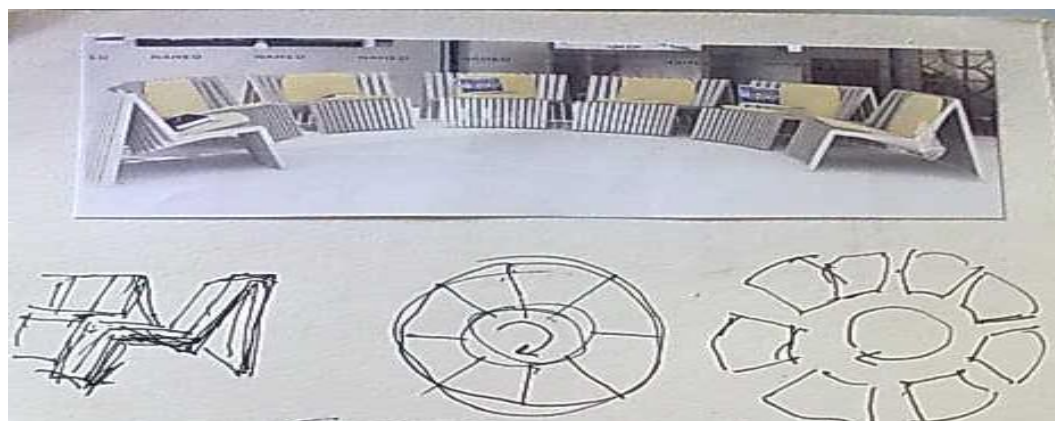


Ilustração 64: Cadeiras de Terapia de Grupo.

No piso um existem ainda duas instalações sanitárias, que são revestidas a mosaico cerâmicos anti derrapante garantindo a higiene e a segurança dos utilizadores.

Como foi anteriormente referido o piso um é também comunicante com o bloco B do edifício. É possível, através deste piso, acedermos ao passadiço metálico que nos conduz tanto para a cafetaria como para o pátio através da escada comunicante com a Rua do Limoeiro. Desta forma é possível aceder-se a cafetaria de forma simples e independente uma vez que foi desenhada para que fosse possível a sua utilização por indivíduos com mobilidade condicionada.

A cafetaria com uma privilegiada comunicação com o rio Tejo, pode ser usada por qualquer pessoa uma vez que é fisicamente independente de toda a Unidade. Este espaço mantém uma continuidade estética com os restantes espaços do Palácio embora o seu funcionamento possa ser feito autonomamente. Uma sala com mobiliário fixo, sofás encastrados e balcão de cafetaria é um pequeno espaço comercial que potencia a permanência na Unidade mesmo daqueles que não a utilizem como espaço Terapêutico.(Ilustração 65)

No último piso do Palácio encontramos a zona de carácter mais público. Acedemos a este espaço por um novo corpo de escadas que se destaca claramente pela sua assumida contemporaneidade mas que pretende manter a permeabilidade visual deste corpo de distribuição vertical. Estas escadas foram desenhadas para garantir esta leitura de comunicação entre compartimentos mas também para garantir o conforto na sua utilização. Nesse sentido embora o escada tenha sido configurada no sentido de não ter espelho, os degraus acabam por se sobrepor não trazendo uma sensação de desconforto quando utilizada. A escada é desenvolvida sobre um perfil em I e por cabos de aço em tenção que servem não só para a sua fixação mas também para a criação de uma parede aparente que faz sentir o utilizador mais confortável. (Ilustração 66)

No piso dois uma sala de leitura com um espaço de estar no lado esquerdo do corpo das escadas. Todo o tecto é isolado e revestido com gesso cartonado garantindo um maior conforto, bem como o pavimento que é todo revestido a soalho de madeira de carvalho com acabamento a óleo. Na sala de leitura encontramos três volumes que guardam livros. Estes módulos de mobiliário fixo foram desenhados para garantir uma iluminação autónoma e indirecta evitando a deterioração dos livros. Entre estes módulos conformadores de espaço existem mesas de apoio que permitem a consulta dos livros com luz natural que surge pelos vãos interiores. Ainda neste espaço existe uma sala um pouco mais resguardada onde é possível permanecer um longo período tempo, promovendo à sociabilização entre os utilizadores da Unidade.

Em toda a fachada sul foram colocados painéis móveis revestidos em madeira que garantem um controlo lumínico de todas estas salas: sala de estar, gabinetes administrativos e gabinete de direcção. Com vãos de correr e guarda corpos é possível abrir todos os painéis tornando este espaço não encerrado, promovendo um espaço com características totalmente diferentes. A escolha do material deveu-se à necessidade de se manter uma continuidade estética desta decisão de projecto. Em diferentes

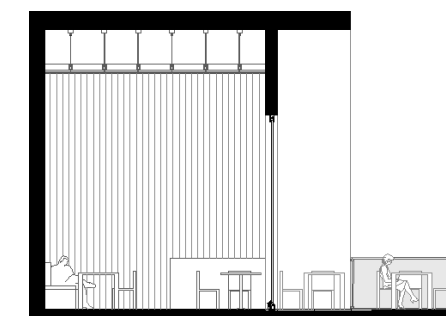
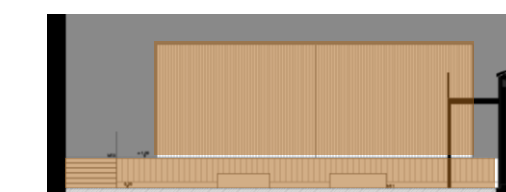
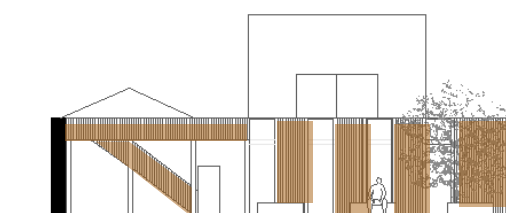


Ilustração 65: Cafetaria- bloco B



Ilustração 66: Escadas interiores piso 1 e piso 2.



compartimentos, interiores e exteriores, a madeira foi utilizada como material conector dos diferentes espaços. **(Ilustração 67)**.

Neste caso estes painéis da fachada posterior têm uma relação directa com o corpo do passadiço e até com o palco. Neste piso existe ainda um pequeno auditório a que lhe antecede um bengaleiro. Para esta sala foi desenhada uma mobiliário fixo para garantir uma arrumação simples. Em frente ao balcão do bengaleiro temos uma porta de folha dupla que nos conduz para o interior do auditório que foi desenhado para promover o conforto dos seus utilizadores uma vez que foram utilizados acentos ergonómicos sobre “degraus” do palco foi revestido a madeira. Neste piso as paredes são pintadas em tons suaves e o pavimento revestido a soalho de madeira com excepção dos sanitários em que se optou por pavimento em mosaico cerâmico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho final de mestrado, a pesquisa e a reflexão em torno das temáticas abordadas não só ajudou no desenvolvimento do trabalho, como contribuiu para a aquisição de novos e essenciais conhecimentos para o futuro.

A percepção dos espaços, tema fundamental para esta investigação, contém uma grande dose de subjectividade, razão pela qual não temos a pretensão de chegar a soluções definitivas e únicas. Procurámos projectar espaços multi-sensoriais embora estando sempre presente que o arquitecto não tem a capacidade de antever e controlar todos os factores que contribuem para essa percepção, factores como o tempo, as memórias, conhecimentos e imaginação. Contudo, tem o poder e a responsabilidade de controlar as sensações que os espaços provocam, surgindo das decisões que toma ao longo do projecto.

Embora tenha sido diversas vezes contactado pelo autor, o actual proprietário do edifício, um dos accionistas da empresa imobiliária Inland, não foi possível aceder-se ao interior do edifício em todo o decorrer do trabalho. A pouca e dispersa informação sobre o local e sobre o edificado não foram inibidores de uma procura e recolha exaustiva, em alguns momentos de forma não convencional. Conseguiu-se um conjunto de registos não oficiais cedidos pela empresa Teixeira Duarte, documentos em fase de avaliação/apreciação na Câmara Municipal de Lisboa, documentos do arquivo digital da fundação Gulbenkian, documentos cedidos pela Junta de Freguesia de Santiago, documentos arqueológicos cedidos pelo arquivo intermédio, entre outros, que permitiu encontrar respostas fundamentais na execução deste trabalho. A compilação de todos os documentos poderá ser útil no futuro.

Compreendemos que os elementos luz, cor e matéria são a síntese da arquitectura neste trabalho e em qualquer outro. Na execução deste trabalho a cor, entendida tendo em conta a funcionalidade e o carácter pretendido para esses espaços, aplicaram-se variados materiais e acabamentos. Procurou-se fugir da utilização precipitada da cor branca para cobrir os espaços, mas utilizá-la em zonas apropriadas como nalguns espaços.

Concluimos através da investigação efectuada e da experiência da sua aplicação em projecto, que embora não seja simples definir o utilizador, é possível pensar arquitectura

apontando determinadas características e objectivos comuns aos seres humanos, questões como a ergonomia e do conforto, são aspectos concretos no acto de projectar e que devem estar sempre presentes. No entanto o arquitecto deve fazer um esforço para se distanciar de si mesmo, procurando adoptar uma complementaridade que compreenda não só os objectivos estéticos e programáticos do Projecto.

A questão da orientação espacial foi entendida com o objectivo alcançar uma clareza na leitura espacial sem entrar nos circuitos fixos e pré-determinados, dando oportunidade aos visitantes de descobrir mas sem se sentir perdidos no espaço. Dadas as características do público alvo, entendeu-se como correcto demarcar as zonas de entrada/saída, acessos verticais e espaços específicos através da manipulação da luz e da cor, da escala com clareza gráfica, lumínica e cromática.

Tratando-se de uma reabilitação, a análise dos projectos de referência, assim como a abordagem ao tema da intervenção na pré-existência, embora breve, permitiu o reconhecimento de uma serie de características e procedimentos comuns neste tipo de intervenções. Entre estes, destacamos a demarcação clara entre as construções contemporâneas e as antigas, assim como a opção pela intervenção mínima, procurando realçar os elementos arquitectónicos mais qualificados e clarificar os restantes espaços. Esta análise auxiliou nas decisões projectuais, especialmente na abordagem ao edificado existente.

No decorrer deste Projecto recorreu-se igualmente ao desenho, procurando simular as experiências nos espaços. Este, assim como a elaboração de maquetas e simulações digitais, foram ferramentas que favoreceram a procura de soluções e a clarificação do Projecto. No entanto continua a ser uma das maiores dificuldades neste processo, transmitir concretamente as características dos espaços e as sensações que queremos que provoquem uma vez que nunca experimentamos verdadeiramente os espaços.

Neste trabalho foram abordadas diferentes questões que, devido à sua diversidade e riqueza, podem e devem ser retomadas e exploradas nas suas várias vertentes em trabalhos futuros.

BIBLIOGRAFIA

- Albers, J. (1975). *Interaction of Color*. New Haven and London: Yale University Press.
- Almeida, R. (2011) *A Terapia ocupacional como recurso para idosos institucionalizados – um estado de avaliação das necessidades ocupacionais*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas Fac. Nova de Lisboa
- Aguiar, J. (2005). *A Cor e a Cidade Histórica*. Porto: Publicações FAUP.
- Aalto, A. (1982). *Humanización de la arquitectura- 2º edición*. Barcelona: Gráfica Diamante
- Araújo, N. (1945) *Inventário de Lisboa Fasciculo II*. Lisboa: Editora CML
- Araújo, N. (1992). *Peregrinações de Lisboa III*. Lisboa: Veiga e Herdeiros do Autor
- Araújo, R. (1963) *Lisboa a cidade e o espectáculo na época dos descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte
- Andrade, F. (1948-1949). *A Freguesia de Santiago; subsídios para a história, das ruas, edifícios e igreja paroquial*. Lisboa.[s.n.]
- Basto, J. (2011) *Lisboa e o Rio Paradigma das cidades Atlânticas*. Lisboa: Editora CML
- Bergson, H. (2004). *Matière et Mémoire: Essai sur la Relation du Corps à L'Esprit*. Paris: Quadrige.
- Billger, M. (2004). *The Experience of the Painted Room: The Significance of Light and Colour Combinations. Proceedings of the AIC 2004 Interim Meeting of the International Color Association - Color and Paints*. Porto Alegre,Brazil, November 2-5, 2004
- Birren, F. (1987). *Principles of Color*. Atglen: Schiffer Publishing, Ltd.
- Branco, F. (1958) *Páginas Oliponenses*. Lisboa: Editora CML
- Branco, C. (1991) *Uma obra para o futuro – CML Pelouro da Cultura*. Lisboa: Edições ASA
- Bru, P. (1890) *Histoire de Bicêtre (hospice-prison-asile) d'après des documents historique*. Paris: Aux bureaux du progrès, Lecrosnier et Babé
- Brusatin, M. (1986). *Histoire des Couleurs*. Paris: Flammarion.
- Butterfield, J. (1993). *The Art of Light and Space*. Hong Kong: Nancy Grubb Editor
- Cardim, R. (1980) *Ambiente da Arquitectura*. Lisboa: ?? (não tem editora!)
- Castilho, J. (1938) *Lisboa antiga volume XI*. Lisboa: Editora CML
- Chevreul, M. E. (1987). *The Principles of Harmony and Contrast of Colors and Their Application to the Arts*. USA: Schiffer Publishing Ltd.
- Choay, F.(2010). *Alegoria do património*. Lisboa: Edições 70
- Correia, J. Oliveira, M. (1994) *Plano Pormenor Salvaguarda e valorização. Estudo prévio da Freguesia de Santiago de Alfama Lisboa*. Tese de Mestrado de arquitectura com núcleos Urbanos. Lisboa: Centro editorial FAUTL
- Costa, F.G. (2006). *A cor como poder transformador do espaço. Um estudo sobre a utilização da cor em espaços expositivos interiores*. Tese de mestrado. Lisboa: FAUTL
- Curry, A. (2005) *O futuro da Humanidade: A saga de um pensador*. Cascais: Pergaminho
- Da Vinci, L. (2002). *A Treatise on Painting*. New York: Prometheus Books.
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América Lda
- Dias, M. Graça (2004). *30 exemplos de arquitectura portuguesa no virar do século XX*. Lisboa: Editora Relógio de água.
- Durão, M.J. (2009). *Colour as Pathway of Light: Searching the Shadow in Luis Barragán*, Proceedings of 11th Congress of the International Colour Association, September 27-October 2, 2009. Sidney: TheColour Society of Australia, Inc.
- Durão, M.J. (2010). *O Olho Pensante: Metáforas da Imaginação. Linha do Horizonte, nº1*. Lisboa: Publicações FAUTL
- Garez, C. (s/ data) *Castelo de São Jorge*. Lisboa: Editoria CML
- França, J.A. (2005) *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte
- Hurst, W. (2007) *Building Design London vol 1752*
- Henriques, P. (2004) *Lisboa antes do terramoto Grande vista da cidade entre 1700 & 1725*. Rio de Mouro: Gótica
- Itten, J. (1997). *Design and Form: The Basic Course at the Bauhaus*. London: Thames and Hudson.
- Itten, J. (2002). *The Art of Color*. New York, Toronto: John Wiley and Sons, Inc.
- Koolhaas, R, Foster, N. Mendini, A. et al (2001). *Colours*. Basel; Berlin; Boston: Birkhauser.
- Lancaster, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions
- Le Corbusier (2006). *Polychromie Architecturale: Les Claviers de Couleurs de 1931 et de 1959*. Arthur Ruegg (Ed.). Basel: Birkhauser.
- Lenclos, J.P (1989). *The Geography of Color.Tokyo*: San'ei Shobo Publising Co.
- Lobo, C., Pernão, J. (2009). *Glazed Tiles as an Improving Element for the Environmental Quality in Urban Landscape. Proceedings of 11th Congress of the International Colour Association, September 27-October 2, 2009*. Sidney: The Colour Society of Australia, Inc.
- Lobo, C., Pernão, J. (2008). *Perceptual Colour Variation on Surfaces due to Different Observing Conditions: Azulejos (Glazed Tiles) as Case Study, Proceedings of the AIC 2008 Interim Meeting Colour – Effects and Affects, June 15-18, 2008, Swedish Colour Centre Foundation/ Scandinavian Colour Institute AB, Stockholm*.
- Loução, D. (1992). *Cor: Natureza, Ordem, Percepção*. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: FAUTL.76
- Loução, M.D. (1993) *Prova complementar – Cor: componente do espaço Urbano*.Lisboa: FAUTL
- Lourenço, A.C. (1993). *Freguesia de Santiago*. Lisboa: Contexto
- Lynch, K. (2011) *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70

- Machado, A. A. (1996) *Pessoas idosas e comunicação*. Lisboa: Editora Geral da Acção Social Núcleo de Doc. Técnica e divulgação
- Mahnke, F. (1996). *Color, Environment and Human Response*. New York: John Wiley and Sons.
- Merleau, P. (1999) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora, Ida.
- Miguel, P.S. (2012). *Descobrir a dimensão Palaciana de Lisboa na primeira metade do séc. XVII, Titulares, A corte, vivências e sociabilidades*. Tese de Mestrado, Lisboa: História Moderna e dos Descobrimentos.
- Nobre, M. (2002) *Contributo para a caracterização e distribuição geográfica dos terapeutas ocupacionais a exercer funções no Serviço Nacional de Saúde*. Alcoitão. Escola Superior de Alcoitão
- Pallasmaa, J. (2005). *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. Chichester, UK: John Wiley and Sons, Ltd.
- Pernão, J., Durão, M.J. (2006). *Elementos para um Novo Entendimento da Cor como Geradora do Espaço e do Tempo, Artitextos nº3*, Dez 2006, pp.149-178.Lisboa: Centro Editorial da FAUTL.
- Pernão, J. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Dissertação de Mestrado, não publicada. Lisboa: FAUTL.
- Pernão, J. (2009). *Cor e Arquitectura: Investigação Aplicada (não publicado)*. I Seminário Internacional Cor - Design e Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 30-31 Outubro, 2009.
- Pernão, J. (2010). *The Otherness of White: Elements for a Better Understanding and Use of the Colour White in Architecture*. *Proceedings of Colour & Light in Architecture -International Conference*, Universidade IUAV de Veneza, 11-12 de Novembro, 2010, pp 154-159, Verona: Knemesi.
- Pernão, J. (2012) . *A cor como forma do espaço definida no tempo*. Tese de Douturamento, não publicada. Lisboa: FAUTL
- Rasmussen, S. (2007) *Viver a Arquitectura*. Casal Cambra: Caleidoscópio S.a.
- Rossi, A. (2001) *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos
- Santana, F. (s/ data) *Lisboa na 2º metade do século XVIII*. Lisboa: Publicações CML
- Santos, A. (2006) *Mutações de ambientes através da luz e da cor*. Lisboa: FAUTL
- Silva, F.M. (1999). *Colour/Space: Its Quality Management in Architecture*. *The Colour/Space Unity as an Unity of Visual Communication*. Unpublished Ph.D. thesis, Universidade de Salford, Salford, Inglaterra .
- Siza, A. (2009) *Uma questão de medida* Casal de Cambra: Caleidoscópio
- Silva, M.J. (2009) *Arquitectura Geriátrica*. Departamento de arquitectura FCTUC
- Távora, F (1982) *Da organização do espaço*, Porto: Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P
- Wittgenstein, L. (1977). *Anotações Sobre as Cores*, Lisboa: Edições 70.
- Zevi, B. (1977). *Saber Ver a Arquitectura*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

- Zumthor, P. (2005). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, SA.

Publicações Periódicas

- Araújo, F. (2009) *Arquitectura Ibérica: Saúde*
- Archi News edição especial nº2 (2012). *Luz e cor um fenómeno interdisciplinar e transversal*
- Day, K.; Carreon, D.; Stunp, C. (2000) *The therapeutic design of environments for people with dementia: A review of empirical research*, The Gerontological Society of American.
- Duarte, R. B. (2007, Março). *Cor Color: Luz*, nº21, *Arquitectura Ibérica*, pp.6-9.
- Loução, M.D.C.C. (2007, Março). *Cor Color: Cor*, nº21, *Arquitectura Ibérica*, pp.11-13.
- Peixoto, P.; Providência, P. ; Aguiar, J. (2009) *A cor como linguagem: reflexões sociológicas sobre as dinâmicas cromáticas nos revestimentos e acabamentos históricos de Coimbra*.

Documentos electrónicos:

- “Censos 2011- Resultados Provisórios do INE”. Instituto Nacional de Estatística. <http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011> [Acedidos em Outubro de 2012]
- “Histoire de Bicêtre (hospice- prison- asile) d’après des documents historique <http://www.archive.org/stream/histoiredibict00brupuoft#page/n5/mode/2up> [Acedidos em Setembro de 2013]
- “Plano Director Municipal de Lisboa de 2011”. Câmara Municipal de Lisboa <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/0015/> [acedido em Novembro de 2012]
- : “Regulamento do exercício das actividades paramédicas” *Diário da República D.L. n.º 261/93, de 24 de Julho – www.dre.pt* [acedido em Novembro de 2012]
- Rijo, D., Moreira, F. (2008) *A Freguesia de Santiago nos Seiscentos: Um Retrato Social, Gabinete de estudos Olisiponenses da CML, p.17.* http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/GEO/Demografia_historica/Jornadas_demografia_2008/Demografia_doc4.pdf [Acedido em Novembro 2012]
- *Decreto de Lei 12/98 Fev 25 DR 47/98*
- *Decreto de Lei nº564/99 21 Dezembro art 5º*
- *Decreto de lei nº 261/93 24 Julho*

ANEXOS

a) Neste anexo encontram-se imagens, fotografias, mapas, plantas e uma entrevista que podem revelar-se essenciais para uma melhor compreensão ou complemento da informação desenvolvida ao longo desta dissertação.

Entrevista APTO- Associação Portuguesa de Terapia ocupacional

Terapeutas: Vânia Prates e Joana Pinto

Local da entrevista: Sede da APTO- Estrada de Benfica, 589 – 7º

Dia e hora: 15 Março às 16:30h.

Duração da entrevista: 1 hora- conversa gravada em registo áudio e adaptada ao registo escrito.

Objectivo da entrevista: Registrar e recolher o máximo de informação, relativa às necessidades espaciais de uma local onde seja aplicada a Terapia Ocupacional, para terapias no âmbito cognitivo como físico, para pessoas com idade avançada. Pretende-se ainda identificar espaços de referência na aplicação destas terapias em Portugal.

I.B.: Qual ou quais os espaços de referência da T.O em Portugal?

Vânia Prates: CMR de Alcoitão (MFR) já conhecem? Talvez com um pedido formal consigam lá ir. (...) Neste momento que eu tenha conhecimento, um local de excelência que está bem pensado e bem equipado é o Hospital Residencial do Mar que pertence ao grupo Espírito Santo e que tem uma unidade de T.O e uma unidade para pessoas com demência. Todo o edifício foi pensado principalmente para pessoas com demência, e estudado a nível da arquitectura e da Eng mesmo para estas pessoas, está tudo feito de acordo com a teoria. Esse local é o mais adequado em Portugal. É perto da Expo ali para a Bobadela. (...)

Confesso que há muita coisa que podia ser analisada mas se o projecto tem a intenção de criar uma Unidade de Terapia para pessoas idosas, geriátrica, vocacionada apenas para a parte física e para pessoas com demência este é um bom exemplo. Desde o material que é todo é pensado, o chão por exemplo opaco para não reflectir e criar medos nos pacientes com problemas de demência. O facto é que ao se ter um espaço que esteja preparado para estas pessoas logicamente está preparado para todos. Todos estes ambientes, as cores as materialidades, tudo isso irá influenciar muito a forma como as pessoas se sentem. (...) Depende dos trabalhos que são feitos o ideal seria haver salas de grupo e salas individuais. (...). Assim mais espaços de referência não estou a ver. Há espaços que tem obras e assim mas não foram pensados como no Hospital do Mar originalmente. (...). As necessidades são

diferenciadas, por exemplo podemos estar a falar de um idoso que tenha um problema ortopédico e aí claramente precisa de um tratamento físico no entanto não significa que não tenha problemas cognitivos além dos físicos,

por isso teria de ter um tratamento nos dois sentidos. Portanto, pensando nos idosos, a visão tem que ser o mais holística possível daí pensar numa unidade de t.o à partida deveriam ser pensadas nestas duas situações. (...)

I.B. Que espaços de tratamento seriam necessários numa unidade de T.O. de referência?

Vânia Prates: Na minha opinião, a penso que não poderíamos estar a restringir, só para tratamento ou só outra coisa, nesse sentido eu penso que a intervenção tem de ser as duas partes. Os serviços que existem neste momento estão separados, a junção será teoricamente ideal. À partida um espaço deste é ambulatório embora existam situações que o façam como permanente, a Rede nacional de cuidados continuados que tem algumas unidades de convalescença de curta duração, um mês, de média duração três meses e de longa duração mais de 9 meses. Há uma equipa de profissionais permanente (terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e terapeutas da fala), enfermeiros 24 horas e um serviço alargado mas têm um objectivo diferente da T.O. É uma parceria entre o Ministério da saúde e o Ministério da Segurança Social que tem cerca de 4000 camas neste projecto embora muitas das delas sejam IPSS (...) O espaço deveria ser acessível a todos e com salas de experimentação (Espaço para Treino de Actividades da Vida Diária) fazendo com que se possa aplicar aquilo que é treinado, e depois de trabalhadas uma série de competências sejam elas físicas ou cognitivas possam ser aplicadas em contexto real. (...) Sim estes espaços são adaptados. A cozinha deve ser do tipo industrial se estivermos a falar de uma unidade com 30/40 pessoas. Horário alargado num espaço de T.O. mas em serviço ambulatório é o que nos parece melhor, talvez das 7h00 às 21h00, qualquer coisa assim. (...) Tudo o que serve para ajudar a pessoa no seu dia-a-dia são produtos de apoio. O laboratório de produtos de apoio/ ortóteses serve para fazer essas "peças/talas" desenhadas e adaptadas para aquela situação, porque muitas vezes o que há no mercado não está devidamente adaptado aquilo que o utente precisa. (...) São feitas por terapeutas e pode haver parceria com outras pessoas, designers, sim também. Convém explicar uma coisa, a visão de um terapeuta ocupacional tem a ver com três pilares: A pessoa, o ambiente e a ocupação. Nós trabalhamos com as pessoas ao nível das suas capacidades com as limitações com que tem, trabalhamos ao nível do ambiente físico e social e trabalhamos com a ocupação em si, considerando ocupação tudo aquilo que a pessoa faz, desde o autocuidado, o lazer e o seu trabalho... O que acontece é que se se passou alguma

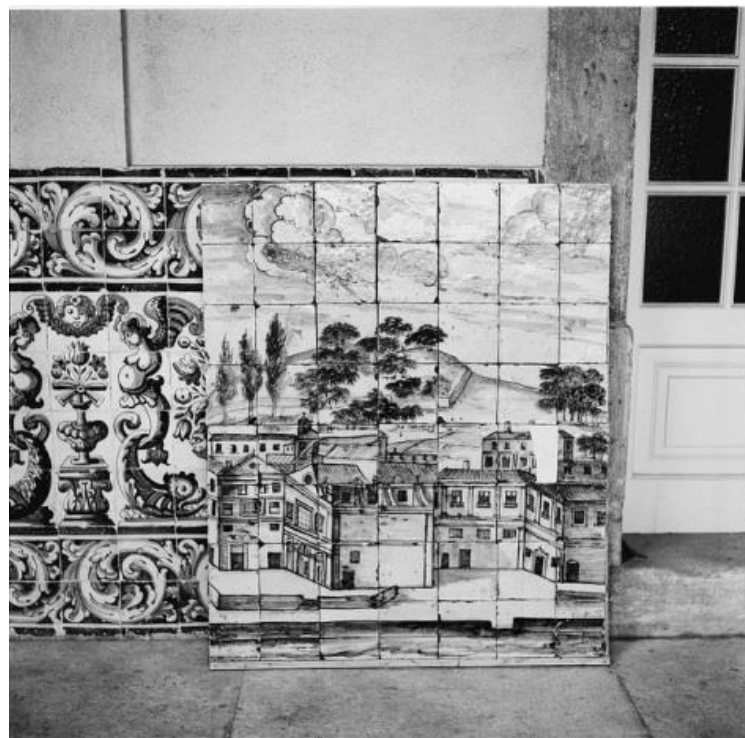
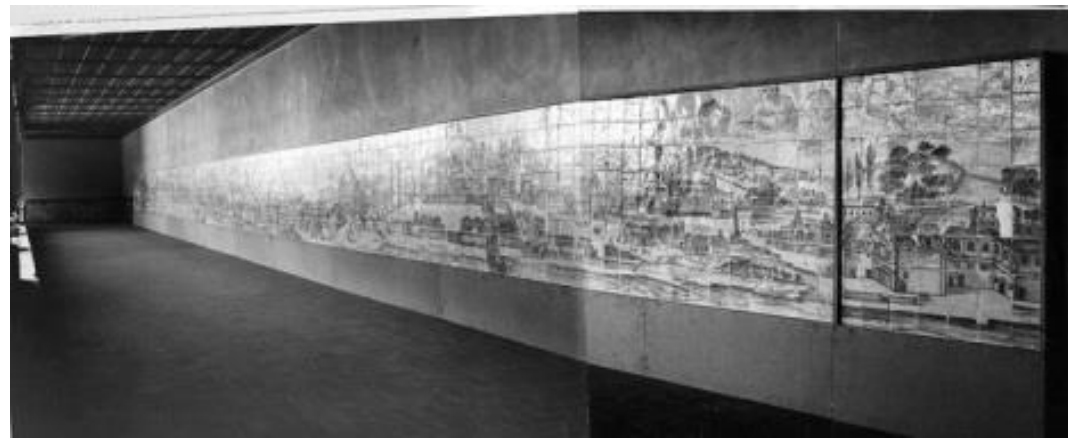
coisa na vida daquela pessoa que não permite voltar à sua vida , vamos avaliar estes três pilares e intervir no sentido da pessoa voltar a ter a sua vida. Tendo em conta que a ocupação surge da interacção entre a pessoa e o ambiente. Isto é a nossa base de trabalho, de filosofia e de pensar. Por isso aparecem aqui (no papel que fora entregue) essas coisas todas, trabalho com a pessoa, trabalho de ambiente com os produtos de apoio, e de trabalho de ocupação e de adaptação daquilo que a pessoa faz. (...) O decreto 163 das acessibilidades já diz algumas coisas, com todos os seus defeitos que tem já diz alguma coisa, para as pessoas que têm alterações cognitivas não há nada que nos diga que o espaço tem de ser assim ou assim. Um sítio bom para conhecerem é a Casa do Alecrim (lar para idosos) da Associação Alzheimer Portugal que foi construído na Alapraia, vale a pena conhecer o espaço para pessoas com demência. Ele foi pensado e criado por terapeutas ocupacionais e por arquitectos com parceria de pessoas de E.U.A, Inglaterra, e outro país europeu, não sei se Suécia se Noruega... E o que realmente é de destacar é que foi tudo pensado, para as pessoas conseguirem identificar as portas dos seus quartos não é com o nome, por maior que as letras sejam, não é com a fotografia de agora ou do passado, porque muitas vezes nem as do passado identificam, são caixas acrílicas com objectos de casa delas na porta do quarto e assim conseguem perceber. Desde os jardins serem todos com plantas comestíveis de forma que as pessoas possam circular à vontade e de forma que possam comer e que possam fazer aquilo que enfim, não se sabe explicar, mas são comportamentos normais para estas demências. Portanto a ideia é que o espaço não tenha, não apresente o mínimo de risco e que consiga fazer as pessoas participar e ter actividades a volta delas, agora não me lembro de mais exemplos mas sei que estes me ficaram por serem de facto importantes. (...)

Joana Pinto: Pela minha experiência de trabalho se as pessoas souberem que há um idoso que está doente e pode ter certos comportamentos que os outros achem estranhos, estando preparadas, penso que seja importante as pessoas conviverem uns com os outros. Porque uma parte vai estimular a outra e a interajuda é sempre uma mais-valia. Em termos de terapias as coisas têm de ser adaptadas a uma parte e a outra.

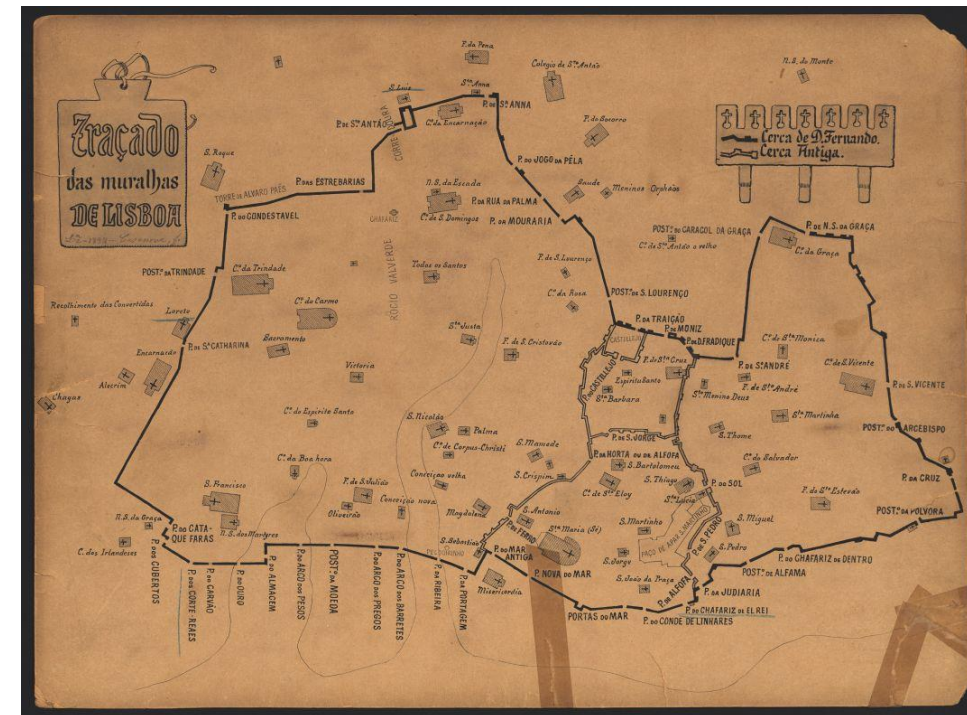
ANEXO

a) Neste anexo encontram-se imagens, fotografias, mapas, plantas e um entrevista que podem revelar-se essenciais para uma melhor compreensão ou complemento da informação desenvolvida ao longo da desta dissertação. (continuação)

Painel de azulejos: Grande panorama de Lisboa Paço da Ribeira Lisboa, c. 1700 Faiança a azul



Mapa de traçado das muralhas de Lisboa. – (Silva, A. Vieira da)



Prospecções ao terreno e vestígios arqueológicos Romanos – Registo intermédio de Lisboa CML



Mapa de Lisboa em 1856 Filipe Folque. (Registo do Palácio dos antigos Condes de Tentúgal)



Traçado da Cerca Fernandina, sobreposto à Planta de Lisboa de 1856/1857 (Pub. por A. Vieira da Silva, A Cerca Fernandina de Lisboa, Vol. 1, Lisboa, CML, 1987, 2ª edição)





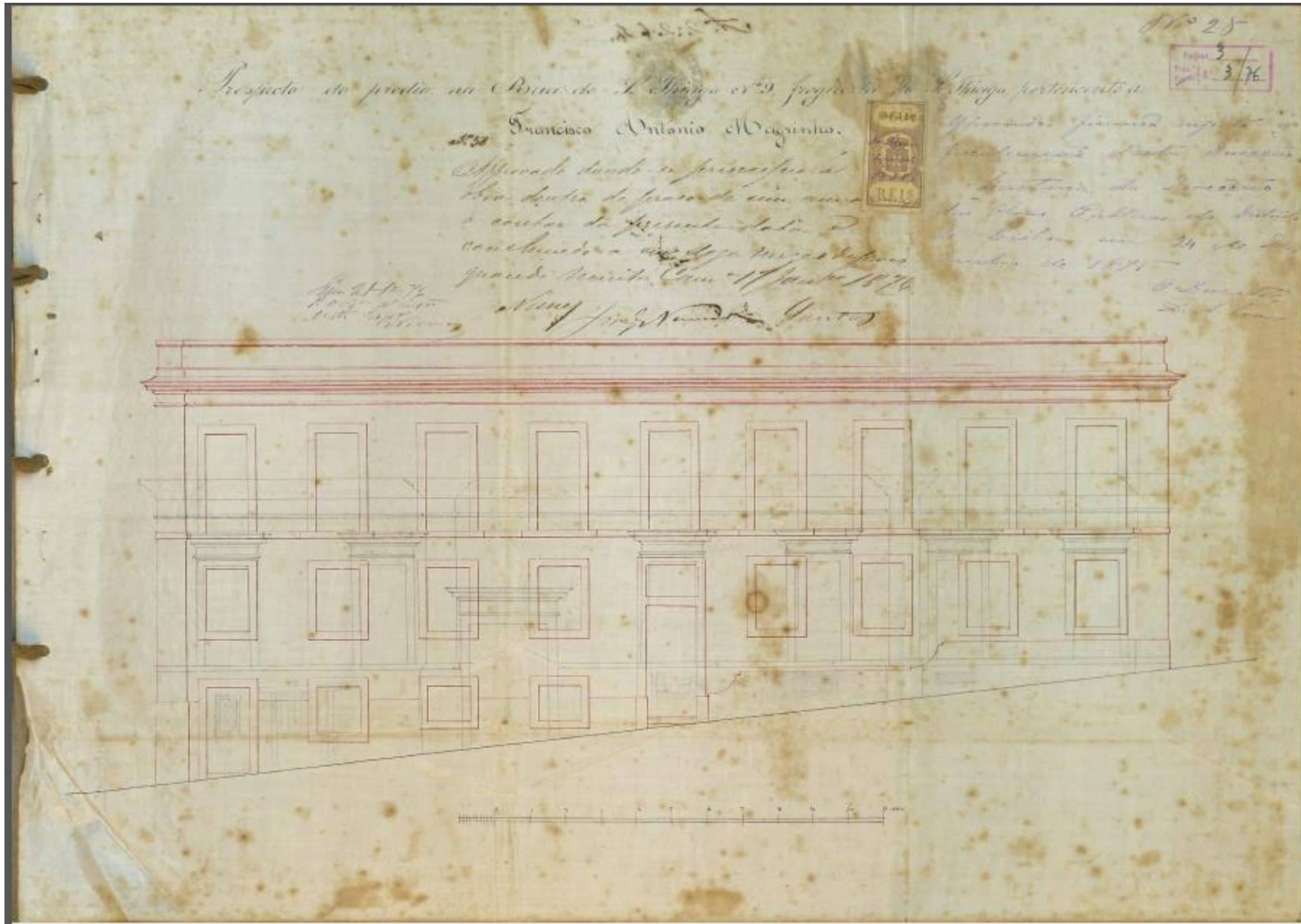
ANEXOS

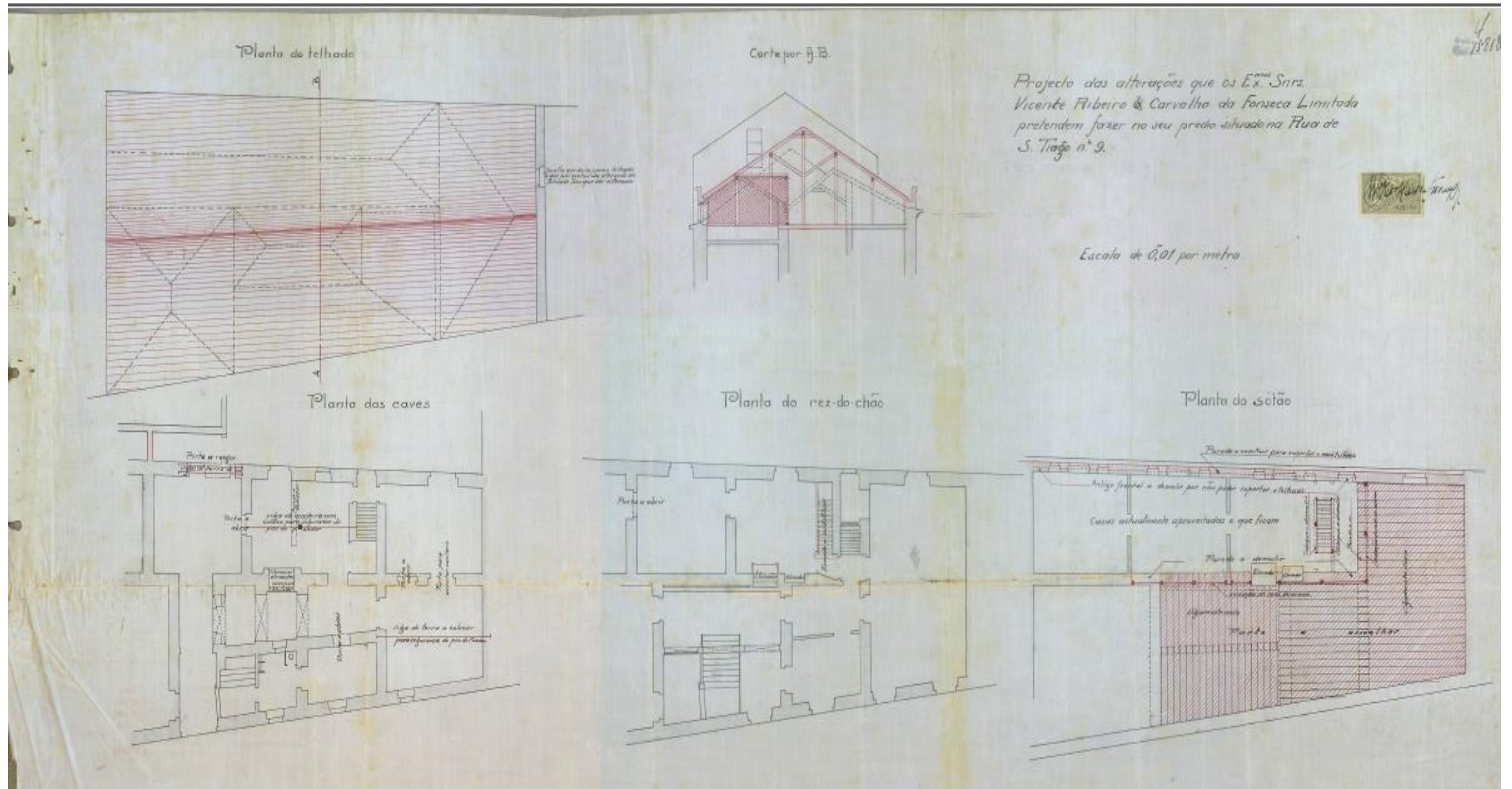
b) Neste anexo encontra-se o levantamento como base do projecto Planta do edificio principal do Palácio (1876) Arquivo Municipal de Lisboa



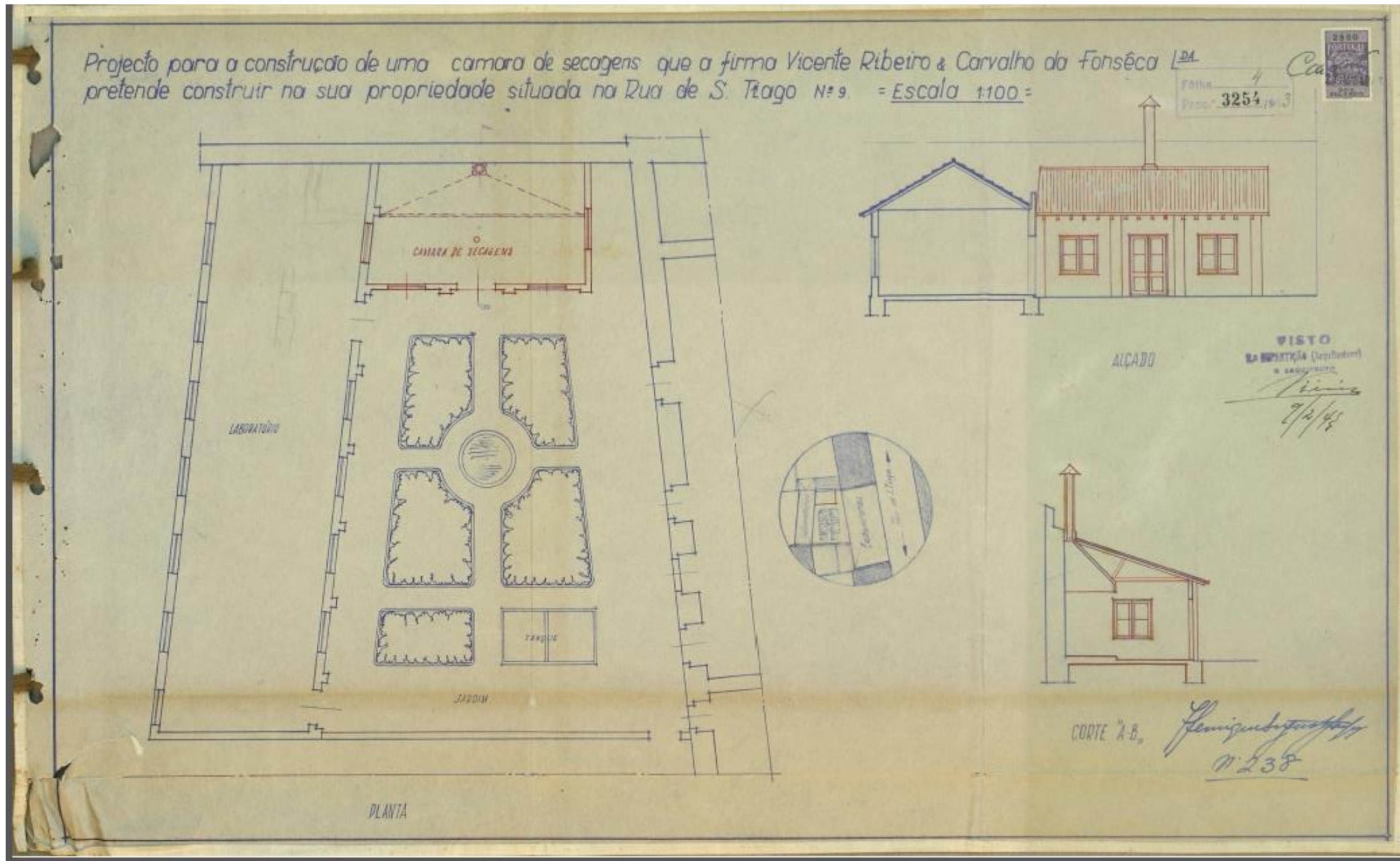
Pedido de alteração do desenho da fachada do edifício principal do Palácio (1876)

Arquivo Municipal de Lisboa





Pedido de construção do edifício 2 no pátio do Palácio – Câmara de secagem (1943)
Arquivo Municipal de Lisboa



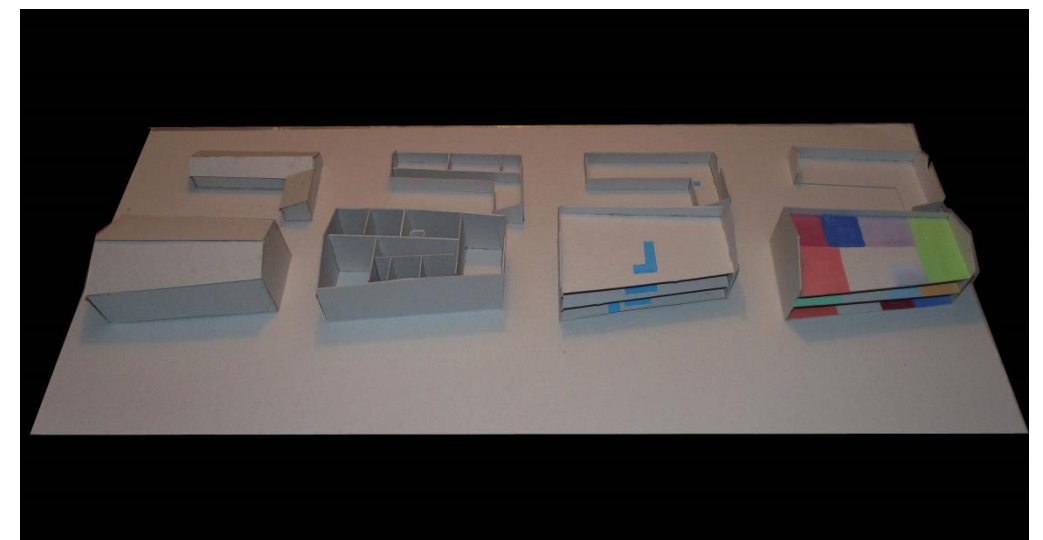
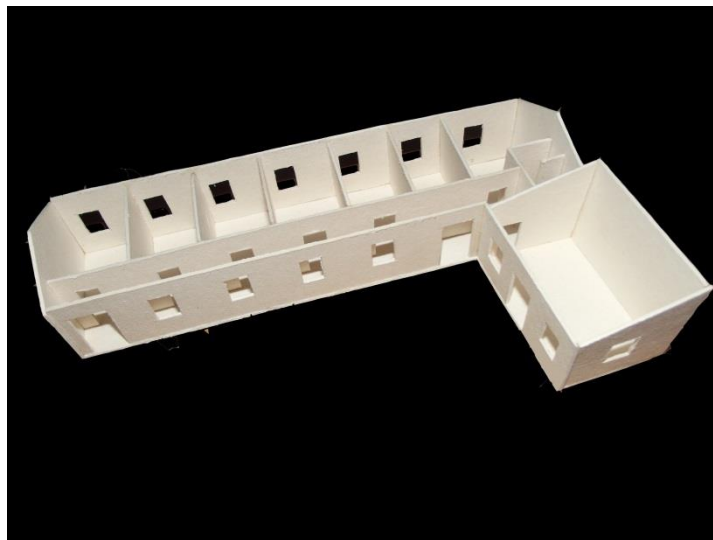
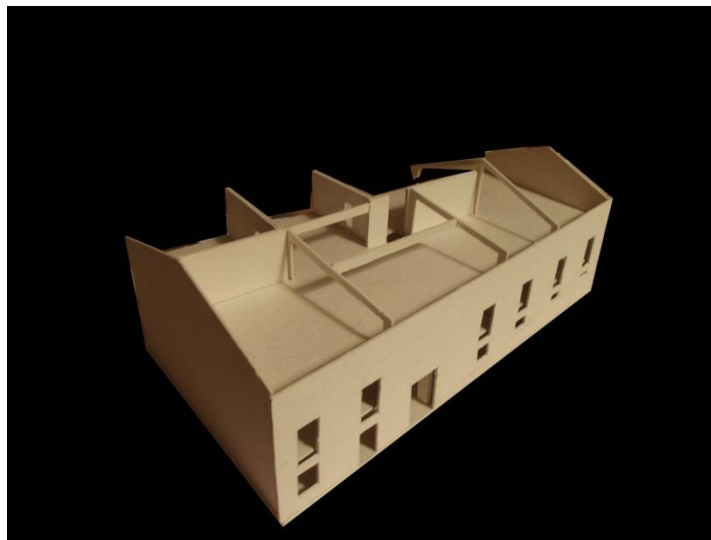
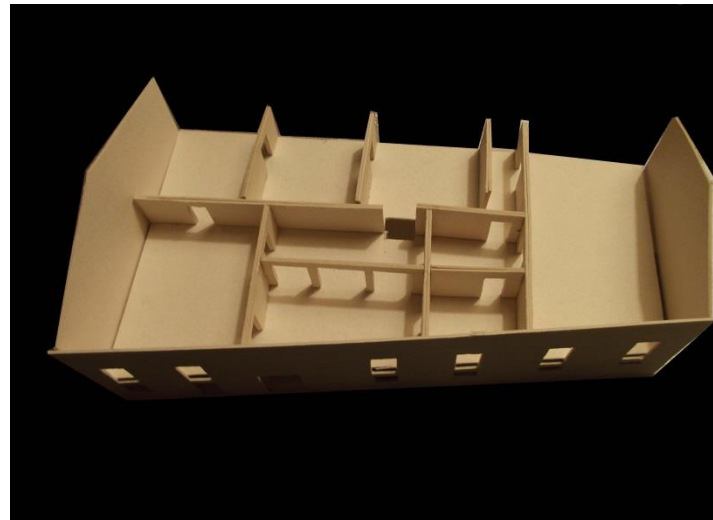
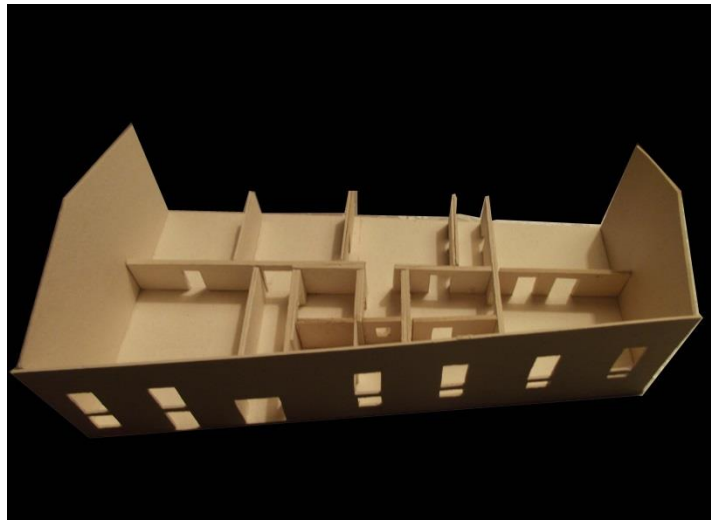
ANEXOS

c) Neste anexo encontram-se esboços e modelos tridimensionais essenciais no desenvolvimento do processo de trabalho.

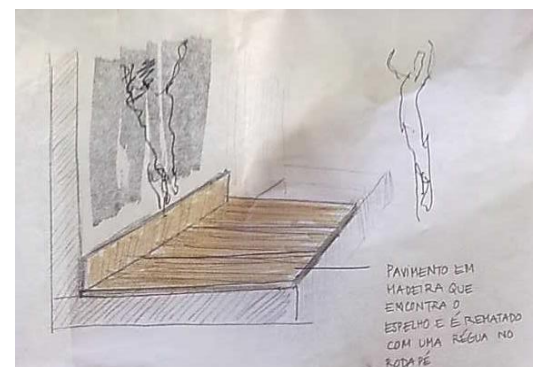
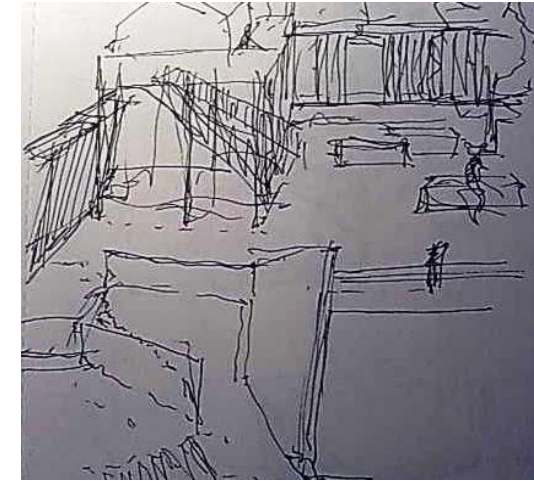
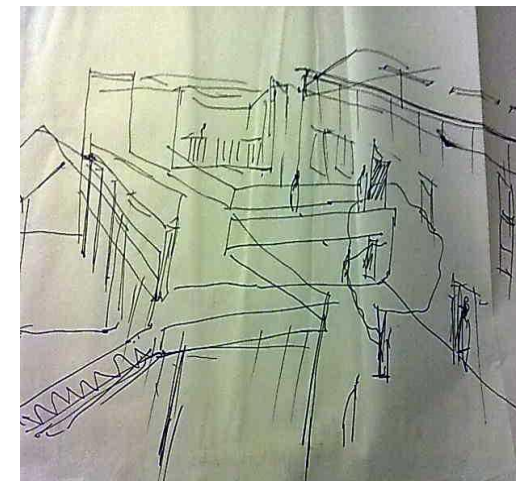
Registo Fotográfico da maquete à escala 1/1000: Fragmento Colina de São Jorge e Colina de São Vicente

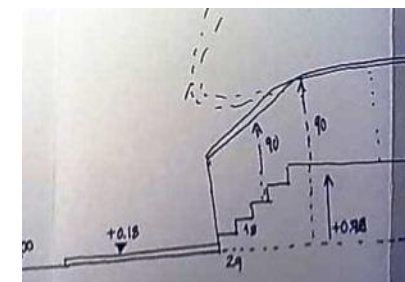
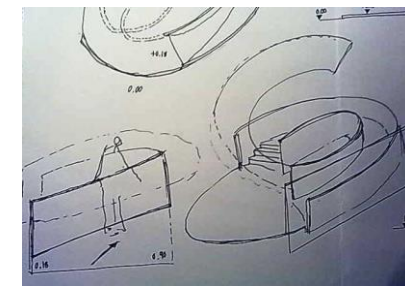
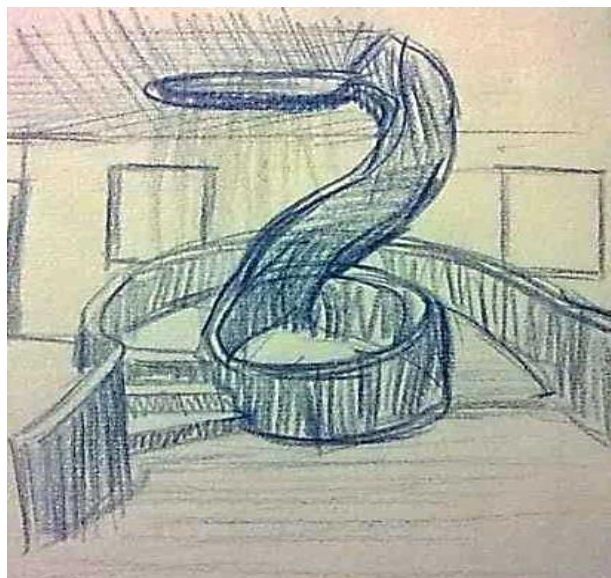
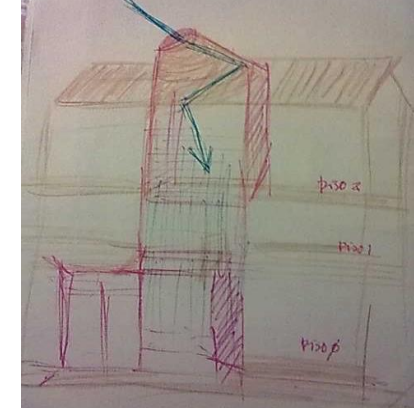
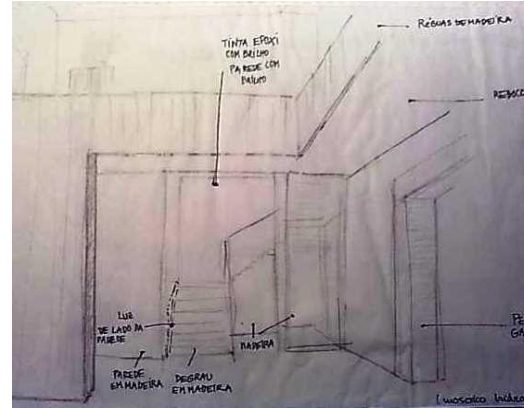
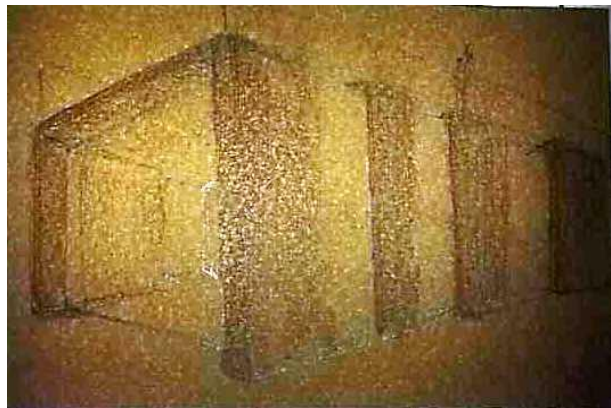
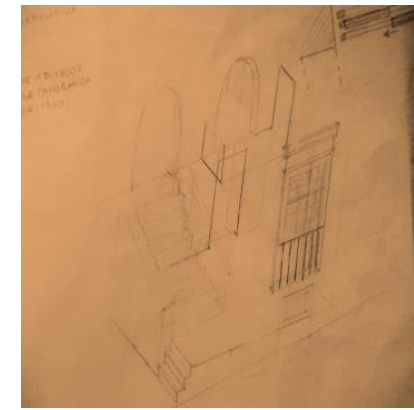
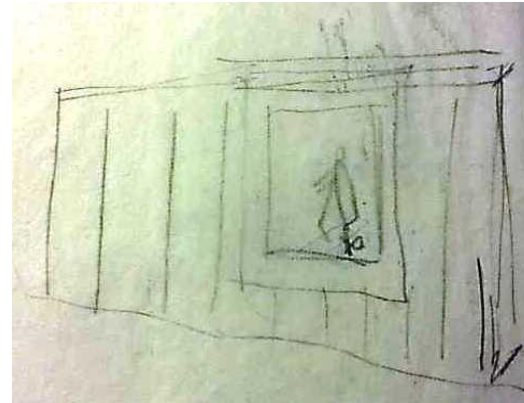
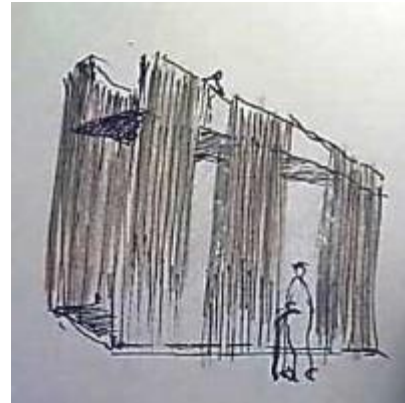
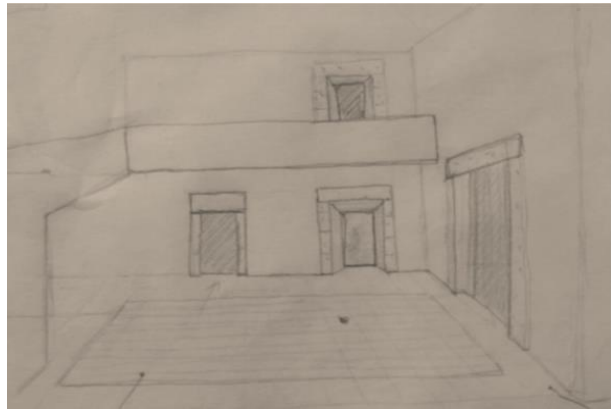


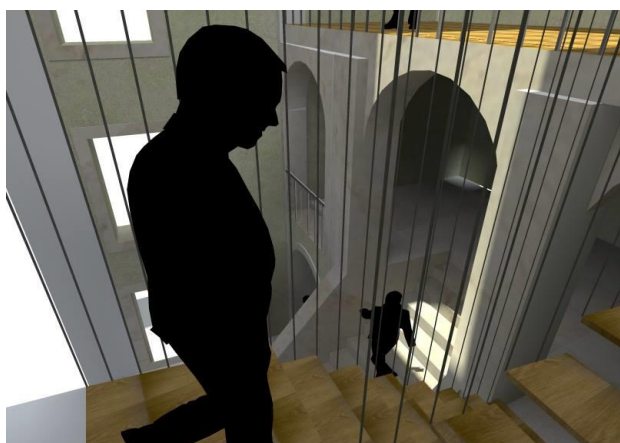
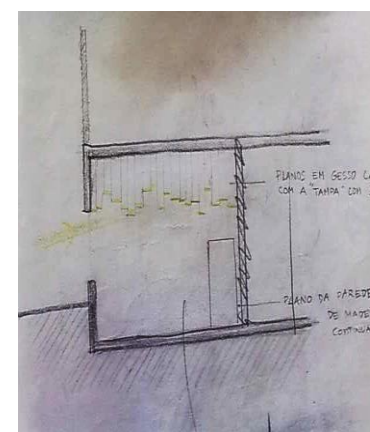
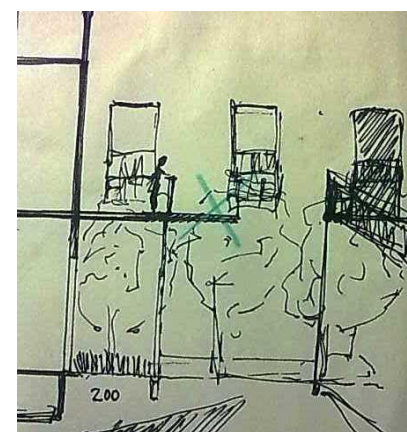
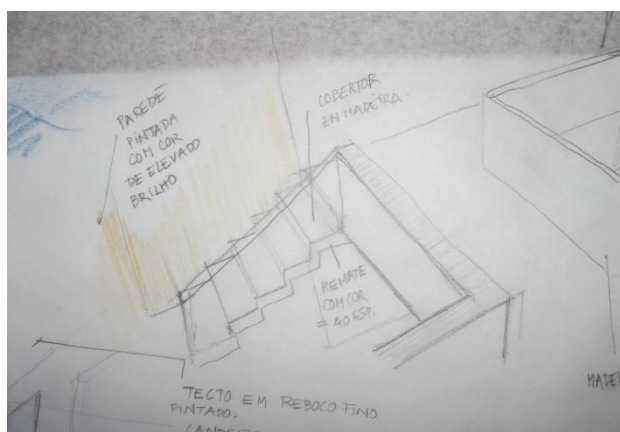
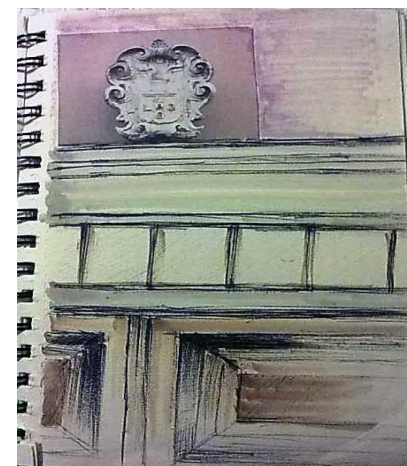
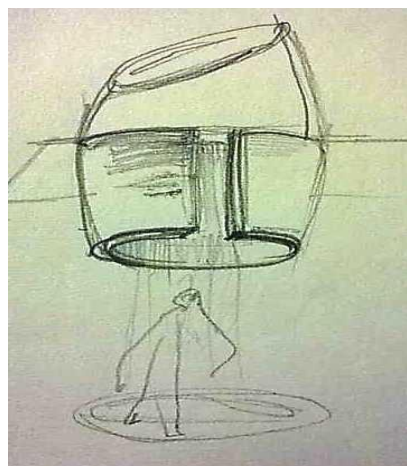
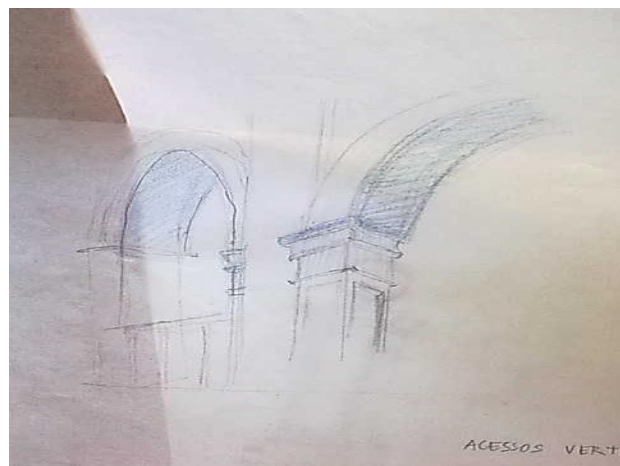
Registo fotográfico de maquetes de estudo à escala 1/100 do Palácio dos Condes de Tentúgal e conjunto de maquetes de estudo à escala 1/200: Volumes, estrutura, corpo de acessos e distribuição programática.



Registo fotográfico de desenhos em suporte de papel



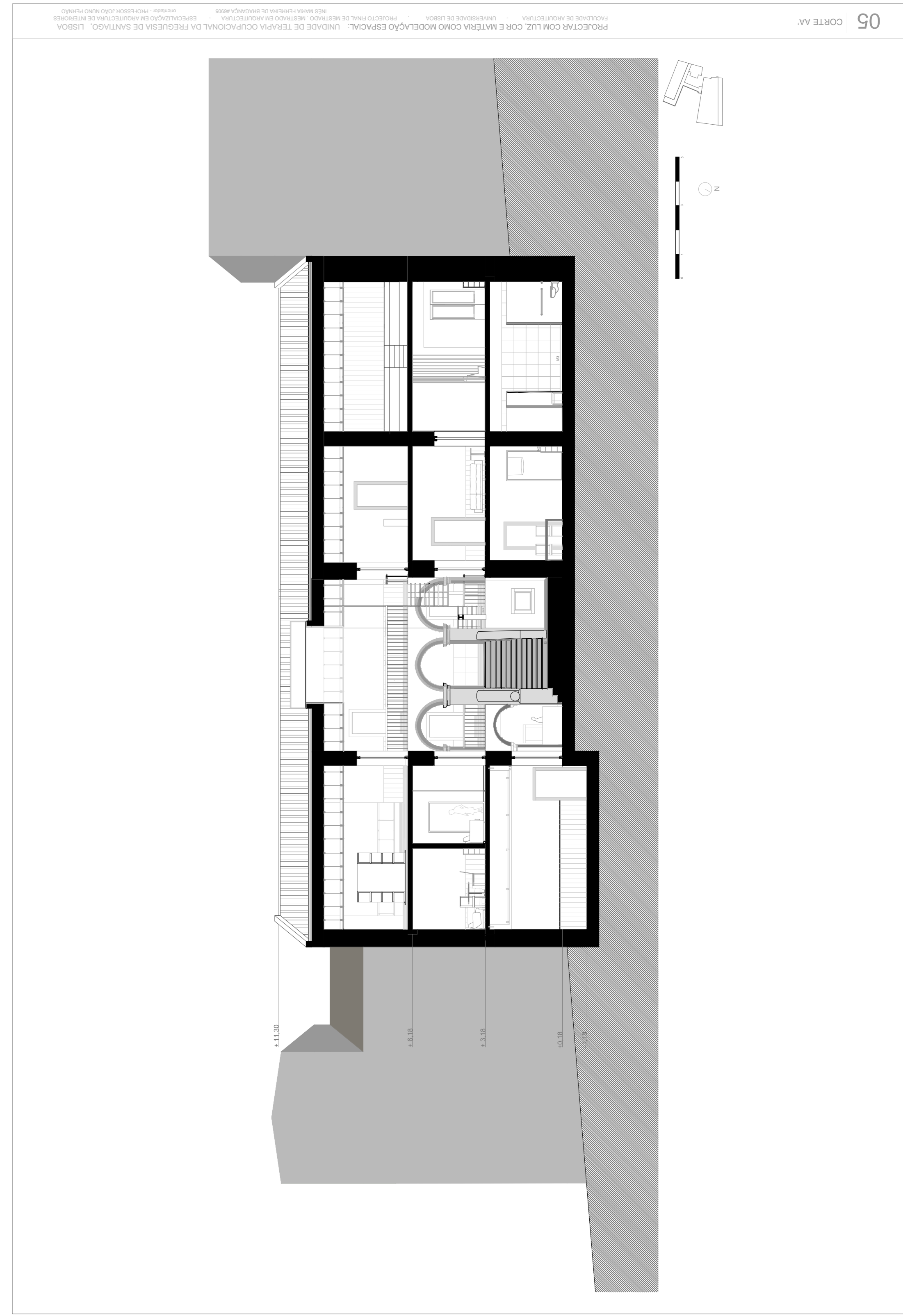


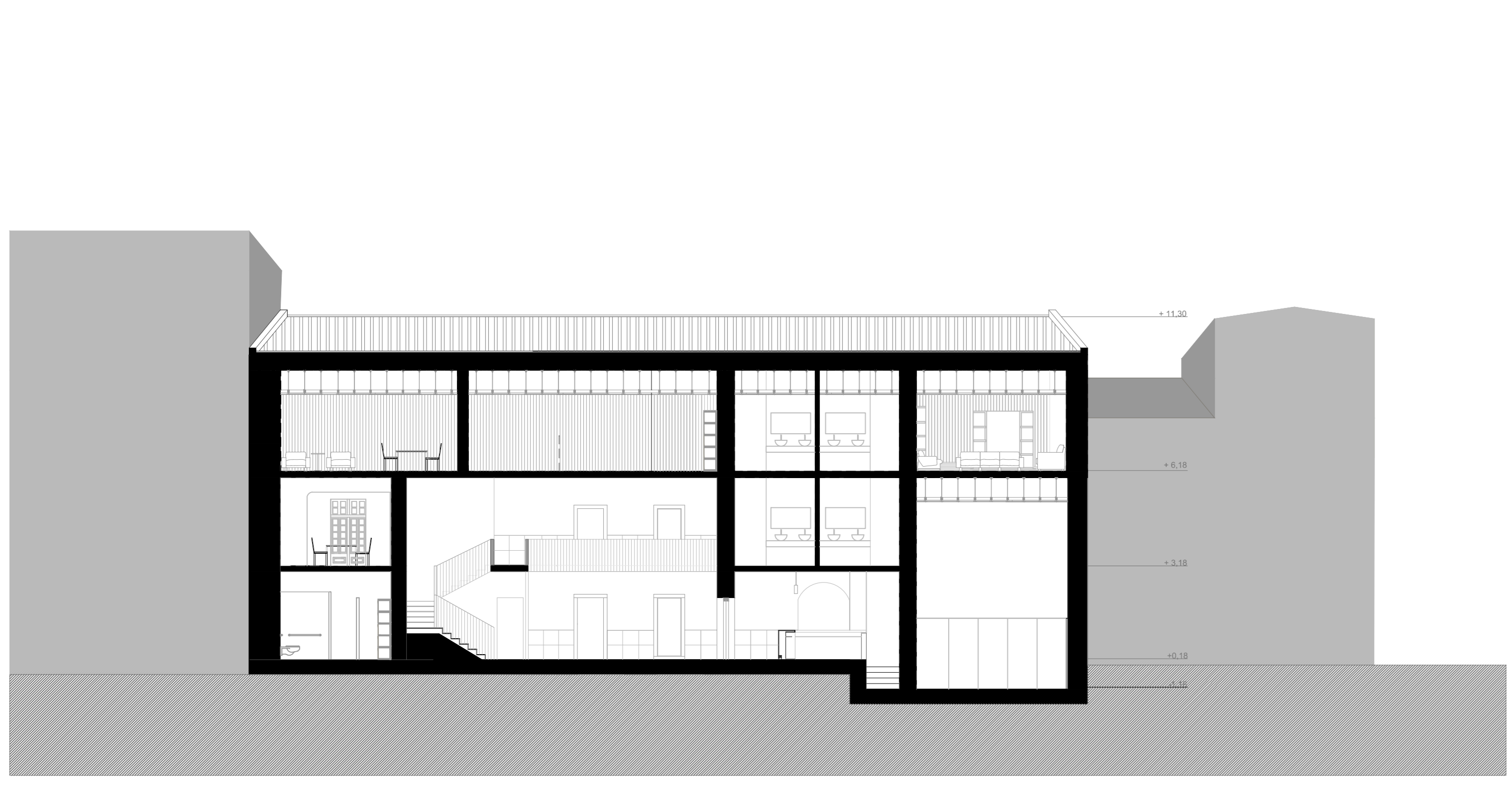


d) Projecto de arquitectura: Peças finais desenhadas:

Índice de desenhos:

- 01 Planta de Localização: Escala Gráfica
- 02 Planta Piso 0 (+ 0,18) (Escala Gráfica)
- 03 Planta Piso 1 (+ 3, 18) (Escala Gráfica)
- 04 Planta Piso 2 (+ 6,18) (Escala Gráfica)
- 05 Corte AA' (Escala Gráfica)
- 06 Corte BB' (Escala Gráfica)
- 07 Corte CC' (Escala Gráfica)
- 08 Corte DD' (Escala Gráfica)
- 09 Corte EE' Escala Gráfica)
- 10 Corte FF' (Escala Gráfica)
- 11 Corte GG' (Escala Gráfica)
- 12 Corte HH' (Escala Gráfica)
- 13 Corte II' (Escala Gráfica)
- 14 Alçado Principal – Bloco A (Escala Gráfica)
- 15 Pormenor construtivo- Fachada revestida a pedra (Escala Gráfica)
- 16 Pormenor construtivo- Passadiço (Escala Gráfica)
- 17 Pormenor construtivo- Balcão recepção (Escala Gráfica)
- 18 Mapa de vãos – Portas (Escala Gráfica)
- 19 Mapa de vãos – Portas (Escala Gráfica)
- 20 Mapa de vãos – Janelas (Escala Gráfica)
- 21 Mapa de vãos – Janelas (Escala Gráfica)





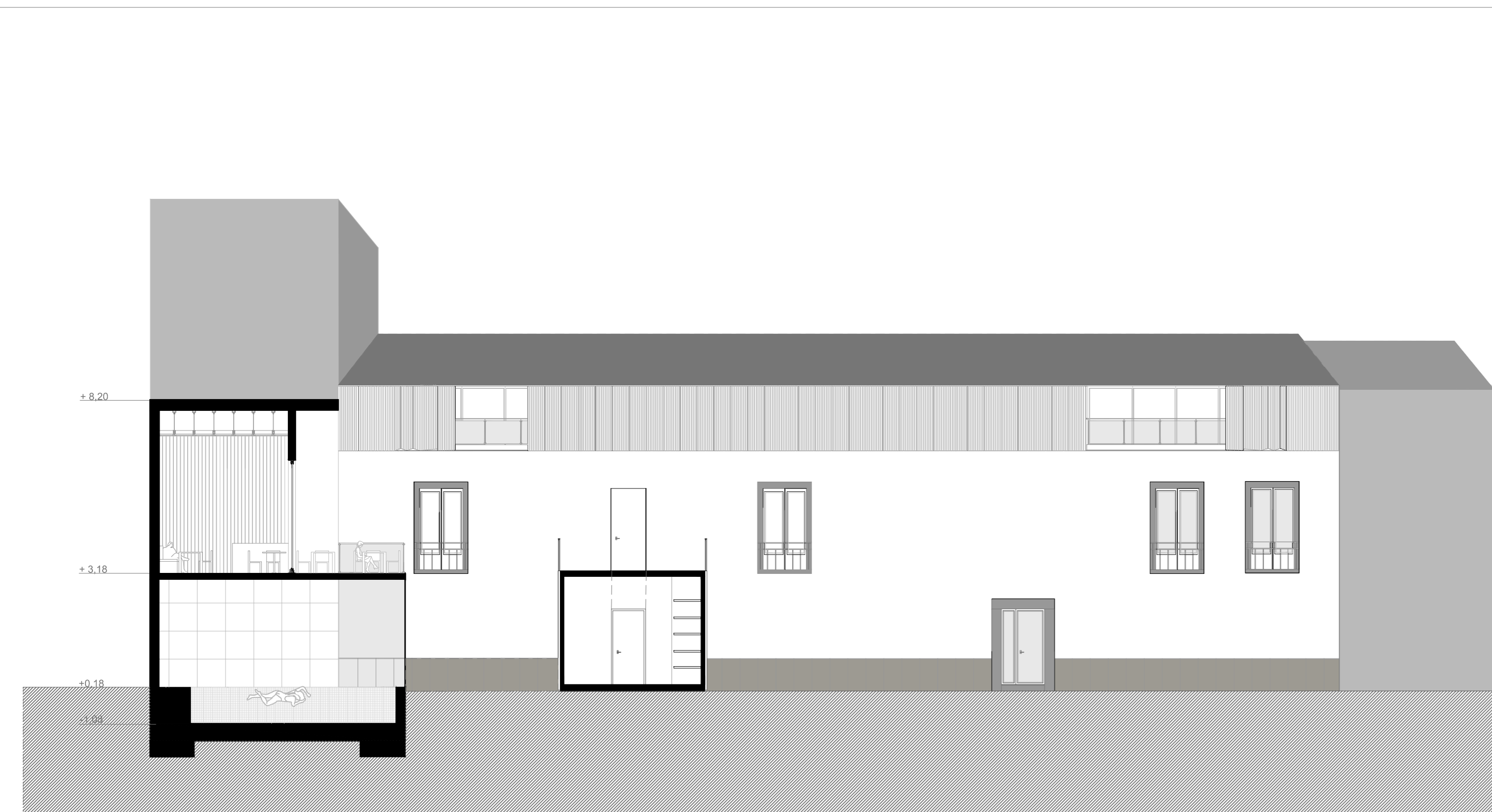
06 | CORTÉ 06

PROJETO DE ARQUITETURA DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL. LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ.



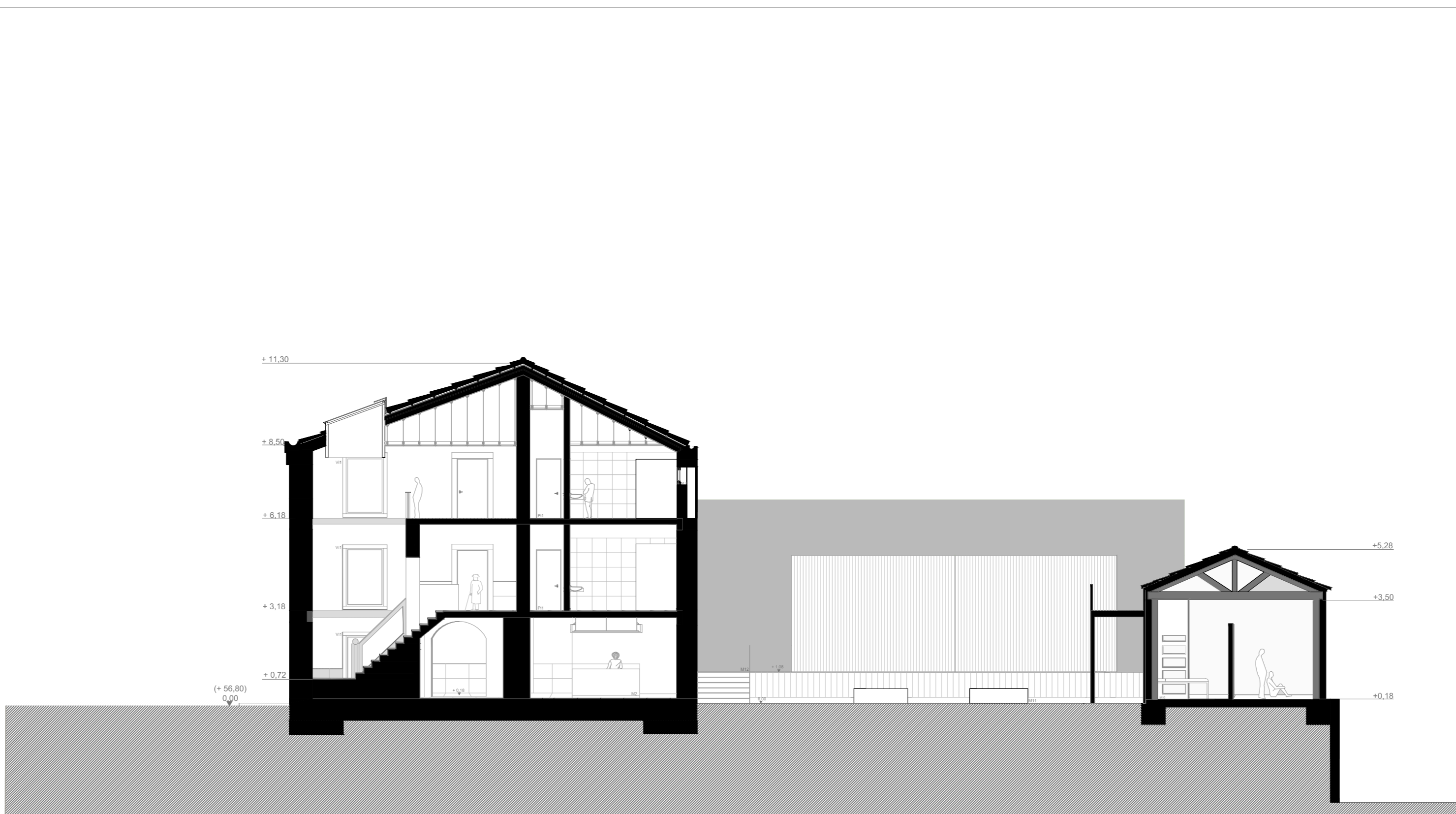
08 | CORTÉ 08

PROJETO DE ARQUITETURA DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL. LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ.



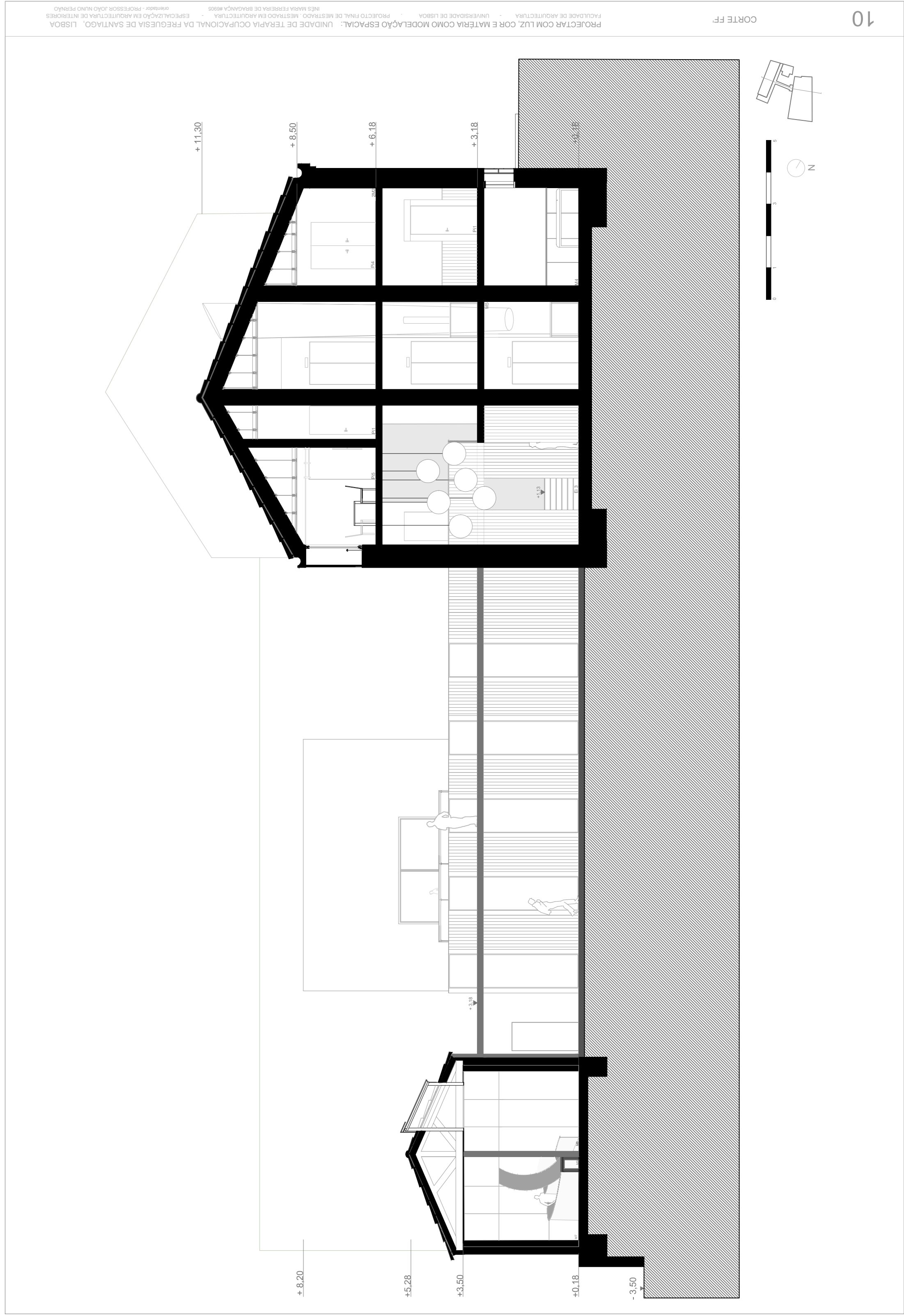
07 | CORTÉ 07

PROJETO DE ARQUITETURA DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL. LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ.



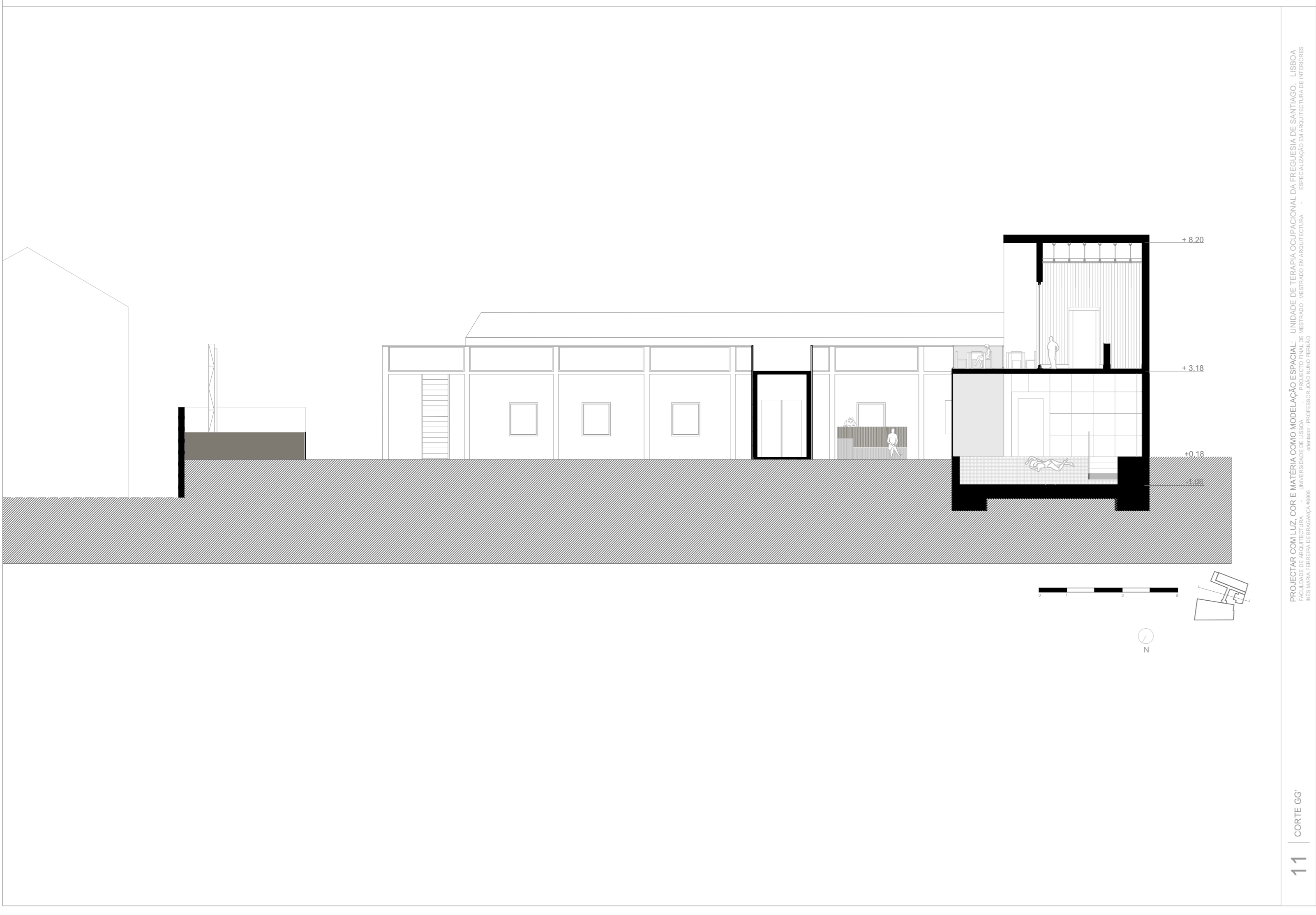
09 | CORTÉ 09

PROJETO DE ARQUITETURA DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL. LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ.



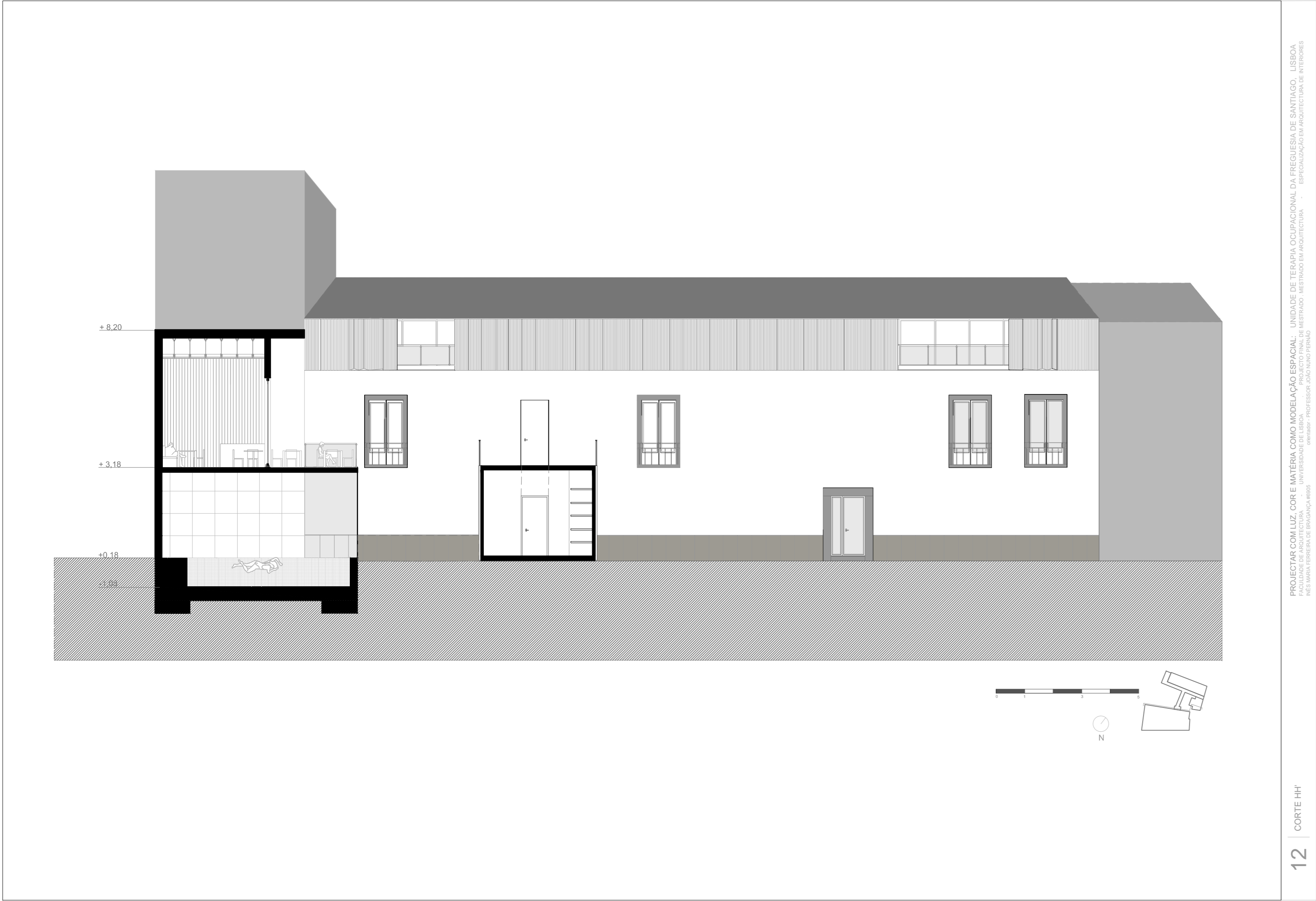
10 | CORTÉ 10

PROJETO DE ARQUITETURA DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL. LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ. O PROJETO É DE UM EDIFÍCIO COM FUNÇÃO EDUCACIONAL, LOCALIZADO EM TERESÓPOLIS, RJ.



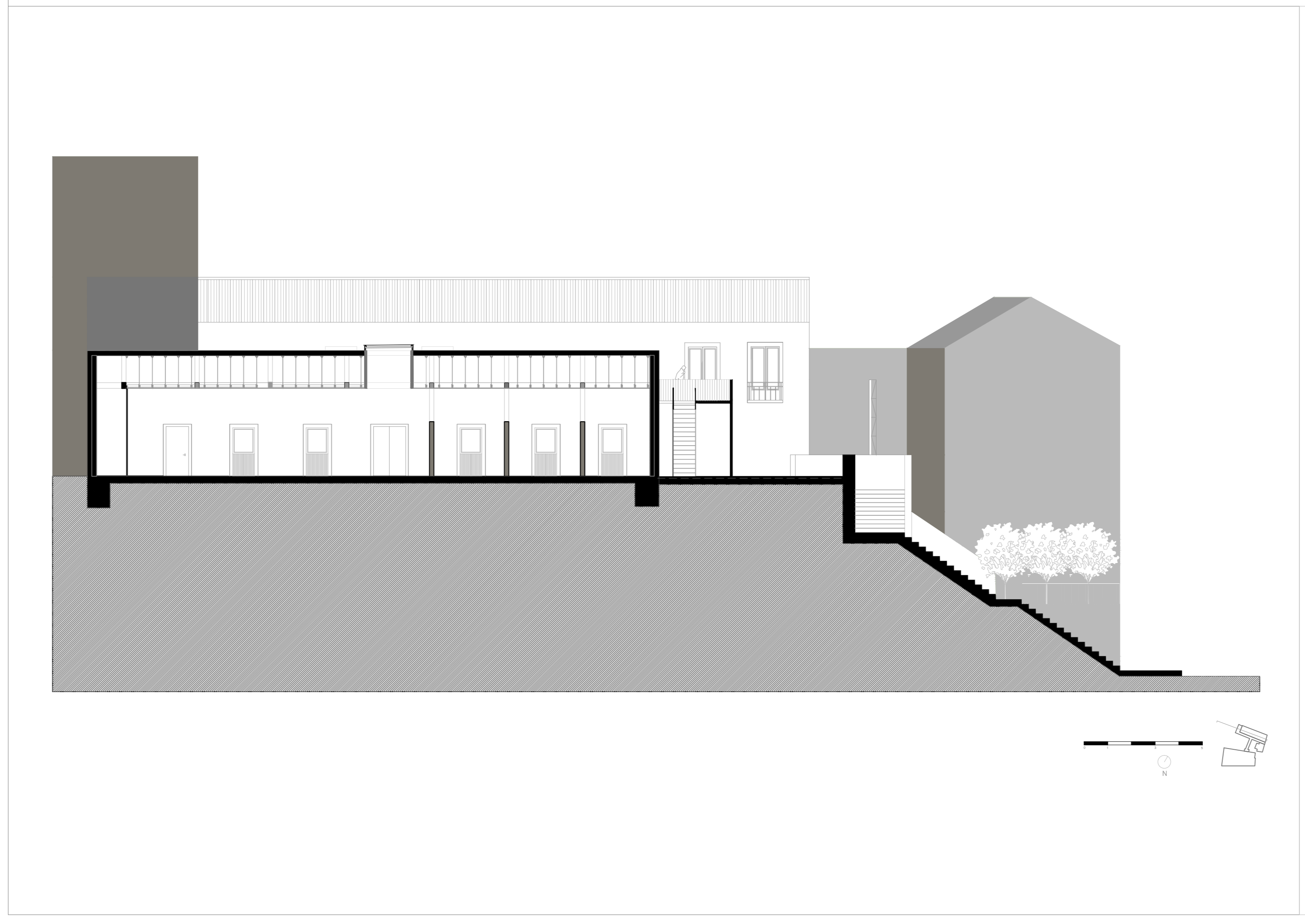
11 CORTA 00

PROJETO DE ARQUITETURA: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP
 LOCAL: SÃO PAULO - SP
 ANO: 2014
 AUTOR: [NOME DO ARQUITETO]
 TÍTULO: PROJETO DE ARQUITETURA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP



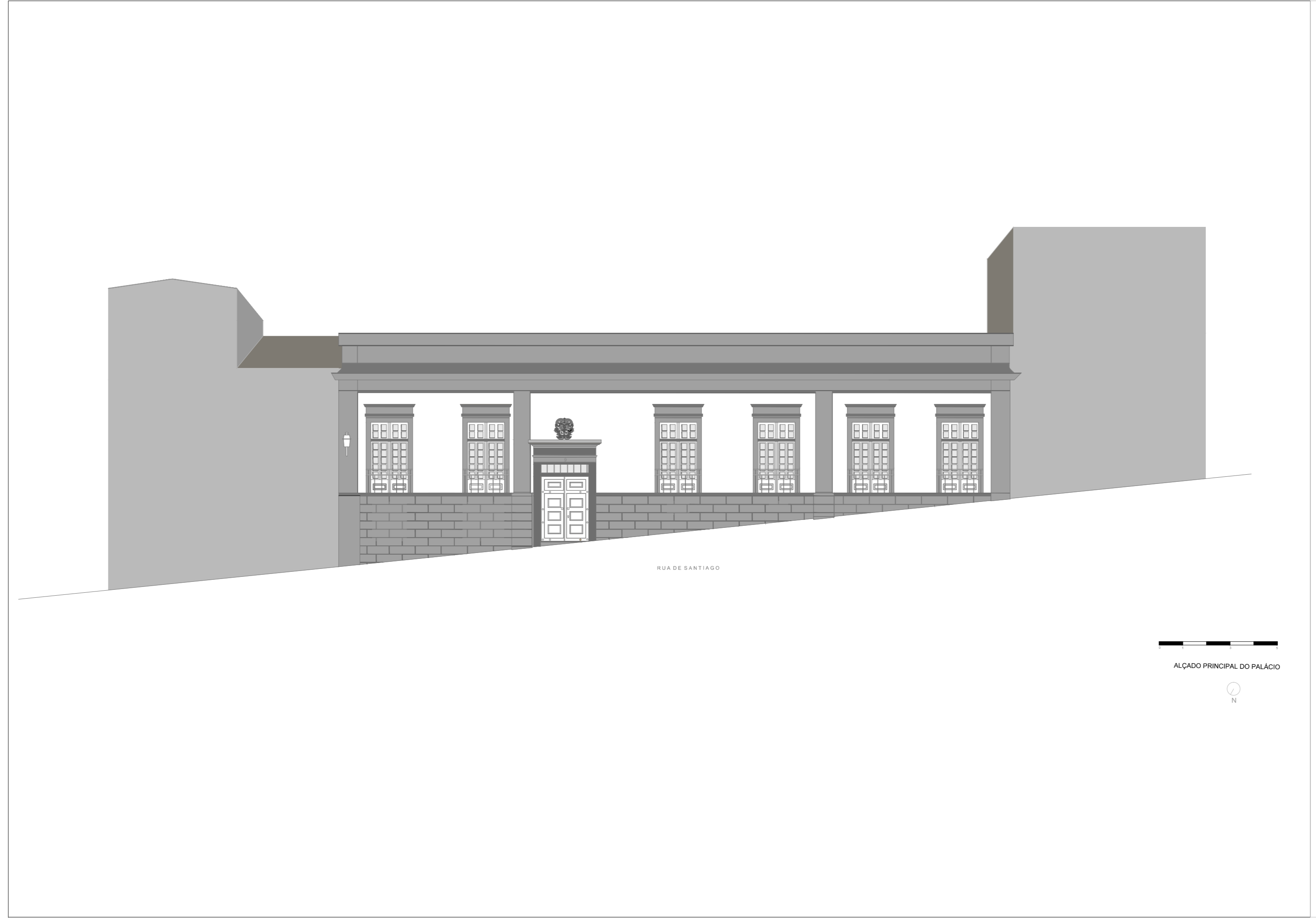
12 CORTA 01

PROJETO DE ARQUITETURA: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP
 LOCAL: SÃO PAULO - SP
 ANO: 2014
 AUTOR: [NOME DO ARQUITETO]
 TÍTULO: PROJETO DE ARQUITETURA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP



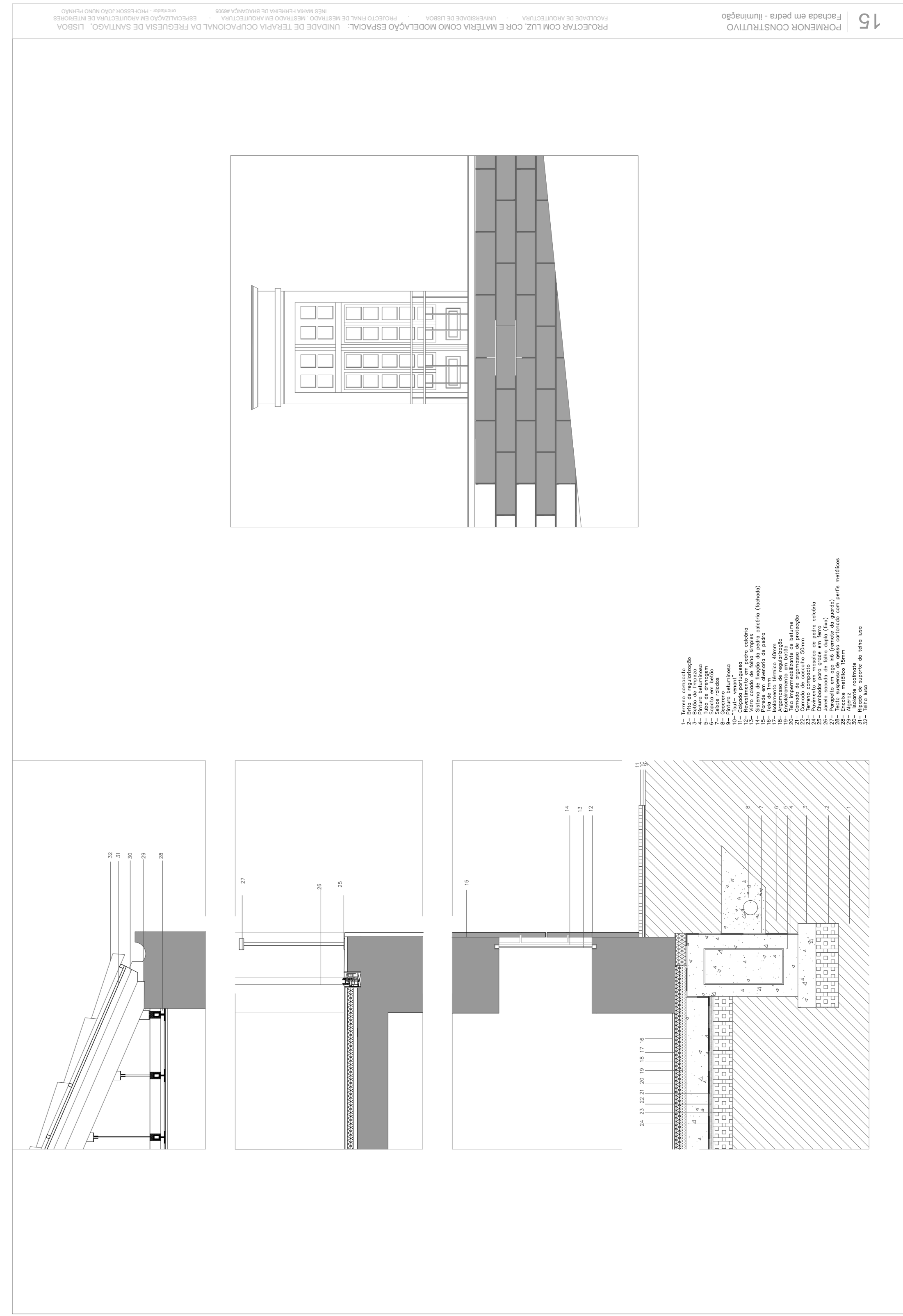
13 CORTA 02

PROJETO DE ARQUITETURA: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP
 LOCAL: SÃO PAULO - SP
 ANO: 2014
 AUTOR: [NOME DO ARQUITETO]
 TÍTULO: PROJETO DE ARQUITETURA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP

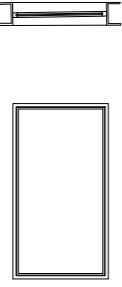


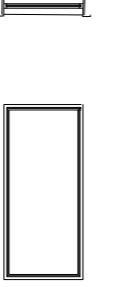

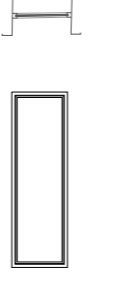
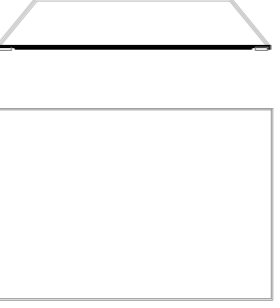


14 ALÇADO PRINCIPAL DO PALAÇO

PROJETO DE ARQUITETURA: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP
 LOCAL: SÃO PAULO - SP
 ANO: 2014
 AUTOR: [NOME DO ARQUITETO]
 TÍTULO: PROJETO DE ARQUITETURA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP



PROJETO DE ARQUITETURA: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP
 LOCAL: SÃO PAULO - SP
 ANO: 2014
 AUTOR: [NOME DO ARQUITETO]
 TÍTULO: PROJETO DE ARQUITETURA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO PAULO - IESP

							
VÃOS	v1	v2	v3	v4	v5	v6	v7
QUANTIDADE	5	1	1	1	1	1	1
TIPO	Uma folha fixa 120x210 cm	Uma folha fixa 80x60 cm	Uma folha fixa 80x65 cm	Uma folha fixa 90x210 cm	Uma folha fixa 130x210 cm	Uma folha fixa 80x210 cm	Uma folha móvel 360x250 cm
ARO	Madeira Maciça	Madeira Maciça	Madeira Maciça	Madeira Maciça	Madeira Maciça	Madeira Maciça	Madeira Maciça
VIDRO	Vidros laminados e temperado transparente (8mm)	Vidros laminados e temperado transparente (8mm)	Vidros laminados e temperado transparente (8mm)	Vidros laminados e temperado transparente (8mm)	Vidros laminados e temperado transparente (8mm)	Vidros laminados e temperado translúcido (8mm)	Vidros laminados e temperado translúcido (8mm)
FECHADURA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
PUXADORES	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox	FERROVIA Cremona de aço inox
DIVERSOS/ OBSERVAÇÕES	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira	-Vão novo - Calha de vedação para soleira
ESTORES	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____